

H.P. LOVECRAFT

DAGON

ILUMI/URAS



"A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão estes fatos, e a verdade admitida deve firmar para sempre a autenticidade e dignidade das narrações fantásticas de horror como forma literária." H.P. L.

H.P. Lovecraft (1890-1937), foi o mais importante escritor do sobrenatural desde Edgar Poe, e tem sido influência fundamental no desenvolvimento do gênero. Não há na literatura um escritor semelhante. Talvez possamos dizer que seja Lovecraft quem deixou no século vinte os passos a serem seguidos por gerações de escritores, que o tem como mestre confesso.

Foi um visionário, alguém capaz de entrar no mundo dos sonhos e de lá nos trazer o pesadelo, o terror que ronda a noite. Ali, onde o terror faz sua irrupção, é que se gesta a literatura de Lovecraft, amparada num elíptico estilo, que faz o deleite de seu leitores. Conhecedor profundo do gênero (não há ingenuidade em suas narrativas, como o seu ensaio *O horror sobrenatural na literatura*, pode atestar), o autor nunca se deixou levar por facilidades ou empatias emotivas, para colocar o seu leitor no limbo. Como ele mesmo nos diz, a dor e o perigo de morte são os sentimentos mais vividamente lembrados. O lado negro da existência é reforçado por um manejo extra-

ordinário de mistérios cósmicos, dando forma a mundos paralelos sempre a espreita com suas funestas hostilidades. Ele diz no mesmo ensaio, que "quando a esse sentimento de medo e desgraça se adiciona a fascinação inevitável do espanto e da curiosidade, nasce um corpo composto de emoção exacerbada e imaginativa provocada, cuja vitalidade certamente há de durar tanto quanto a própria raça humana". E mais adiante: "não se deve confundir literatura de pavor com um tipo bastante semelhante mas psicologicamente muito diferente: a literatura de medo meramente físico e do horror terreno. (...) O verdadeiro conto de horror tem algo mais que sacrifícios secretos, ossos ensangüentados ou formas amortalhadas fazendo tinir correntes em concordância com as regras. Há de estar presente uma certa atmosfera de terror sufocante e inexplicável ante forças externas ignotas; e tem que haver uma alusão, expressa com a solenidade e seriedade adequada ao tema, à mais terrível concepção da inteligência humana – uma suspensão ou derrogação particular das imutáveis leis da Natureza, que são a nossa única defesa contra as agressões do caos e dos demônios do espaço insondado". Todas as minhas histórias – nos diz – estão baseadas na crença ou lenda fundamental de que este mundo esteve habitado em outros tempos por uma raça que vive agora esperando o dia em que tomará de vez posse da Terra. Lovecraft criou mitos que expressam a grandeza e o terror do universo.

O século que experimentou um fantástico progresso na mecanização da produção, uma extraordinária jornada de investigação, sob a égide da ciência, de todos os meandros da atividade humana — produtiva, social, mental —, foi também o período em que mais proliferaram, na cultura universal, as incursões artísticas na esfera do imaginário, os mergulhos no mundo indecassável do inconsciente. Literatura, rádio, cinema, música, artes plásticas, e depois, também, a televisão, entrelaçaram-se na criação e recriação de mundos sobrenaturais, em especulações sobre o presente e o futuro, em aventuras imaginárias além do universo científico e da realidade aparente da vida e do espírito humanos.

Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), embora não tenha alcançado sucesso literário em vida, foi postumamente reconhecido como um dos grandes nomes da literatura fantástica do século XX, influenciando artistas contemporâneos, tendo histórias suas adaptadas para o rádio, o cinema e a televisão e um público fiel constantemente renovado a cada geração. Explorando em poemas, contos e novelas os mundos insólitos que inventa e desbrava com a mais alucinada imaginação, Lovecraft seduz e envolve seus leitores numa teia de situações e seres extraordinários, ambientes oníricos, fantásticos e macabros que os distancia da realidade cotidiana e os convoca a um mergulho nos mais profundos e obscuros abismos da mente humana.

Dono de uma escrita imaginativa e muitas vezes poética que se desdobra em múltiplos estilos narrativos, Lovecraft combina a capacidade de provocar a ilusão de autenticidade e verossimilhança com as mais desvairadas invenções de sua arte. Ele povoa seu universo literário de monstros e demônios, de todo um panteão de deuses terrestres e extraterrestres interligados numa saga mitológica que perpassa várias de suas narrativas e de homens sensíveis e sonhadores em perpétuo conflito com a realidade prosaica do mundo.

H.P. Lovecraft

DAGON

Tradução Celso M. Paciornik

Títulos originais:

The lurking fear, Dagon, Arthur Jermyn, The temple, The moon-bog, The unnamable, The outsider, The shadow over Innsmouth

Capa: Fê

Estúdio A Garatuja Amarela

Revisão: Maria Esteia de Alcântara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lovecraft, H. P., 1890-1937

Dagon / H. P. Lovecraft; tradução Celso M. Paciornik.

— 2. ed. — São Paulo : Iluminuras, 2005.

Título original: Dagon. ISBN 85-7321-225-X

1. Ficção norte-americana I. Título.

35-4530 CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813.5

ÍNDICE

O terror emboscado

Dagon

Arthur Jermyn

O templo

O pântano lunar

O inominável

O intruso

A sombra sobre Innsmouth

O MEDO À ESPREITA

I. A sombra na chaminé

Trovejava na noite em que fui ao solar deserto no topo da Tempest Mountain para me defrontar com o medo que estava à espreita. Eu não estava só, pois a temeridade não se confundia, então, com aquele amor pelo grotesco e o terrível que fez de minha carreira uma sucessão de horrores singulares na literatura e na vida. Estavam comigo dois homens fortes e leais que chamei quando chegou o momento, homens que, por sua peculiar adequação, havia muito se tinham associado a mim em minhas pavorosas investigações.

Sáíamos discretamente do vilarejo por causa dos repórteres que ainda se demoravam por lá depois do pânico sinistro de um mês antes — o pesadelo da morte arrepiante. Mais tarde, pensei, eles poderiam ajudar-me, mas não os queria naquele momento. Praza Deus eu os tivesse deixado partilhar da busca, pois assim não teria de suportar, sozinho e por tanto tempo, o segredo, suportá-lo sozinho temendo que o mundo me achasse louco ou ele próprio enlouquecesse com as implicações diabólicas da coisa. Agora que, de qualquer sorte, estou contando tudo para que as aflições não me enlouqueçam, gostaria de não o haver ocultado. Pois eu, e so-

mente eu, sei que tipo de pavor estava à espreita naquela montanha espectral e desolada.

Metidos num pequeno automóvel, cobrimos as milhas de morros e florestas primitivas até a encosta arborizada o impedir de seguir em frente. A região apresentava um aspecto mais sinistro do que o usual agora que a víamos à noite e sem as multidões costumeiras de investigadores, o que freqüentemente nos induziu a usar a lanterna de acetileno apesar da atenção que ela poderia atrair. Não era uma paisagem salubre depois de escurecer, e acredito que teria notado sua morbidez mesmo se não tivesse conhecimento do terror que andava à solta por lá. Criaturas selvagens não havia — elas ficam alertas quando a morte furtiva aproxima-se. As velhas árvores atingidas pelos raios pareciam extraordinariamente grandes e retorcidas, e o restante da vegetação terrivelmente denso e febril, enquanto curiosos montículos e outeiros no terreno coberto de mato esburacado por fulguritos¹ sugeriam-me serpentes e crânios humanos avolumados a proporções gigantescas.

O medo estivera à espreita na 'Tempest Mountain'² por mais de um século. Isto eu logo fiquei sabendo pelos relatos dos jornais sobre a catástrofe que, pela primeira vez, atraiu o interesse mundial para a região. O lugar é uma ele-

¹ Crosta vitrificada originada pela fusão de areia, ou de qualquer outra rocha, por efeito do calor do raio. (N.T.)

² Montanha da Tempestade. (N.T.)

vação solitária e remota naquela parte das Catskills, onde a civilização holandesa penetrara, um dia, fraca e provisoriamente, deixando para trás, ao regredir, apenas algumas mansões arruinadas e uma população degenerada de posseiros habitando vilarejos esqueléticos em ladeiras isoladas. Pessoas normais raramente visitavam o local antes da constituição da polícia estadual, e, mesmo agora, somente policiais montados o patrulham irregularmente. O medo, porém, é uma velha tradição em todas as povoações vizinhas, pois é o tópico principal da conversa simples dos pobres mestiços que às vezes abandonam seus vales para trocar cestos tecidos à mão pelos produtos de primeira necessidade primitivos que não podem derrubar com um tiro.

O medo estava à espreita no temido e deserto solar Martense que coroava o cume alto, mas não escarpado, cuja propensão a freqüentes tempestades lhe valera o nome de *Tempest Mountain*. Por mais de cem anos, a vetusta casa de pedra rodeada de bosques fora o mote de histórias extremamente violentas e repulsivas, histórias sobre uma morte colossal, silenciosa e arrepiante que rondava o lado de fora da casa no verão. Com chorosa insistência, os posseiros contavam casos de um demônio que atacava os viajantes solitários depois do escurecer, ora os carregando embora, ora os deixando desmembrados, em estado de pavor absoluto; às vezes, eles segredavam histórias de trilhas de sangue seguindo na direção do longínquo solar. Para

alguns, o trovão tirava o medo à espreita para fora de sua morada, enquanto que para outros, o trovão era a sua voz.

Ninguém que fosse de fora da região acreditava nessas histórias variadas e conflitantes, com suas descrições extravagantes, incoerentes, sobre um demônio apenas vislumbrado, mas nenhum agricultor ou aldeão duvidava de que o solar Martense fosse mal-assombrado. A história local excluía essa dúvida, muito embora os investigadores que haviam visitado a construção depois de alguns relatos especialmente exaltados dos posseiros jamais houvessem encontrado a menor evidência de malignidade. As velhas avós narravam mitos estranhos sobre o espectro dos Martense, mitos sobre a própria família Martense, sua singular desigualdade hereditária nos olhos, sua extensa e desnaturada crônica familiar e o assassinato que a amaldiçoara.

O terror que me levou àquele ambiente foi uma confirmação súbita e agourenta das mais desvairadas lendas dos montanhese. Certa noite estivei, depois de uma tempestade de violência sem precedente, a região foi despertada por uma correria de posseiros que uma mera ilusão não teria provocado. As hordas deploráveis de nativos gritavam e guinchavam sobre o indescritível horror que se descera sobre eles e não se mostravam inseguras. Não o haviam visto, mas tinham ouvido gritos de tal monta saídos de um vilarejo, que sabiam que uma morte rastejante havia chegado.

Pela manhã, gente da cidade e policiais montados da guarda estadual acompanharam os abalados montanhese até o lugar aonde diziam que a morte comparecera. A morte estava mesmo por lá. O chão embaixo de uma povoação de posseiros cedera depois de um raio, destruindo vários barracos malcheirosos, mas, a esses danos materiais, sobrepunha-se uma devastação orgânica que empanava por completo a sua importância. Dos possíveis setenta e cinco nativos que habitavam o local, não se avistou nenhum vivo. A terra revolvida estava coberta de sangue e restos humanos evidenciando, com extrema eloquência, a devastação provocada pelas presas e garras do demônio, embora não houvesse uma trilha visível afastando-se da carnificina. Todos prontamente concordaram que o causador daquilo devia ser algum animal pavoroso, e nenhuma voz ergueu-se para renovar a acusação de que aquelas mortes enigmáticas poderiam ser atribuídas aos sórdidos assassinos tão comuns nas comunidades decadentes. Essa acusação só foi retomada quando se deu pela falta, entre os mortos, de vinte e cinco membros, talvez, da população estimada, e mesmo assim era difícil explicar o assassinato de cinquenta pela metade desse número. Mas persistia o fato de que, numa noite estívia, um raio caíra dos céus extinguindo uma vila cujos corpos estavam horivelmente misturados, mastigados e dilacerados.

A alvoroçada gente do mato relacionou imediatamente o horror ao assombrado solar

Martense, embora os dois locais ficassem mais de três milhas distantes. Os policiais mostraram-se mais céticos, incluindo o solar em suas investigações por mera formalidade e descartando-o sumariamente quando o encontraram por completo deserto. Os campônios e aldeões, porém, esmiuçaram o lugar com infinito cuidado, revirando tudo que havia no interior da casa, perscrutando lagoas e riachos, batendo os arbustos e esquadrinhando as matas próximas. Foi tudo em vão; a morte havia partido sem deixar nenhum traço, salvo a própria destruição.

No segundo dia de busca, o caso foi amplamente ventilado pelos jornais. Repórteres infestaram a Tempest Mountain. Eles a descreveram com grande detalhe e com muitas entrevistas para elucidar o caso de horror tal como era contado pelas velhas locais. Eu acompanhei as matérias de início com indiferença, especialista que sou em horrores, mas, depois de uma semana, captei uma atmosfera que me deixou especialmente animado, e assim, em 5 de agosto de 1921, registrei-me entre os repórteres que lotavam o hotel de Lefferts Corners, o vilarejo mais próximo da Tempest Mountain e quartel-general reconhecido dos investigadores. Três semanas mais tarde, a dispersão dos repórteres deixou-me livre para iniciar uma terrível investigação com base nos inquéritos e levantamentos minuciosos em que me havia ocupado neste ínterim.

Assim, nessa noite estivei, enquanto os trovões ribombavam ao longe, desci do carro e

escalei com dois companheiros armados as últimas encostas onduladas da Tempest Mountain, dirigindo o facho de uma lanterna elétrica para os paredões cinzentos espectrais que começavam a surgir por entre os gigantescos carvalhos à nossa frente. Naquela mórbida solidão noturna iluminada pela luz fraca e inconstante da lanterna, a enorme elevação em forma de caixa instigava misteriosas sugestões de medo que durante o dia não se revelavam, mas isso não me fez hesitar, pois viera com a firme intenção de testar uma idéia. Acreditava que o trovão fazia o demônio mortífero sair de algum temível lugar secreto e, fosse aquele demônio uma entidade sólida ou uma pestilência vaporosa, pretendia vê-lo.

Eu já havia revistado por inteiro as ruínas antes e, portanto, conhecia meu plano muito bem, havendo escolhido para sede de minha vigília o antigo quarto de Jan Martense, cujo assassinato reveste-se de particular importância nas lendas rurais. Por estranho que pareça, eu sentia que os aposentos dessa antiga vítima seriam os melhores para meus fins. O quarto, medindo perto de seis metros quadrados, continha, como os outros, um pouco de entulho que algum dia havia sido o mobiliário. Ficava no segundo andar, no canto sul da casa, e tinha uma imensa janela voltada para o leste e uma estreita para o sul, ambas sem vidraças nem gelosias. No lado oposto à grande janela, havia uma enorme lareira em estilo holandês, com ladrilhos decorados

com motivos bíblicos representando o filho pródigo, e, no lado oposto à janela estreita, uma cama espaçosa encravada na parede.

Enquanto os trovões abafados pelas árvores iam ficando mais fortes, tratei de preparar os detalhes de meu plano. Primeiro pendurei, lado a lado, no peitoril da janela grande, três escadas de corda que havia trazido. Sabia, porque as havia testado, que chegariam até um ponto apropriado do gramado externo. Em seguida, nós três arrastamos uma grande armação de cama de quatro colunas de um outro quarto, encostando-a, de lado, à janela. Havendo forrado a cama de ramos de pinheiro, ali nos deitamos os três com as automáticas à mão, dois descansando enquanto um ficava de vigia. De qualquer direção que o monstro pudesse vir, nossa possível fuga estava preparada. Se viesse do interior da casa, tínhamos as escadas na janela; se viesse de fora, a porta e a escadaria. A julgar pelos fatos precedentes, não achamos que ele iria perseguir-nos até mais longe, mesmo na pior das hipóteses.

Meu turno de vigia foi da meia-noite à uma, quando, a despeito da casa sinistra, da janela desprotegida e da aproximação dos raios e trovões, eu me senti singularmente sonolento. Estava acomodado entre meus dois companheiros, George Bennett do lado da janela e William Tobey do lado da lareira. Bennett dormia, tendo sentido, ao que parece, a mesma sonolência anormal que me afetara, por isso designei Tobey

para o turno seguinte ainda que também ele estivesse cabeceando. E curiosa a intensidade com que eu estivera observando a lareira.

O aumento da tempestade deve ter-me afetado os sonhos, pois, no breve intervalo em que estive adormecido, visões apocalípticas me acometeram. Em certo momento, fiquei meio acordado, provavelmente porque o que estava dormindo perto da janela passou, sem querer, o braço sobre meu peito. Eu não estava desperto o bastante para verificar se Tobey estava cumprindo seus deveres de vigia, mas senti uma ansiedade distinta naquele momento. Nunca antes a presença do mal me oprimira de maneira tão intensa. Depois, devo ter caído de novo no sono, pois foi de um caos nebuloso que minha mente despertou sobressaltada quando a noite encheu-se de gritos pavorosos além de tudo que minha imaginação e experiência anteriores poderiam proporcionar-me.

Em meio àquela gritaria, a alma mais secreta do medo e da agonia humanos agarrou-se desesperadamente aos portais escuros do esquecimento. Despertei para a loucura vermelha e os escárnios do diabolismo, enquanto aquela angústia demente e cristalina recuava reverberando, cada vez mais longe, mais longe, para visões inconcebíveis. Não havia luz, mas eu pude perceber, pelo espaço vazio à minha direita, que Tobey fora-se, só Deus sabe para onde. Sobre meu peito, jazia ainda o braço pesado do companheiro adormecido à minha esquerda.

Foi então que aconteceu o estrondo devastador do raio que abalou toda a montanha, iluminou as criptas mais escuras do venerável cemitério e fendeu a patriarca entre as árvores retorcidas. Ao estrondo infernal de uma estupenda bola de fogo, o homem adormecido ergueu-se sobressaltado, enquanto o clarão do lado de fora da janela projetava nitidamente sua sombra na chaminé acima da lareira da qual meus olhos nunca se afastavam. O fato de eu ainda estar vivo e são é um prodígio que não posso explicar. Não posso explicar porque a sombra naquela chaminé não era a de George Bennett, nem a de alguma outra criatura humana, mas de uma monstruosidade ímpia dos abismos mais profundos do inferno, uma abominação informe que nenhuma mente poderia apreender por inteiro e nenhuma pena, ainda que canhestramente, poderia descrever. Um instante depois eu estava só, tremendo e balbuciando, naquele solar amaldiçoado. George Bennett e William Tobey não haviam deixado traço, nem mesmo de luta. Nunca mais se soube deles.

II. Um passante na tempestade

Depois daquela pavorosa experiência no solar rodeado pela mata, passei muitos dias prostrado em meu quarto de hotel, em Lefferts Corners. Não me lembro exatamente de como consegui chegar ao carro, dar a partida e escapar sem ser visto para a vila, pois não guardo nenhuma lembrança nítida, salvo a de árvores titânicas de galhos retorcidos, os rugidos infernais da trovada e as sombras diabólicas cruzando os montículos que pontilhavam e riscavam a região.

Enquanto tremia e meditava sobre aquela alucinante sombra projetada, tinha a certeza de ter ao menos vislumbrado um dos horrores supremos da Terra — uma daquelas indescritíveis influências malignas dos espaços superiores cujas tênues vibrações demoníacas às vezes ouvimos chegando dos cantos mais remotos do espaço e que a piedosa finitude de nossa visão nos poupa de ver. A sombra que eu vi eu não ousou analisar nem classificar. Alguma coisa postara-se entre mim e a janela naquela noite, mas eu sentia calafrios quando não conseguia livrar-me do instinto de classificá-la. Se ao menos ela houvesse rosnado, ou latido, ou soltado uma risada sarcástica — isso teria abrandado a repulsa abissal. Mas foi tudo tão silencioso... Ela pousou um braço, ou uma pesada pata dianteira, em meu peito... Era orgânica, certamente, ou havia sido... Jan Martense, cujo quarto eu havia invadido, estava enterrado no cemitério perto do solar... Pre-

ciso encontrar Bennett e Tobey se estiverem vivos... Por que ela os pegou e me deixou por último?... O torpor é tão sufocante, e os sonhos tão horríveis...

Não demorou para eu perceber que teria de contar minha história a alguém ou sofreria um colapso. Já me decidira a não abandonar a busca do medo à espreita, pois, em minha temerária ignorância, algo me dizia que a incerteza seria pior que a compreensão, por mais terrível que essa viesse a se mostrar. Assim, decidi-me sobre o melhor caminho a seguir, quem escolher para minhas confidências e como rastrear a coisa que havia eliminado dois homens e projetado uma sombra de pesadelo.

Meus principais conhecidos em Lefferts Corners haviam sido os afáveis repórteres; muitos tinham ficado por lá para recolher os ecos finais da tragédia. Foi entre eles que resolvi escolher um colega e, quanto mais refletia, mais minhas preferências recaíam em Arthur Munroe, um homem magro e moreno, nos seus trinta e cinco anos, cuja cultura, gostos, inteligência e temperamento pareciam indicar alguém avesso a idéias e experiências convencionais.

Em certa tarde do começo de setembro, Arthur Munroe ouviu a minha história. Percebi, desde o começo, que ele mostrou-se também interessado e simpático. Quando concluí, ele analisou e discutiu o assunto com grande perspicácia e discernimento. Seu conselho, ademais, foi eminentemente prático, pois recomendou um

adiamento das operações no solar Martense até nos prepararmos com dados históricos e geográficos mais detalhados. Por iniciativa dele, vasculhamos a região atrás de informações sobre a terrível família Martense e encontramos um homem que possuía um velho diário muito esclarecedor. Conversamos também demoradamente com os mestiços montanheses que não haviam fugido do medo e da confusão para encostas mais distantes. Dispusemos, para preceder nossa tarefa culminante, um exame completo e definitivo dos locais associados às várias tragédias das lendas dos posseiros.

Os resultados dessa investigação não foram inicialmente esclarecedores, mas nossa tabulação pareceu revelar uma tendência muito significativa: o número de horrores relatados era, de longe, maior em áreas ou relativamente próximas da casa evitada, ou ligadas a ela por extensões da floresta doentia e hipertrofiada. Havia, por certo, exceções. Aliás, o horror que chamara a atenção do mundo ocorrera num descampado distante do solar e de suas matas adjacentes.

Quanto à natureza e à aparência do medo à espreita, nada pudemos obter dos assustados e ignorantes moradores dos barracos. Num mesmo fôlego, eles o chamavam de cobra e de gigante, um demônio-trovão e um morcego, um abutre e uma árvore andante. Nós, porém, nos sentíamos autorizados a supor que se tratava de um organismo vivo altamente suscetível a tem-

pestades elétricas e, apesar de alguns relatos sugerirem asas, acreditávamos que a sua aversão por espaços abertos favorecia a teoria de sua locomoção por terra. A única coisa de fato incompatível com essa última visão era a rapidez com que a criatura devia ter-se deslocado para realizar todas as proezas que lhe eram atribuídas.

Quando ficamos conhecendo melhor os posseiros, achamo-los curiosamente parecidos sob muitos aspectos. Eram animais simples, recuando lentamente na escala evolutiva devido a sua lamentável ascendência e ao seu isolamento brutalizante. Temiam os forasteiros, mas aos poucos foram acostumando-se a nós e acabaram sendo de grande ajuda quando batemos todas as matas e arrasamos todas as divisórias da casa à procura do medo à espreita. Quando pedimos para nos ajudarem a encontrar Bennett e Tobey, ficaram pesarosos, porque queriam mesmo nos ajudar, mas sabiam que essas vítimas haviam deixado tão por completo o mundo quanto a sua própria gente desaparecida. Estávamos plenamente convencidos de que um grande número deles havia sido morto e removido, da mesma forma que os animais selvagens haviam sido há muito exterminados, e esperávamos, apreensivos, a ocorrência de novas tragédias.

Em meados de outubro, nossa falta de progressos nos intrigou. Com a claridade das noites, nenhuma agressão diabólica ocorreu, e a total inutilidade de nossas buscas na casa e na região quase nos levou a considerar o medo à

espreita um agente imaterial. Temíamos a chegada do tempo frio interrompendo nossas investigações, pois estávamos todos convencidos de que o demônio geralmente se aquietava no inverno. Assim, havia uma espécie de pressa e ansiedade em nossa última exploração, à luz do dia, no vilarejo assediado pelo medo, agora deserto por causa do pavor dos posseiros.

O malfadado vilarejo de posseiros não tinha nome, mas era muito antigo, incrustado numa fenda protegida, mas desmaiada, entre duas elevações chamadas, respectivamente, Cone Mountain e Maple Hill. Ele ficava mais perto da Maple Hill que da Cone Mountain; alguns de seus casebres eram, de fato, escavados na encosta do primeiro desses montes. Geograficamente, ele ficava a cerca de três quilômetros a noroeste da base da Tempest Mountain e a quatro quilômetros do solar rodeado de carvalhos. Da distância entre o vilarejo e o solar, três quilômetros e meio do lado da povoação formavam um espaço inteiramente descoberto, uma planície quase horizontal, exceto por uns outeiros baixos em forma de serpente, com uma vegetação de capim e arbustos esparsos. Considerando essa topografia, concluímos que o monstro devia ter vindo da Cone Mountain, da qual saía um braço arborizado para o sul até uma pequena distância do contraforte mais ocidental da Tempest Mountain. A elevação do terreno, nós atribuímos conclusivamente a um deslizamento de terra de Maple Hill, em cuja encosta uma árvore solitária,

alta e fendida havia sido o ponto de impacto do raio que convocara o demônio.

Quando, pela vigésima vez ou mais, Arthur Munroe e eu esquadrinhávamos com minúcia cada centímetro do vilarejo devastado, tomou-nos um certo desalento mesclado com novos e vagos temores. Era muito estranho, mesmo quando tantas coisas insólitas e assustadoras pareciam comuns, encontrar um cenário tão desprovido de pistas depois de acontecimentos tão espantosos; e nós andávamos de um lado para outro, debaixo do céu de chumbo que escurecia, com aquele zelo trágico e desorientado resultante da combinação de um sentido de futilidade com a necessidade de ação. Nossos cuidados eram extremos. Cada casebre era visitado de novo, cada escavação na encosta era pesquisada novamente à procura de corpos, cada passagem espinhosa da encosta adjacente era mais uma vez esquadrinhada atrás de tocas e cavernas, mas foi tudo em vão. Como já comentei, porém, novos e vagos temores pairavam ameaçadores sobre nós, como se gigantescos grifos com asas de morcego nos espreitassem de abismos siderais.

À medida que a tarde avançava, a visão ia ficando cada vez mais difícil e podíamos ouvir o rumor da tormenta formando-se sobre a Tempest Mountain. Esse som, num lugar como aquele, decerto nos excitou, embora menos do que teria feito se já houvesse anoitecido. Nasque-las circunstâncias, esperávamos que a tempestade

fosse durar até muito depois de escurecer, e, com essa esperança, interrompemos nossas buscas incertas na encosta e nos dirigimos ao vilarejo habitado mais próximo com a intenção de reunir um grupo de posseiros para nos ajudar na investigação. Apesar de tímidos, um grupo dos mais jovens inspirou-se em nossa liderança protetora para prometer alguma ajuda.

Mal nos havíamos afastado, porém, desabou uma chuva tão torrencial e cegante, que era um imperativo absoluto encontrarmos algum abrigo. A escuridão extrema, quase noturna, do céu nos fazia tropeçar, mas, guiados pelos relâmpagos freqüentes e por nosso conhecimento detalhado da vila, logo alcançamos as últimas casinhas do agrupamento, uma combinação heterogênea de troncos e tábuas cuja porta e a única e minúscula janela remanescentes davam para a Maple Hill. Trancando a porta às nossas costas contra a fúria do vento e da chuva, encaixamos a tosca vedação, que nossas buscas freqüentes nos haviam ensinado onde encontrar, na janela. Era terrível ficarmos ali, sentados em caixas raquíticas, naquela escuridão de breu, mas tratamos de fumar nossos cachimbos e, de tempos em tempos, acendíamos as lanternas de bolso. De vez em quando, podíamos ver o clarão de um relâmpago através das rachaduras da parede. A tarde estava tão escura, que intensificava o brilho de cada clarão.

A vigília na tempestade fez-me recordar, estremecendo, minha noite apavorante na Tem-

pest Mountain. Meu espírito retornou àquela estranha pergunta tão recorrente desde que a coisa medonha acontecera, e mais uma vez cismi sobre as razões pelas quais o monstro, tendo-se aproximado dos três vigilantes, seja pela janela, seja pelo interior, havia começado pelos homens das pontas e deixado o do meio por último, quando a titânica bola de fogo o afugentou. Por que não havia apanhado suas vítimas na ordem natural, eu em segundo lugar, de qualquer lado que se houvesse aproximado? Com que espécie de tentáculo de longo alcance ele agarrava suas presas? Saberia que eu era o líder e teria me poupado para um destino pior que o de meus companheiros?

Estava no meio dessas reflexões quando, como que num plano dramático para intensificá-las, caiu nas proximidades um raio terrível acompanhado por um ruído de terra deslizando, enquanto o feroz ulular do vento ascendia a alturas infernais. Estava claro que a árvore solitária da Maple Hill havia sido novamente atingida, e Munroe levantou-se de sua caixa e foi até a minúscula janela para verificar o estrago. Quando tirou a vedação, o vento e a chuva entraram uivando de maneira ensurdecadora, impedindo-me de ouvir o que ele dizia, mas esperei enquanto ele curvava-se para fora e tentava aquilatar o pandemônio da natureza.

O abrandamento gradual do vento e a dispersão da insólita escuridão nos informou que a tempestade estava passando. Eu esperava que

ela fosse durar até a noite para ajudar em nossa busca, mas um furtivo raio de sol passando por um buraco de nó de madeira às minhas costas excluiu essa possibilidade. Sugerindo a Munroe que era melhor conseguirmos um pouco de luz antes de cair uma nova chuvarada, destranquei e abri a porta tosca. O chão do lado de fora era uma massa singular de lama e poças d'água, com novos montículos formados pelo leve deslizamento de terra, mas nada vi que justificasse o interesse que mantinha meu companheiro curvado, em silêncio, para fora da janela. Cruzando até onde ele estava, toquei em seu ombro, mas ele não se mexeu. Então, quando o sacudia vigorosamente e virava, senti as gavinhas sufocantes de um horror canceroso cujas raízes estendiam-se a passados infinitos e abismos imensuráveis das trevas que se estendem além dos tempos.

Pois Arthur Munroe estava morto. E, no que restara de sua cabeça mastigada e sem olhos, já não havia um rosto.

III. O que significava o clarão vermelho

Na noite tempestuosa de 8 de novembro de 1821, com uma lanterna projetando sombras espectrais, ali estava eu cavando, solitário e embrutecido, a sepultura de Jan Martense. Começara a cavar à tarde, porque a tempestade estava formando-se, e, agora que escurecera e a tempestade desabara sobre a folhagem densa, eu estava contente.

Creio que minha mente ficou um tanto perturbada pelos fatos desde 5 de agosto: a sombra diabólica no solar, a tensão geral e o desapontamento e aquilo que ocorrera na vila durante um vendaval em outubro. Depois daquilo, eu havia cavado uma sepultura para alguém cuja morte eu não pudera compreender. Sabia que outros também não poderiam, por isso os deixei pensar que Arthur Munroe perdera-se. Eles o procuraram sem nada encontrar. Os posseiros poderiam ter compreendido, mas não ousei apavorá-los ainda mais. Eu próprio me sentia curiosamente insensível. Aquele choque no solar havia produzido alguma coisa em meu cérebro, e tudo em que eu conseguia pensar era procurar um horror que agora havia adquirido uma estatura cataclísmica em minha imaginação, uma procura que o destino de Arthur Munroe me fizera jurar que manteria secreta e solitária.

O cenário de minhas escavações, sozinho, teria bastado para acovardar qualquer pessoa comum. Árvores primitivas, apavorantes por

seus descomunais tamanhos, idade e aspecto grotesco me espreitavam como pilares de algum diabólico tempo druídico, abafando a tempestade, aplacando o vento mordente e deixando passar um pouco de chuva apenas. Além dos troncos lacerados do fundo, iluminados pelos fracos lampejos filtrados dos relâmpagos, erguiam-se as pedras úmidas cobertas de hera do solar deserto enquanto, um pouco mais perto, estava o abandonado jardim holandês cujos passeios e canteiros encontravam-se infestados por uma vegetação hipertrofiada, fétida, fúngica e esbranquiçada que jamais vira a luz plena do sol. E, mais perto ainda, havia o cemitério, onde as árvores deformadas projetavam galhos insanos quando suas raízes deslocavam as lajes profanas e sugavam o veneno do que jazia embaixo. Aqui e ali, por baixo da mortalha de folhas pardas que apodreciam e se putrefaziavam na escuridão da mata antediluviana, eu podia divisar os contornos sinistros de alguns daqueles outeiros baixos que caracterizavam a região trespessada pelos raios.

A História me conduziu a essa sepultura arcaica. A História, de fato, era tudo que me restava depois de tudo mais terminar em zombeteiro satanismo. Eu agora acreditava que o medo à espreita não era um ser material, mas um fantasma com presas lupinas que cavalgava o relâmpago no meio da noite. E acreditava, em virtude de todo o folclore local que havia desenterrado na busca junto com Arthur Munroe, que o

fantasma era o de Jan Martense, morto em 1762. Este era o motivo para estar cavando estupidamente em seu túmulo.

O solar Martense fora erguido em 1670 por Gerrit Martense, um abastado mercador de Nova Amsterdã que não gostou da passagem do poder para o domínio britânico e havia construído aquele faustoso domicílio num cume arborizado remoto cujas intocada solidão e insólita paisagem o agradaram. O único contratempo importante do lugar eram as violentas tempestades de verão. Ao escolher a colina e construir o seu solar, Mynheer Martense havia atribuído essas freqüentes irrupções naturais a alguma peculiaridade do ano, mas, com o tempo, ele percebeu que o local era especialmente propenso a tais fenômenos. Por fim, considerando que as tempestades eram uma ameaça a sua própria vida, adaptou um porão onde poderia proteger-se de suas ocorrências mais violentas.

Sabe-se ainda menos dos descendentes de Gerrit Martense do que dele próprio, pois todos foram criados no ódio à civilização inglesa e educados para evitar os colonos que a aceitavam. Sua vida era muito reclusa e as pessoas diziam que, por causa de seu isolamento, eles tinham-se tornado pessoas de poucas palavras e difícil compreensão. Ao que parece, todos eram portadores de uma peculiar dissemelhança hereditária de olhos, tendo geralmente um olho azul e outro castanho. Seus contatos sociais foram ficando cada vez mais raros até que eles finalmen-

te deram para se casar com a numerosa população servil que havia na propriedade. Muitos degenerados da populosa família cruzaram o vale e mesclaram-se com a população mestiça que mais tarde viria a gerar os desgraçados posseiros. O resto havia-se aferrado com teimosia ao solar ancestral, encerrando-se cada vez mais no clã e desenvolvendo uma reação neurótica às frequentes tempestades.

A maior parte dessas informações veio ao mundo por meio do jovem Jan Martense, que, movido por algum tipo de inquietação, alistou-se no exército colonial quando as notícias sobre a Convenção de Albany chegaram à Tempest Mountain. Ele foi o primeiro dos descendentes de Gerrit a ver alguma coisa do mundo externo e, quando voltou, em 1760, depois de seis anos de campanhas militares, foi odiado como um intruso por seu pai, seus tios e seus irmãos, apesar de ter os olhos desiguais dos Martense. Ele já não poderia compartilhar as peculiaridades e preconceitos dos Martense, e as próprias tempestades da montanha não conseguiam inebriá-lo como antes. Seu ambiente, agora, o deprimia, e ele chegou a escrever muitas vezes a um amigo de Albany sobre seus planos para deixar o abrigo paterno.

Na primavera de 1763, Jonathan Gifford, o amigo de Albany de Jan Martense, ficou preocupado com o silêncio de seu correspondente, especialmente por causa das condições e disputas no solar Martense. Decidido a visitar Jan em

pessoa, partiu a cavalo para as montanhas. Seu diário afirma que ele chegou à Tempest Mountain em 20 de setembro, encontrando o solar em avançado estado de decrepitude. Os soturnos Martense, cuja aparência de animal sujo o deixou chocado, disseram-lhe com sons guturais entrecortados que Jan havia morrido. Insistiram em que ele fora atingido por um raio no outono anterior, e agora estava enterrado atrás dos maltratados jardins. Mostraram a sepultura árida e sem lápide ao visitante. Alguma coisa nos modos dos Martense produziu um sentimento de repulsa e suspeita em Gifford, e uma semana mais tarde ele voltou com uma pá e um enxadão para investigar aquele lugar sepulcral. Encontrou o que já esperava: um crânio cruelmente esmagado por golpes selvagens; e, retornando a Albany, acusou abertamente os Martense do assassinato de seu parente.

Faltaram evidências legais, mas a história alastrou-se rapidamente por toda a região, e, daquela época em diante, os Martense foram colocados em ostracismo pelo mundo. Ninguém queria negociar com eles, e sua propriedade distante era evitada como um lugar maldito. De alguma forma, eles conseguiram seguir vivendo autonomamente com o produto de sua propriedade, pois as luzes ocasionais que brilhavam nas colinas distantes atestavam a persistência de sua presença. Essas luzes foram vistas até 1810, mas, já perto dessa época, haviam-se tornado muito inconstantes.

Neste ínterim, formou-se uma mitologia diabólica sobre o solar e a montanha. O lugar era evitado com redobrada atenção e investido de toda sorte de segredos míticos que a tradição poderia fornecer. Ficou sem ser visitado até 1816, quando a persistente ausência das luzes foi notada pelos posseiros. Nessa ocasião, um grupo fez investigações, encontrando a casa deserta e quase em ruínas.

Não encontraram esqueletos por lá, daí terem inferido que o caso era de partida, e não de morte. O clã parecia ter partido havia muitos anos, e os alpendres improvisados indicavam o tanto que se haviam multiplicado antes da migração. Seu nível cultural descera muito, como ficava claro pelos móveis decadentes e a prataria espalhada que deviam ter sido havia muito abandonados quando os donos partiram. Mas, embora os temidos Martense houvessem partido, o medo da casa assombrada persistiu e ficou ainda mais forte quando novas e estranhas histórias começaram a correr entre os montanheses. Lá estava ela, deserta, temida e associada ao fantasma vingador de Jan Martense. Lá estava ela ainda na noite em que escavei o túmulo de Jan Martense.

Descrevi minha demorada escavação como estúpida, e assim ela era, de fato, tanto no método como nos objetivos. Não demorou para o esquife de Jan Martense ser desenterrado — continha agora apenas pó e salitre —, mas, em minha gana para exumar seu fantasma, cavei ir-

racional e desordenadamente embaixo de onde ele fora depositado. Deus sabe o que eu esperava encontrar — sentia apenas que estava escavando a sepultura de um homem cujo fantasma deambulava à noite.

É impossível dizer que profundidade monstruosa eu havia alcançado quando minha pá, e logo depois meus pés, desmoronaram solo abaixo. O fato, nas circunstâncias, era fantástico, pois a existência ali de um espaço subterrâneo vinha confirmar, de maneira terrível, minhas loucas teorias. Na pequena queda, meu lampião apagou-se, mas tirei uma lanterna elétrica do bolso e avistei o estreito túnel horizontal que se afastava indefinidamente em ambas as direções. Ele era largo o bastante para um homem esgueirar-se por ele, e, conquanto nenhuma pessoa sã teria tentado fazê-lo naquele momento, eu esqueci perigo, razão e limpeza em minha ânsia obstinada de desvendar o medo à espreita. Escolhendo a direção da casa, arrastei-me com ousadia por aquela cova estreita, contorcendo-me às cegas e às pressas para diante e só ocasionalmente acendendo a lanterna que conservava estendida à minha frente.

Que linguagem poderá descrever o espetáculo de um homem perdido na terra abismai, Tateando, contorcendo-se, revirando-se, espremendo-se, arrastando-se como um louco por túneis sinuosos escavados numa escuridão imemorial sem qualquer noção de tempo, segurança, direção ou objetivo definido? Havia algo de he-

diondo naquilo, mas foi o que fiz. Eu o fiz por tanto tempo, que a vida desfez-se numa recordação distante, igualando-me às toupeiras e vermes das profundezas espectrais. Na verdade, foi por acidente apenas que, depois de curvas intermináveis, balancei minha esquecida lanterna elétrica, fazendo-a reluzir fantasticamente nas paredes de barro endurecido que se estendiam até uma curva à frente.

Eu vinha arrastando-me desse jeito havia algum tempo, de forma que minha bateria estava quase sem carga quando a passagem inclinou-se abruptamente para cima, alterando meu avanço. E, quando ergui os olhos, não estava preparado para o que vi cintilando à distância: dois reflexos diabólicos de minha bruxuleante lanterna, dois reflexos brilhando com um fulgor maligno e inconfundível, provocando recordações alucinadas. Parei automaticamente, embora me faltasse cabeça para retroceder. Os olhos aproximaram-se, mas eu só pude distinguir a garra da coisa que se aproximava. Mas que garra! Em seguida, eu ouvi, muito ao longe, lá no alto, um leve estrondo que reconheci. Era a trovoada selvagem da montanha, elevada a um furor histérico — eu devia estar arrastando-me para cima já havia algum tempo e a superfície estava agora muito perto. E, quando o trovão abafado retumbou, aqueles olhos ainda me fitavam com uma vaga malignidade.

Graças a Deus, eu não sabia então do que se tratava, pois poderia ter morrido. Mas fui sal-

vo pelo próprio trovão que a havia conclamado, pois, depois de uma pavorosa espera, explodiu do céu exterior invisível um daqueles freqüentes raios do lado da montanha cujas conseqüências eu havia notado, aqui e ali, como rasgos de terra revolvida e fulguritos dos mais variados tamanhos. Com um furor ciclópico, ele rasgou o chão acima daquela cova abjeta, cegando-me e ensurdecendo-me, mas sem me reduzir completamente à inconsciência.

Agarrei-me, espojei-me no caos da terra revolvida pelo deslizamento até a chuva que caía sobre minha cabeça me recompor e pude notar que alcançara a superfície num ponto conhecido: um lugar íngreme, desmaiado, na encosta sudoeste da montanha. Uma sucessão de relâmpagos iluminou o solo revirado e os restos do curioso outeiro baixo que se estendera da encosta superior arborizada, mas não havia nada naquele caos que assinalasse o local de meu egresso da catacumba letal. Meu cérebro estava em estado tão caótico como a terra e, quando um distante clarão vermelho eclodiu no horizonte meridional, eu mal percebi o horror pelo qual havia passado.

Dois dias depois, porém, quando os posseiros explicaram-me o significado do clarão vermelho, senti um horror ainda maior do que me haviam causado a cova de lama, a garra e os olhos, um horror maior por suas estarrecedoras implicações. Num vilarejo a muitas milhas de distância, uma orgia de medo sucedera ao raio que me trouxera à superfície, e uma coisa indes-

crítivel havia saltado de uma árvore para dentro de uma cabana de telhado frágil. Ela havia feito algo, mas os posseiros tinham ateado fogo à cabana antes que ela pudesse escapar. Ela estivera realizando aquilo no exato momento em que a terra desmoronara sobre a coisa com a garra e os olhos.

IV. O horror nos olhos

Não pode ser normal a mente de alguém que, sabendo o que eu sabia dos horrores da Tempest Mountain, saísse sozinho em busca do medo que estava à espreita naquele lugar. O fato de que pelo menos duas das encarnações do medo estavam destruídas não passava de uma frágil garantia de segurança física e mental neste Aqueronte³ de diabolismo multiforme, mas prossegui em minha busca com zelo ainda maior à medida que os fatos e as revelações iam-se tornando mais monstruosos.

Quando fiquei sabendo, dois dias depois de meu terrível rastejar por aquela cripta dos olhos e da garra, que uma criatura maligna havia aparecido a vinte milhas de distância no mesmo instante em que os olhos me fitavam, experimentei verdadeiras convulsões de pavor. Mas aquele pavor estava tão misturado com a admiração e uma excitação grotesca, que a sensação era quase agradável. Às vezes, na agonia de um pesadelo, quando potências invisíveis nos fazem rodopiar sobre os telhados de curiosas cidades mortas rumo ao abismo sorridente de Nis, é um alívio, e mesmo uma delícia, gritar freneticamente e atirar-se junto com o medonho vórtice da sina onírica em qualquer abismo sem fundo e escancarado que possa existir. E assim foi com o pesadelo ambulante de Tempest Mountain. A

³ Rio do inferno greco-romano. (N.T.)

descoberta de que dois monstros haviam assombrado o lugar causou-me um desejo insano de mergulhar na própria terra da região maldita e desenterrar, com as mãos nuas, a morte que espreitava de cada polegada do solo venenoso.

Tão logo me foi possível, visitei o túmulo de Jan Martense e escavei inutilmente onde já havia cavado antes. Um extenso desmoronamento havia apagado qualquer traço da passagem subterrânea, enquanto a chuva varrera tanta terra para dentro da escavação, que eu não poderia dizer até que profundidade havia cavado no outro dia. Também fiz uma árdua viagem até o vilarejo distante onde a criatura letal havia sido queimada, sem muito êxito. Entre as cinzas da fatídica cabana, encontrei vários ossos, mas, aparentemente, nenhum do monstro. Os posseiros disseram que a coisa fizera apenas uma vítima, mas nisto os julguei imprecisos, pois, além do crânio completo de um ser humano, havia um outro fragmento de osso que parecia ter pertencido algum dia a um crânio humano. Embora houvessem visto a rápida queda do monstro, ninguém poderia dizer qual era a aparência exata da criatura. Os que a tinham vislumbrado, chamaram-na simplesmente de um diabo. Examinando a grande árvore onde ela estivera de tocaia, não pude discernir alguma marca especial. Tentei encontrar uma trilha na floresta escura, mas nesta ocasião não consegui suportar a visão daqueles troncos grossos e doentios ou daquelas enormes raízes serpentes

que se retorciam de maneira tão maligna antes de mergulharem no solo.

Meu passo seguinte foi vasculhar com atenção microscópica o vilarejo deserto onde a morte comparecera com maior freqüência e onde Arthur Munroe vira algo que não vivera para descrever. Apesar de haver-me esmerado nas buscas anteriores, agora eu tinha novos dados para testar, pois meu horrível rastejar sepulcral me convencera de que ao menos uma das fases da monstruosidade havia sido uma criatura subterrânea. Desta vez, em 14 de novembro, minha busca concentrou-se nas encostas da Cone Mountain e da Maple Hill com vista para o infasto vilarejo, e dei uma atenção toda especial à terra solta da região do deslizamento nesta última elevação.

A tarde de minha busca não revelou nada, e o crepúsculo chegou quando eu estava na Maple Hill olhando para baixo, para o vilarejo e, por sobre o vale, para a Tempest Mountain. O pôr-do-sol fora estupendo e agora a lua surgira quase cheia, inundando de prata a planície, a encosta distante e os curiosos outeiros baixos que se erguiam aqui e ali. Era um cenário tranqüilo, bucólico, mas, sabendo o que ele ocultava, eu o detestei. Detestei a lua zombeteira, a planície hipócrita, a montanha festiva e aqueles outeiros sinistros. Tudo me parecia maculado por um contágio abjeto e inspirado por uma associação espúria que encobria potências ocultas.

Então, enquanto olhava absorto para a paisagem enluarada, meu olhar foi atraído por alguma coisa singular na natureza e na disposição de alguns elementos topográficos. Sem ter um conhecimento preciso de geologia, desde o início eu me havia interessado pelos curiosos montes e outeiros da região. Havia notado que eles estavam distribuídos em toda a roda da Tempest Mountain, embora fossem menos numerosos na planície do que perto do próprio cume da montanha, onde a glaciação pré-histórica certamente havia encontrado menor oposição para suas caprichosas e fantásticas investidas. Agora, à luz daquela lua baixa que projetava sombras longas, misteriosas, ocorreu-me que os diversos pontos e linhas do sistema de montes tinham uma relação peculiar com o cume da Tempest Mountain. Aquele cume era com certeza o centro de onde irradiavam, indefinida e irregularmente, as linhas ou fileiras de pontos, como se o abjeto solar Martense lançasse tentáculos visíveis de pavor. A idéia da existência desses tentáculos provocou-me um calafrio inexplicável, e eu parei para analisar meus motivos para acreditar que aqueles outeiros eram um fenômeno glacial.

Quanto mais eu analisava, menos acreditava, e, em minha mente recém-desperta, começaram a martelar analogias grotescas, horríveis, relacionadas a certos aspectos da superfície e da minha experiência subterrânea. Antes que desse por isso, estava balbuciando palavras desconexas: “Meu Deus!... montículos de toupeiras... o

maldito lugar deve estar coalhado... quantos... aquela noite no solar... elas pegaram Bennet e Tobey primeiro... um de cada lado...”. Logo depois eu estava cavando freneticamente no montículo que me ficava mais próximo, cavando com desespero, tremendo, mas quase em júbilo, cavando até que enfim soltei um grito com uma espécie de emoção deslocada quando dei com um túnel, ou toca, como aquele onde havia ras-tejado naquela outra noite infernal.

Depois disso, lembro-me de ter corrido com a pá na mão, uma corrida medonha pelas campinas enluaradas eriçadas de pequenos morros e pelos precipícios doentios da assombrada floresta da encosta, saltando, gritando, ofegando, rumando para o terrível solar Martense. Lembro-me de ter cavado irracionalmente em todas as partes do porão atulhado de urzes, cavado para encontrar o cerne e o centro daquele universo maligno de montes. E, depois, lembro-me de como ri ao dar com a passagem, a abertura na base da velha chaminé, onde o mato espesso crescia projetando sombras singulares à luz da única vela que trazia comigo. O que ainda restava em baixo naquela colméia infernal, emboscado e à espera de ser convocado pelo trovão, eu não sabia. Dois haviam sido mortos; talvez aquilo houvesse acabado com eles. Mas havia ainda aquela vontade ardente de atingir o âmago do segredo do medo, que, uma vez mais, eu viera a considerar definido, material e orgânico.

Minhas indecisas especulações sobre se deveria explorar a passagem sozinho e imediatamente com minha lanterna ou tentar reunir um grupo de colonos para a busca foram interrompidas alguns instantes depois por uma súbita rajada de vento, vinda de fora, que apagou a vela, deixando-me na mais absoluta escuridão. A Lua já não brilhava através das frinchas e aberturas acima de mim e, com uma sensação de fatídico alarme, eu ouvi o sinistro e agourento rumor da tempestade aproximando-se. Uma confusa associação de idéias apossou-se de meu cérebro, levando-me a caminhar às apalpadelas até o canto mais distante do porão. Meus olhos, porém, não se desviaram em nenhum momento da horrível abertura na base da chaminé, e pude vislumbrar os tijolos derrubados e as urzes doentias quando o brilho tênue dos relâmpagos transpunha a mata externa e iluminava as frinchas do alto da parede. A cada segundo, uma mistura de medo e curiosidade me consumia. O que a tempestade chamaria — teria sobrado alguma coisa a ser chamada? Guiado por um relâmpago, acomodei-me atrás de uma densa moita de arbustos que me permitia observar a abertura sem ser visto.

Se Deus tiver piedade, algum dia apagará de minha consciência a visão que eu tive e irá deixar-me viver em paz os anos que me restam. Não consigo dormir à noite e preciso tomar soníferos quando troveja. A coisa aconteceu abruptamente, sem aviso: a correria infernal como que de ratos de abismos remotos e impensáveis,

o arquejar demoníaco e os grunhidos abafados e, então, daquela abertura embaixo da chaminé, a monumental irrupção de vida morféica — uma abjeta maré de corrupção orgânica mais devastadoramente medonha que a mais negra das conjurações de loucura e morbidez mortais. Espumando, fervendo, borbulhando como a gosma de uma serpente, ela arrastou-se para fora daquela abertura escancarada, espalhando-se como um contágio purulento e escorrendo para fora do porão por cada ponto de saída — escorrendo para fora para se espalhar pela mata amaldiçoada no meio da noite, disseminando o medo, a loucura e a morte.

Deus sabe quantos poderiam haver — deviam ser milhares. Era estarrecedor ver aquela torrente deles sob os clarões intermitentes dos relâmpagos. Quando seu número reduziu-se o suficiente para poderem ser vistos como organismos separados, percebi que eram demônios, ou macacos, cabeludos, deformados e anãos — caricaturas monstruosas e diabólicas dos símios. Eram tão abjetamente silenciosos, que mal se ouviu um guincho quando um dos últimos desgarrados virou-se com a habilidade de uma longa prática para se servir, de modo habitual, de um companheiro mais fraco. Outros agarraram o que sobrou e comeram com avidez, babando de satisfação. Depois, apesar do susto e da repugnância, minha curiosidade mórbida triunfou, e, quando a última das monstruosidades esgueirou-se sozinha daquele misterioso mundo inferi-

or de pesadelo, saquei a automática e disparei nela encoberto pelo trovão.

Sombras uivantes, deslizantes, torrenciais daquela gosmenta loucura vermelha caçando-se mutuamente por intermináveis passagens ensangüentadas de fulgurante céu purpurino...; fantasmas informes e mutações caleidoscópicas de uma cena fantasmagórica lembrada; florestas de carvalhos monstruosos hipertrofiados com raízes serpeantes retorcendo-se e sugando os humores inomináveis de uma terra verminosa povoada por milhões de monstros canibais; tentáculos em forma de montículos de terra tateando de núcleos subterrâneos de perversão poliposa...; raios enfurecidos sobre paredes cobertas de heras malignas e arcadas demoníacas asfixiadas pela vegetação bolorenta... Deus seja louvado pelo instinto que me levou inconsciente a lugares habitados por gente, ao pacífico vilarejo adormecido sob as plácidas estrelas do céu cristalino.

Em uma semana me recompus o suficiente para convocar um grupo de homens de Albany para explodir com dinamite o solar Martense e todo o cume da Tempest Mountain, obstruir todas as covas-montículos que encontrasse e destruir certas árvores hipertrofiadas cuja existência parecia um insulto à sanidade mental. Consegui dormir um pouco depois de terem feito isso, mas jamais terei o verdadeiro repouso enquanto recordar aquele inominável segredo do medo à espreita. A coisa irá perseguir-me, pois

quem poderá saber se o extermínio foi completo e se fenômenos análogos não poderão existir no mundo todo? Sabendo tudo que eu sei, quem poderia pensar nas cavernas ocultas da Terra sem um pavor infernal de futuras possibilidades? Não posso ver um poço ou uma entrada do trem metropolitano sem estremecer... Por que os médicos não me dão algo para dormir ou para tranqüilizar de fato meu cérebro quando troveja?

O que vi sob o facho da lanterna depois de atirar na coisa indescritível retardatária foi tão simples, que quase um minuto se passou até eu compreender e ficar fora de mim. A coisa era nauseante, um imundo gorila esbranquiçado com presas agudas amareladas e pelagem emaranhada. Era o produto final da degeneração mamífera, o pavoroso resultado da proliferação, multiplicação e alimentação canibalesca isoladas em cima e em baixo da superfície do solo, a encarnação de todo o rosnante, caótico e sorridente pavor que espreita por trás da vida. Ela olhou para mim enquanto morria, e seus olhos tinham a mesma qualidade estranha que marcava aqueles outros olhos que me haviam fitado no subterrâneo e instigado nebulosas recordações. Um olho era azul, o outro castanho. Eram os olhos desiguais dos Martense de que falam as velhas lendas, e eu soube, num torrencial cataclismo de horror indizível, o que se havia passado com a família desaparecida, com a terrível casa de Martense ensandecida pelo trovão.

DAGON

Escrevo isso debaixo de uma tensão mental considerável já que esta noite poderei não estar mais vivo. Sem um centavo e no final de meu suprimento da droga que, só ela, consegue tornar minha vida tolerável, já não consigo suportar a tortura e irei atirar-me dessa janela de sótão na rua esqualida lá em baixo. Não pensem que minha dependência da morfina tenha-me tornado um fraco ou degenerado. Quando houverem lido estas páginas rabiscadas às pressas, poderão imaginar, mesmo sem nunca perceber plenamente, por que preciso do olvido ou da morte.

Foi num dos trechos mais abertos e pouco freqüentados do vasto Pacífico que o pacote onde eu era comissário de bordo foi capturado pelo vaso de guerra alemão. A grande guerra estava, então, em seu início, e as forças marítimas do bárbaro ainda não haviam mergulhado por completo em sua posterior degradação. Sendo assim, nossa embarcação foi tomada como legítima presa, enquanto nós, membros de sua tripulação, fomos tratados com toda a equidade e consideração que nos eram devidas como prisioneiros navais. Era tão liberal, de fato, a disciplina de nossos captores, que cinco dias depois de nos tomarem, consegui escapar, sozinho, num pequeno barco equipado com água e provisões para muito tempo.

Quando enfim me vi livre e à deriva, não tinha muita noção de minha localização. Como nunca havia sido um navegador experiente, eu só podia imaginar, vagamente, pelo sol e as estrelas, que estava um pouco ao sul do Equador. Da latitude eu nada sabia, e não havia ilha nem linha costeira à vista. O tempo manteve-se firme e durante dias sem conta eu vaguei sem destino debaixo de um sol escaldante, esperando a passagem de algum navio ou ser atirado às praias de alguma terra habitável. Mas não surgiu navio nem terra e comecei a me desesperar em minha solidão sobre a ondulante vastidão de interminável azul.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Seus detalhes eu jamais saberei, pois, embora agitado e povoado de sonhos, tive um sono contínuo. Quando afinal despertei, descobri-me meio tragado pela extensão lamacenta de um infernal lodo negro que se estendia à minha volta em monótonas ondulações até onde minha vista alcançava e onde, a certa distância, estava enterrado meu barco.

Embora se possa perfeitamente imaginar que minha primeira sensação seria de espanto com uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, eu, na verdade, fiquei mais horrorizado do que espantado, pois havia no ar e no solo putrefato um caráter sinistro que me arrepiou até o âmago de meu ser. A região toda fedia com as carcaças de peixes apodrecidos e outras coisas menos descritíveis que eu vi proje-

tadas da lama abjeta da interminável planície. Talvez eu não devesse esperar transmitir em meras palavras a indizível repugnância que pode existir num silêncio absoluto e numa imensidão estéril. Não havia nada ao alcance do ouvido e da visão, salvo uma vasta extensão de lodo preto, mas ainda assim o caráter absoluto do silêncio e a homogeneidade da paisagem me oprimiram com um medo nauseante.

O sol ardia no alto de um céu sem nuvens que me parecia quase negro em sua impiedade, como se refletisse o pântano escuro que tinha embaixo de meus pés. Arrastando-me para dentro do barco encalhado, percebi que apenas uma teoria poderia explicar minha situação: por algum tipo de erupção vulcânica sem precedentes, parte do leito do oceano devia ter sido impelida para a superfície, expondo regiões que durante incontáveis milhões de anos ficaram submersas debaixo de profundezas aquáticas imensuráveis. Era tão grande a extensão da nova terra que se elevara por baixo de mim, que não consegui captar o mais tênue ruído do oceano, por mais que forcesse os ouvidos. Também não havia qualquer ave marinha para pilhar as coisas mortas.

Durante muitas horas, eu fiquei sentado, pensando e ruminando, no barco que estava caído de lado e produzia um pouco de sombra à medida que o sol ia seguindo seu curso no céu. Com o avanço do dia, o chão foi ficando menos pegajoso, indicando que ficaria seco o bastante

para permitir que se andasse sobre ele dentro de pouco tempo. Dormi muito pouco naquela noite e, no dia seguinte, preparei um farnel com água e comida para uma excursão terrestre em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, verifiquei que o solo já estava bem seco e permitiria que se caminhasse sem problemas sobre ele. O cheiro de peixe era enlouquecedor, mas eu estava concentrado demais em coisas mais sérias para me importar com desgraça tão pequena, e parti ousadamente para um destino incerto. Caminhei a duras penas durante o dia todo na direção oeste, guiado por um outeiro distante que se destacava em altura dos outros que existiam no deserto acidentado. Acampeí naquela noite, e, no dia seguinte, segui avançando para o outeiro, embora aquele objeto parecesse estar pouca coisa mais perto do que da primeira vez em que o vira. Na quarta noite, atingi a base do monte, que se mostrou muito mais alto do que parecera à distância. Um vale interposto destacava seu perfil da superfície geral. Exausto demais para subir, dormi à sombra da colina.

Não entendo por que meus sonhos foram tão agitados naquela noite, mas, antes da curva fantasticamente acentuada da lua minguante ter-se erguido muito alto acima do lado oriental da planície, acordei suando frio, decidido a não me deixar adormecer de novo. As visões como as que havia tido eram demais para suportá-las de novo. E sob o brilho do luar, percebi como

foram insensatas as minhas caminhadas diurnas. Sem o ardor do sol escaldante, minha jornada teria-me custado menos energia. Agora, enfim, eu me sentia perfeitamente capaz de realizar a escalada que me havia intimidado ao entardecer. Apanhei então o farnel e encaminhei-me para a crista da elevação.

Já tive a oportunidade de mencionar que a monotonia constante da planície ondulada era-me uma fonte de impreciso horror, mas creio que meu horror ficou maior quando alcancei o cume do monte e olhei para o outro lado, para um imenso vale ou cânhão cujos recessos negros a lua ainda não se havia erguido o suficiente para iluminar. Senti-me no limiar do mundo, olhando, por sobre a borda, para um caos insondável de escuridão perpétua. Em meio a meu terror, passaram curiosas reminiscências do “Paraíso Perdido”⁴ e da tenebrosa ascensão de Satã pelos reinos informes das trevas.

À medida que a Lua foi subindo no céu, pude notar que as encostas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu imaginara. Saliências e afloramentos de rocha forneciam apoios perfeitos para uma descida, além de que, cerca de trinta metros abaixo, o declive tornava-se bastante ameno. Impelido por um impulso que não consigo precisar, fui descendo com dificuldade pelas rochas até parar na encosta menos íngreme a-

⁴ “*Paradise Lost*”, famoso poema do poeta inglês John Milton (1608-74).

baixo, de onde fitei as profundezas estíguas onde nenhuma luz jamais penetrara.

De repente, minha atenção foi atraída por um objeto enorme e singular na vertente oposta erguendo-se abruptamente a cerca de cem jardas à minha frente, um objeto de brilho esbranquiçado sob os raios da Lua ascendente. De início, imaginei que se tratasse de uma simples rocha gigantesca, mas estava pouco consciente de que seu contorno e sua posição não eram uma obra puramente natural. Um exame mais de perto encheu-me de sensações que não consigo exprimir, pois, apesar de seu tamanho imenso e sua posição num abismo que ficara escondido no fundo do mar desde a juventude do mundo, percebi que o estranho objeto era um monolito bem moldado cujo vulto maciço havia conhecido o artesanato humano e, talvez, a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Pasmo e assustado, mas não sem um certo frêmito de prazer do cientista ou do arqueólogo, examinei com maior atenção o meu entorno. A Lua, agora perto do zênite, brilhava intensamente, misteriosamente, sobre os penhascos abissais que ladeavam o abismo, revelando um extenso curso d'água que corria sinuoso em seu fundo até se perder de vista em ambas as direções e quase lambia meus pés enquanto eu estava ali, parado, na encosta. Do outro lado do vale, as leves ondulações da água roçavam a base do ciclópeo monolito, sobre cuja superfície eu podia agora distinguir inscrições e entalhes toscos. A

escrita estava em um sistema de hieróglifos que eu não conhecia e que era diferente de tudo que eu já vira em livros, consistindo, em sua maior parte, de símbolos aquáticos estilizados como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias, coisas assim. Era patente que diversos caracteres representavam coisas marinhas desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas, em decomposição, eu havia observado na planície erguida do oceano.

Foram os entalhes decorativos, porém, que mais me extasiaram. Havia um arranjo de baixos-relevos, bem visível acima da água interposta por conta de seu enorme tamanho, cuja temática teria provocado a inveja de Doré. Imagino que aquelas coisas deviam supostamente ilustrar pessoas — ao menos um certo tipo de pessoas, embora as criaturas fossem mostradas divertindo-se como peixes nas águas de alguma gruta marinha ou venerando algum santuário em forma de monolito também ao que tudo indica submerso. De seus rostos e formas, não ousou falar com detalhes; sua mera lembrança me deixa aturdido. De um grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, tinham um perfil infernalmente humano apesar das mãos e pés palmados, dos lábios chocantemente largos e flácidos, dos olhos saltados e vítreos, e outras feições ainda menos agradáveis de se lembrar. O curioso é que pareciam ter sido cinzelados muito fora de proporção em relação ao cenário de fundo, pois uma das criaturas era mostrada no ato de matar

uma baleia representada com um tamanho um pouco maior do que o seu, mas naquele momento eu achei que eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva, navegante e pescadora, alguma tribo cujos derradeiros descendentes teriam perecido muitas eras antes do primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou de Neanderthal haver nascido. Extasiado diante daquele inesperado vislumbre de um passado além da imaginação do mais ousado antropólogo, fiquei ali cismando enquanto a Lua provocava curiosos reflexos no plácido canal à minha frente.

Então, de repente, eu a vi. Com uma leve agitação para indicar sua subida à superfície, a coisa emergiu para fora das águas escuras. Enorme, polifêmica e repugnante, ela disparou como o monstro fabuloso de um pesadelo para o monolito, ao redor do qual arrojou seus gigantescos braços escamosos enquanto inclinava a cabeça horripilante, produzindo sons ritmados. Pensei ter enlouquecido, então.

De minha subida frenética da encosta e do penhasco, de minha delirante jornada de volta para o barco encalhado, pouco me recordo. Creio que cantei muito e ri como louco quando era incapaz de cantar. Tenho vagas recordações de uma grande tempestade algum tempo depois de alcançar o barco. De qualquer forma, sei que ouvi o ribombar de trovões e outros ruídos que a natureza produz somente em seus humores mais terríveis.

Quando sai das trevas, estava num hospital de San Francisco, para onde fora levado pelo capitão de um navio americano que recolhera meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, falei muito, mas descobri que não deram muita atenção às minhas palavras. Meus salvadores não sabiam nada a respeito de alguma terra que houvesse aflorado no Pacífico, e eu não julguei necessário insistir em algo em que sabia que eles não poderiam acreditar. Procurei certa vez um famoso etnólogo e o diverti com perguntas curiosas sobre a antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe, mas, percebendo logo que ele era um racionalista incorrigível, não insisti nas perguntas.

É durante a noite, especialmente quando a lua está muito curva e minguante, que eu vejo a coisa. Tentei a morfina, mas a droga deu-me apenas um alívio temporário e arrastou-me para suas garras como um escravo sem esperança. Sim, tendo escrito um relato completo para a informação ou a desdenhosa diversão de meus semelhantes, agora pretendo acabar com tudo. Muitas vezes me pergunto se tudo não teria passado de pura fantasmagoria — uma simples fantasia febril enquanto eu jazia, castigado pelo sol e delirante, naquele barco descoberto depois de minha fuga do vaso de guerra alemão. Isso eu me pergunto, mas sempre me vem uma visão terrivelmente pavorosa em resposta. Não consigo pensar no mar profundo sem estremecer com as coisas inomináveis que podem, neste exato

momento, estar arrastando-se e espojando-se em seu leito lamacento, adorando seus antigos ídolos de pedra e cinzelando à sua própria e detestável semelhança em obeliscos submarinos de granito encharcado. Sonho com o dia em que elas poderão ascender acima dos vagalhões para arrastar para o fundo, com suas garras fétidas, os remanescentes de uma humanidade debilitada, exaurida pela guerra — o dia em que a terra poderia afundar e o escuro leito do oceano erguer-se em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um ruído à porta, como se um imenso corpo viscoso a estivesse forçando. Ela não me encontrará. Deus, *aquela mão!* A janela! A janela!

ARTHUR JERMYN

I

A vida é uma coisa terrível e do fundo por trás do que sabemos a seu respeito espreitam sugestões demoníacas de verdade que a tornam, de vez em quando, mil vezes mais terrível. A ciência, que já é opressiva com suas revelações chocantes, talvez venha a ser a exterminadora final de nossa espécie humana — se é que somos uma espécie aparte —, pois sua reserva de horrores inimagináveis jamais poderia ser suportada por cérebros humanos se fosse solta no mundo. Se soubéssemos o que somos, deveríamos fazer como sir Arthur Jermyn, e Arthur Jermyn encharcou-se de petróleo e pôs fogo nas roupas certa noite. Ninguém colocou seus restos carbonizados numa urna, nem produziu um memorial em sua homenagem, pois encontraram alguns papéis e um certo *objeto* encaixotado que fizeram os homens desejar esquecer tudo. Alguns que o conheciam chegam a não admitir que ele tenha algum dia existido.

Arthur Jermyn saiu para o pântano e ateou fogo em si próprio depois de ver o *objeto* encaixotado que viera da África. Foi esse *objeto* e não a sua singular aparência pessoal que o levou a pôr fim em sua vida. Muitos não gostariam de viver se tivessem as feições peculiares de Arthur Jermyn, mas ele era um poeta e estudioso e não

se importava com isso. Tinha o aprendizado no sangue, pois seu bisavô, o baronete sir Robert Jermyn, havia sido um antropólogo de renome, enquanto seu tataravô, sir Wade Jermyn, fora um dos primeiros exploradores da região do Congo e havia escrito com erudição sobre suas tribos, animais e supostas antigüidades. Com efeito, o velho sir Wade mostrara um zelo intelectual que quase beirava a mania. Suas bizarras conjecturas sobre uma civilização congoleza branca e pré-histórica lhe valeram muito ridículo quando seu livro, *Observação sobre as diversas partes da África* foi publicado. Em 1765, esse ousado explorador foi internado num hospício de Huntingdon.

A loucura estava presente em todos os Jermyn, e as pessoas achavam ótimo que não houvessem muitos deles. A linhagem não gerou linhas secundárias e Arthur foi seu derradeiro representante. Se não fosse, sabe-se lá o que ele teria feito quando o *objeto* chegou. Os Jermyn nunca pareceram ter uma aparência muito normal — havia algo de errado, ainda que Arthur fosse o pior deles, mas os velhos retratos de família no Solar Jermyn mostravam um bom número de feições agradáveis antes da época de sir Wade. A loucura havia começado com certeza com sir Wade, cujas histórias malucas sobre a África faziam a delícia e o terror de seus poucos amigos. Ela revelava-se em suas coleções de troféus e espécimes, de um tipo que pessoas normais não haveriam de juntar e preservar e aparecia nitidamente na clausura oriental em que man-

tinha sua esposa. Esta, segundo ele, era a filha de um comerciante português que havia encontrado na África e não apreciava os costumes ingleses. Ela o acompanhara quando ele voltara da segunda e mais longa de suas viagens, trazendo um filho bebê nascido na África, fora com ele na terceira e última e nunca mais retornara. Ninguém jamais a vira de perto, nem mesmo os criados, pois tinha um comportamento violento e singular. Durante sua breve estada no Solar Jermyn, havia ocupado uma ala afastada onde era visitada apenas pelo marido, sir Wade era, de fato, muito peculiar na solicitude com a família, pois, quando retornara à África, não permitira que ninguém mais cuidasse de seu jovem filho afora uma negra abjeta da Guiné. Quando de seu retorno, depois da morte de Lady Jermyn, ele próprio assumira os cuidados gerais com o garoto.

Mas foram as conversas de sir Wade, especialmente depois de tomar uns goles, o principal motivo para os amigos o julgarem louco. Num período racionalista como o século dezoito, era um pouco imprudente uma pessoa instruída falar de visões terríveis e cenas estranhas sob o luar do Congo, de muralhas e pilares gigantescos de uma cidade perdida em ruínas e coberta de heras e de uma escada de pedra úmida, silenciosa, descendo interminavelmente até a escuridão de criptas abismais e catacumbas inconcebíveis. Era especialmente imprudente delirar sobre criaturas vivas que poderiam assombrar

esse suposto lugar, criaturas meio selvagens e meio urbanas, de uma ancestralidade profana — criaturas fabulosas que mesmo um Plínio descreveria ceticamente, coisas que poderiam ter surgido depois dos grandes macacos terem infestado a cidade moribunda com suas muralhas e pilares, suas criptas e suas fabulosas esculturas. Depois de voltar para casa pela última vez, sir Wade falava desses assuntos com extrema satisfação, sobretudo depois de seu terceiro copo no Knight's Head, jactando-se do que havia encontrado na selva e de como havia habitado entre ruínas terríveis que só ele conhecia. Ele acabou falando de tal forma das criaturas vivas, que o internaram no hospício. Preso no quarto gradeado de Huntingdon, ele não se mostrou muito arrependido; sua mente funcionava de maneira curiosa. Desde que o filho começara a deixar a infância, ele começou a gostar cada vez menos de seu lar, até que passou a temê-lo. O Knight's Head ficara sendo seu quartel-general e, quando foi internado, chegou a manifestar certa gratidão, como se aquilo fosse para a sua proteção. Três anos depois, ele morreu.

Philip, o filho de Wade Jermy, fora uma pessoa muito singular. Apesar da grande semelhança física com o pai, sua aparência e conduta eram, sob muitos aspectos, tão rudes, que todos o evitavam. Conquanto não houvesse herdado a loucura, como alguns temiam, era muito bronco e dado a breves lapsos de incontável violência. Era baixo, mas muito vigoroso, e tinha uma agi-

lidade espantosa. Doze anos depois de conseguir seu título, casou-se com a filha de seu couteiro, de quem se dizia ter origem cigana, mas, antes do nascimento de seu filho, ele ingressou na Marinha como marujo, completando os motivos para a aversão universal que seus hábitos e seu casamento com uma pessoa de origem inferior haviam iniciado. Com o fim do conflito americano, soube-se que ele engajara-se como marinho de um navio mercante no comércio africano, adquirindo alguma reputação em proezas de força e escalada, mas que havia desaparecido durante uma noite em que seu navio estivera fundeado na costa do Congo.

No filho de sir Philip Jermyn, a reconhecida peculiaridade da família adquiriu um aspecto estranho e fatal. Alto e muito bonito, com uma curiosa espécie de graça oriental apesar de ligeiras desproporções, Robert Jermyn começou a vida como estudioso e pesquisador. Ele foi o primeiro a estudar cientificamente a enorme coleção de relíquias que seu avô louco trouxera da África e que tornara a família tão ilustre na etnologia quanto nas explorações. Em 1815, sir Robert desposou uma filha do sétimo Visconde de Brightholme e foi depois abençoado com três filhos, o mais velho e o mais moço dos quais jamais foram vistos em público em virtude de deformidades físicas e mentais. Entristecido por esses infortúnios familiares, o cientista buscou alívio no trabalho e fez duas longas expedições ao interior da África. Em 1849, seu segundo fi-

lho, Nevil, pessoa particularmente repulsiva que parecia combinar a rudeza de Philip Jermyn com a altivez dos Brightholmes, fugiu com uma dançarina de cabaré, mas foi perdoado quando retornou no ano seguinte. Ele voltou ao Solar Jermyn viúvo e com um filho bebê, Alfred, que um dia iria tornar-se o pai de Arthur Jermyn.

Amigos disseram que foi essa sucessão de sofrimentos que perturbaram a razão de sir Robert Jermyn, mas o motivo do desastre foi, provavelmente, algum elemento do folclore africano. O velho erudito vinha recolhendo lendas das tribos Onga perto do campo de explorações de seu avô e das suas próprias, esperando assim entender um pouco das histórias fantásticas de sir Wade sobre uma cidade perdida povoada por estranhas criaturas híbridas. Certa consistência nos curiosos papéis de seu ancestral sugeriam que a imaginação do louco poderia ter sido fomentada por mitos nativos. Em 19 de outubro de 1852, o explorador Samuel Seaton visitou o Solar Jermyn levando consigo um manuscrito com anotações coligidas entre os Onga e certo de que algumas lendas sobre uma cidade cinzenta de macacos brancos governada por um deus branco poderiam ser valiosas para um etnólogo. Durante sua conversa, é provável que ele tenha fornecido muitos detalhes adicionais cuja natureza jamais será conhecida, pois uma sucessão de tragédias terríveis começou a se formar. Quando sir Robert Jermyn saiu da biblioteca, deixou para trás o corpo estrangulado do explorador e, antes

que pudesse ser contido, havia dado fim a todos os três filhos, os dois que nunca mais haviam sido vistos e o que havia fugido. Nevil Jermyn morreu defendendo, com sucesso, seu próprio filho de dois anos, que aparentemente havia sido incluído nos planos assassinos do velho enlouquecido. O próprio sir Robert, depois de repetidas tentativas de suicídio e de uma obstinada recusa em dizer o que quer que fosse, morreu de apoplexia no segundo ano de seu confinamento.

Sir Alfred Jermyn tornou-se baronete antes de seu quarto aniversário, mas seus gostos jamais casaram com o título. Aos vinte, juntou-se a um grupo de artistas mambembes e aos trinta e seis havia abandonado mulher e filho para excursionar com um circo itinerante americano. Seu fim foi abjeto. Entre os animais exibidos na excursão, havia um enorme gorila macho de cor mais clara do que a média, uma fera surpreendentemente dócil, muito popular entre os artistas. Alfred Jermyn era muito fascinado por aquele gorila e em muitas ocasiões os dois ficavam observando-se com vagar por entre as grades. Um dia, Jermyn pediu e lhe deram permissão para treinar o animal, espantando o público e seus colegas artistas com o êxito de seus esforços. Certa manhã, em Chicago, quando o gorila e Alfred Jermyn estavam ensaiando uma luta de boxe por demais engenhosa, o primeiro soltou um golpe com força maior que o normal, ferindo o corpo e a dignidade do aprendiz de domador. Do que se seguiu, membros de “O Maior Espe-

táculo da 'Terra' não gostam de falar. Eles não esperavam ouvir sir Alfred Jermyn emitir um grito desumano de arrepiar, nem de o ver agarrar seu desajeitado adversário com as duas mãos, atirá-lo ao chão da jaula e morder-lhe perversamente a garganta peluda. O gorila ficou desguarnecido, mas não por muito tempo, e, antes que o domador normal pudesse fazer alguma coisa, o corpo que pertencera ao baronete ficara irreconhecível.

II

Arthur Jermyn era o filho de sir Alfred Jermyn com uma cantora de cabaré de origem desconhecida. Quando o marido e pai abandonou a família, a mãe levou a criança ao Solar Jermyn, onde não restara ninguém para criar objeções à sua permanência. Ela tinha algumas noções de qual deveria ser o comportamento de um aristocrata e cuidou que o filho recebesse a melhor educação que seus poucos recursos permitiam. Os recursos da família eram, então, muito escassos, e o solar Jermyn estava num estado de abandono lamentável, mas o jovem Arthur amava a velha construção com tudo que ela abrigava. Poeta e sonhador, ele era diferente de todos os outros Jermyn que ali viveram. Algumas famílias vizinhas, que tinham ouvido histórias sobre a esposa portuguesa nunca vista do velho sir Wade, diziam que seu sangue latino devia estar-se revelando, mas a maioria das pessoas limitava-se a zombar de sua sensibilidade à beleza, atribuindo-a à mãe cantora, socialmente aviltada. A delicadeza poética de Arthur Jermyn era ainda mais notável devido à rudeza de sua aparência pessoal. A maioria dos Jermyn possuíra uma aparência sutilmente esquisita e repulsiva, mas o caso de Arthur era chocante. E difícil dizer com exatidão com o que ele parecia-se, mas seu semblante, o talhe de seu rosto e a extensão de seus braços provocavam um arrepio de repulsa nos que o viam pela primeira vez.

A mente e o caráter de Arthur Jermyn compensavam, porém, seu aspecto. Prendado e instruído, ele obtivera as mais altas honrarias em Oxford e parecia destinado a resgatar o prestígio intelectual de sua família. Conquanto seu temperamento fosse mais poético do que científico, pretendia prosseguir no trabalho de seus antepassados com etnologia e antigüidades africanas, utilizando a coleção maravilhosa e exótica de sir Wade. Com seu espírito fantasista, ele meditava com muita freqüência na civilização pré-histórica em que o explorador enlouquecido acreditara tão explicitamente, costurando, história a história, os elementos sobre a cidade silenciosa na selva mencionada nas notas e tópicos mais alucinados deste último. Quanto às nebulosas afirmações sobre uma raça de selvagens híbridos indescritível e insuspeita, ele tinha um sentimento peculiar combinando terror e atração, especulando sobre o fundamento possível daquela fantasia e tentando obter luz nos dados mais recentes reunidos por seu bisavô e por Samuel Seaton junto os Onga.

Em 1911, depois que sua mãe morreu, sir Arthur Jermyn decidiu levar suas investigações o mais longe possível. Vendendo parte da propriedade para conseguir o dinheiro necessário, montou uma expedição e navegou para o Congo. Tendo conseguido um grupo de guias junto às autoridades belgas, passou um ano na região dos Onga e dos Kaliri recolhendo dados que superavam suas maiores expectativas. Entre os Kaliri

havia um chefe idoso chamado Mwanu que possuía não só uma memória altamente retentiva, mas um grau singular de percepção e interesse nas lendas antigas. Esse ancião confirmou cada história que Jermyn ouvira, acrescentando seu próprio relato sobre a cidade de pedra e os macacos brancos tal como lhe havia sido contado.

Segundo Mwanu, a cidade cinzenta e as criaturas híbridas já não existiam, tendo sido aniquiladas pelos belicosos N'bangus havia muitos anos. Essa tribo, depois de destruir a maioria dos edifícios e matar as criaturas vivas, levava embora a deusa empalhada que motivara a sua busca, a deusa-macaco branca que os estranhos seres adoravam e que, segundo a tradição do Congo, teria a forma de alguém que havia reinado como princesa entre aquelas criaturas. Mwanu não tinha idéia de como deviam ter sido exatamente as criaturas brancas com forma de macaco, mas achava que haviam sido elas as construtoras da cidade em ruínas. Jermyn não pôde tirar nenhuma conclusão, mas, insistindo nas perguntas, obteve uma lenda muito pitoresca sobre a deusa empalhada.

A princesa-macaco, dizia-se, tornara-se a consorte de um grande deus branco vindo do Ocidente. Durante muito tempo, eles reinaram juntos sobre a cidade, mas, quando tiveram um filho, os três foram-se. Mais tarde, o deus e a princesa retornaram, e, quando a princesa morreu, seu divino esposo fez mumificar seu corpo e o conservou como relíquia numa enorme casa de

pedra, onde ele era adorado. Depois, ele partiu sozinho. Nesse ponto, a lenda parecia ter três variantes. Segundo um dos relatos, nada mais acontecera, salvo que a deusa empalhada tornara-se um símbolo de supremacia para todas as tribos que a viessem possuir. Esse fora o motivo para os N'bangus a terem levado. Um segundo relato falava da volta do deus e de sua morte aos pés da esposa santificada. Um terceiro falava da volta do filho, transformado em homem adulto — ora um macaco adulto, ora um deus adulto, conforme o caso — sem conhecimento de sua identidade. Os imaginativos negros haviam extraído, com certeza, o máximo dos fatos que poderiam existir por trás da extravagante fabulação.

Arthur Jermyn já não tinha dúvidas sobre a existência real da cidade no meio da selva descrita pelo velho sir Wade e não se espantou muito quando, no início de 1912, encontrou o que restara dela. Seu tamanho devia ter sido exagerado, mas as pedras que jaziam espalhadas pelo local comprovavam que não havia sido uma simples aldeia de negros. Infelizmente não lhe foi possível encontrar nenhuma escultura e o pequeno porte da expedição impediu as operações de limpeza de uma das passagens visíveis que pareciam descer para o sistema de galerias que sir Wade mencionara. Os macacos brancos e a deusa empalhada foram discutidos com todos os chefes nativos da região, mas coube a um europeu aprimorar os dados proporcionados pelo

velho Mwanu. M. Verhaeren, agente belga de um entreposto comercial do Congo, acreditava que poderia não só localizar, mas obter a deusa mumificada, da qual ouvira falar vagamente, pois os antes poderosos N'bangus eram agora servos submissos do governo do rei Albert e, com um pouco de persuasão, poderiam ser induzidos a se desfazer da terrível divindade que haviam pilhado. Quando Jermyn navegou para a Inglaterra, portanto, foi exultante com a possibilidade de, dentro de alguns meses, receber uma relíquia etnológica inestimável confirmando a mais excêntrica das narrativas de seu tataravô — isto é, a mais excêntrica que ele jamais ouvira.

Os camponeses das vizinhanças do Solar Jermyn talvez houvessem escutado histórias mais extraordinárias transmitidas por antepassados que haviam escutado sir Wade nas mesas do Knight's Head.

Arthur Jermyn esperou pacientemente pela caixa de M. Verhaeren, entrementes estudando com maior diligência ainda os manuscritos deixados por seu antepassado demente. Ele começou a se achar muito parecido com sir Wade e a procurar relíquias da vida pessoal dele na Inglaterra, bem como de suas explorações africanas. Conseguiu numerosos relatos orais sobre a esposa misteriosa e reclusa, mas não havia sobrado nenhuma relíquia tangível dela no Solar Jermyn. Arthur ficou pensando que circunstâncias teriam provocado ou permitido essa completa ausência e concluiu que a loucura do mari-

do havia sido o principal motivo. Dizia-se que sua tataravó, recordava ele, teria sido a filha de um comerciante português na África. Sua herança prática e seu conhecimento superficial do Continente Negro com certeza a teriam levado a zombar das histórias de sir Wade sobre o interior africano, coisa que um homem como ele dificilmente perdoaria. Ela teria morrido na África, talvez arrastada até lá por um marido determinado a provar o que havia relatado. Mas, enquanto indulgia nessas reflexões, Jermyn não podia deixar de sorrir com sua inutilidade um século e meio depois da morte desses dois extraordinários ancestrais.

Em junho de 1913, chegou-lhe uma carta de M. Verhaeren contando sobre a descoberta da deusa empalhada. Era, asseverava o belga, uma peça das mais extraordinárias, muito além da capacidade de classificação de um leigo. Se era humana ou símia, só um cientista poderia determinar, e o processo de determinação seria ainda mais dificultado por seu estado imperfeito. O tempo e o clima do Congo não são complacentes com múmias, em especial quando sua preparação era tão amadorística como parecia ser o caso. Haviam encontrado ao redor do pescoço da criatura um cordão de ouro sustentando um medalhão vazio sobre o qual havia desenhos armoriais, com certeza uma lembrança de algum infeliz viajante tirado pelos N'bangus e pendurado na deusa como amuleto. Comentando o perfil do rosto da múmia, M. Verhaeren sugeriu

uma comparação esquisita, ou melhor, expressou uma sugestão jocosa de como ele chocaria seu correspondente, mas estava muito mais interessado em questões científicas para gastar muitas palavras com tais leviandades. A deusa empalhada, escreveu, chegaria devidamente embalada cerca de um mês depois do recebimento da carta.

O objeto encaixotado foi entregue no Solar Jermyn na tarde de 3 de agosto de 1913, sendo na hora transportado para o grande salão que abrigava a coleção de espécimes africanos tal como havia sido disposta por sir Robert e Arthur. O que se seguiu pode ser mais bem coligido a partir dos relatos de criados e dos objetos e papéis examinados depois. Dos muitos relatos, o do velho Soames, mordomo da família, é o mais amplo e coerente. Segundo esse homem digno de confiança, sir Arthur Jermyn fez todos saírem do salão antes de abrir a caixa, embora o som distante de martelo e formão indicasse que ele não retardara a operação. Durante algum tempo, nada se ouviu. Soames não soube calcular com exatidão, mas foi decerto menos de um quarto de hora depois que o pavoroso grito, inquestionavelmente com a voz de Jermyn, foi ouvido. Logo depois, Jermyn irrompeu do salão correndo freneticamente para a frente da casa como se estivesse sendo perseguido por algum terrível inimigo. A expressão de seu rosto, um rosto já horrível o bastante quando em repouso, era indescritível. Quando se aproximou da porta da

frente, ele pareceu lembrar-se de algo, interrompeu a fuga, voltou e desapareceu na escada para o porão. Os criados, de todo atônitos, ficaram observando o alto da escada, mas seu amo não voltava. Um cheiro de petróleo foi tudo que subiu das regiões inferiores. Depois de escurecer, ouviram um ruído na porta do porão que dava para o quintal e um cavaliço viu Arthur Jermyn, reluzindo de petróleo da cabeça aos pés e exalando o cheiro deste líquido, esgueirar-se furtivamente para fora e desaparecer no pântano escuro que rodeava a casa. Depois, num paroxismo de horror supremo, todos viram o fim. Uma centelha brilhou no pântano, uma chama subiu e uma coluna de fogo humano ergueu-se para o céu. A casa de Jermyn deixara de existir.

O motivo para os restos carbonizados de Arthur Jermyn não terem sido recolhidos e enterrados encontra-se no que foi achado mais tarde, em especial na coisa dentro da caixa. A deusa empalhada era uma visão repugnante, ressecada e corroída, mas era claramente um macaco branco mumificado de alguma espécie desconhecida, menos peludo do que qualquer variedade registrada e muito mais próximo da humanidade — estarrecedoramente mais próximo. Uma descrição detalhada seria muito desagradável, mas dois aspectos em particular merecem ser revelados, pois combinam com certas anotações revoltantes das expedições africanas de sir Wade e as lendas congolosas do deus branco e da princesa-macaco. Os dois aspectos em questão

são os seguintes: as armas no medalhão de ouro pendurado no pescoço da criatura eram as armas dos Jermyn, e a sugestão jocosa de M. Verhaeren sobre certa semelhança relacionada com o rosto encarquilhado aplicava-se com vivido, pavoroso e sobrenatural horror a nada menos que o sensível Arthur Jermyn, tataraneto de sir Wade Jermyn e uma esposa desconhecida. Membros do Royal Anthropological Institute queimaram a coisa e atiraram o medalhão num poço, e alguns deles chegam a não admitir que Arthur Jermyn tenha existido algum dia.

O TEMPLO

(Manuscrito encontrado na costa de Yucatan)

No dia 20 de agosto de 1917, eu, Karl Heinrich, Graf von Altberg-Ehrenstein, tenente-comandante da Marinha Imperial Alemã e no comando do submarino U-29, deposito esta garrafa e este registro no Oceano Atlântico, numa localização que me é desconhecida, mas provavelmente próxima de 20 graus de Latitude Norte e 35 graus de Longitude Oeste, onde minha embarcação repousa avariada no leito do oceano. Assim faço movido pelo desejo de narrar certos fatos incomuns ao público, coisa que, com toda probabilidade, não poderei fazer pessoalmente, porque as circunstâncias que me cercam são tão ameaçadoras quanto extraordinárias, envolvendo não só o inelutável paralisação do U-29, mas também a desastrosa fragilização de minha vontade de ferro germânica.

Na tarde de 18 de junho, tal como foi transmitido por telégrafo ao U-61, rumando para Kiel, torpedeamos o cargueiro britânico *Victory* que ia de Nova York para Liverpool, em 45 graus e 16 minutos de Latitude N. e 28 graus e 38 minutos de Longitude O., permitindo que a tripulação saísse em barcos para recolher uma boa imagem em filme para os arquivos do almirantado. O navio afundou espetacularmente,

primeiro de proa com a popa erguendo-se bem alto acima da água, e depois o casco mergulhou, na vertical, para o fundo do mar. Nossa câmera pegou tudo e lamento que uma rolo de filme tão bom jamais chegue a Berlim. Depois, afundamos os barcos salva-vidas com os canhões e submergimos.

Quando subimos à superfície, ao entardecer, achamos o corpo de um marinheiro no tombadilho com as mãos agarradas de maneira estranha no parapeito. O infeliz era jovem, de pele bem morena e muito bonito, provavelmente italiano ou grego, e, com toda certeza, pertencera à tripulação do *Victory*. Ele claramente havia procurado refúgio na própria embarcação que fora obrigada a destruir a sua — mais uma vítima da injusta guerra de agressão que os porcos ingleses estão travando contra nossa Pátria. Nossos homens o revistaram para pegar lembranças e descobriam, no bolso de seu capote, um curioso pedaço de marfim entalhado representando uma cabeça de jovem coroada com um laurel. Meu colega oficial, o tenente Klenze, achou que o objeto era muito antigo e tinha grande valor artístico, por isso o requisitou para si. Como ele havia chegado às mãos de um marinheiro comum nem ele nem eu pudemos imaginar.

Quando o morto foi atirado pela borda, dois incidentes deixaram os homens muito perturbados. Os olhos do rapaz estavam fechados, mas, quando ele foi arrastado para a amurada, eles abriam-se e muitos tiveram a estranha ilusão

de que os olhos fitavam zombeteiramente Schmidt e Zimmer, que estavam debruçados sobre o cadáver. O contramestre Müller, um homem mais velho que seria mais esperto se não fosse um porco alsaciano supersticioso, impressionou-se de tal forma com essa sensação, que ficou observando o corpo na água e jurou que, depois de afundar um pouco, ele estirou os membros em posição de nado e afastou-se rapidamente para o sul, por baixo das vagas. Klenze e eu não gostamos dessas exhibições de ignorância campestre e repreendemos severamente os homens, Müller em especial.

No dia seguinte, criou-se uma situação muito incômoda com a indisposição de alguns membros da tripulação. Eles certamente estavam tensos em virtude de nossa longa viagem e haviam tido maus sonhos. Muitos pareciam atônitos e apavorados e, depois de me certificar de que não estavam apenas disfarçando sua fraqueza, dispensei-os de suas obrigações. O mar estava muito bravio, obrigando-nos a descer para uma profundidade onde as ondas davam menos trabalho. Ali ficamos relativamente mais tranquilos, apesar de uma curiosa corrente para o sul que não conseguimos identificar nas cartas oceanográficas. Os gemidos dos doentes eram decididamente incômodos, mas, como não pareciam desmoralizar o resto da tripulação, não foi preciso recorrer a medidas extremas. Nosso plano era permanecermos naquele lugar e interceptar o

vapor de carreira *Dacia* mencionado em informações de agentes em Nova York.

Ao anoitecer, subimos à superfície notando que o mar estava menos revolto. A fumaça de um couraçado apareceu no horizonte setentrional, mas nossa distância e capacidade de submergir nos salvaram. O que mais nos preocupava era o palavreado do contramestre Müller, que foi ficando mais e mais confuso no transcorrer da noite. Ele estava num estado de puerilidade deplorável, balbuciando algo sobre a visão de corpos mortos passando pelas vigias submersas, corpos que olhavam intensamente para ele e que ele reconheceu, apesar de inchados, como pertencentes a pessoas que vira morrer em nossas façanhas vitoriosas. Dizia ele também que o jovem que havíamos encontrado e atirado pela borda era seu líder. Isso tudo era muito repulsivo e anormal, por isso metemos Müller a ferros e mandamos açoitá-lo com rigor. Os homens não gostaram dessa punição, mas era preciso manter a disciplina. Também negamos o pedido de uma comissão encabeçada pelo marujo Zimmer para que a curiosa cabeça entalhada em marfim fosse atirada ao mar.

No dia 20 de junho, os marujos Bohm e Schmidt, que haviam passado mal no dia anterior, enfureceram-se. Lamentei não termos um médico em nosso corpo de oficiais, já que as vidas alemãs são preciosas, mas os delírios constantes dos dois a respeito de uma terrível maldição subvertiam gravemente a disciplina, obri-

gando-nos a tomar medidas drásticas. A tripulação aceitou o fato de má vontade, mas aquilo pareceu acalmar Müller, que, daquele momento em diante, não nos causou nenhum problema. A noite, nós o soltamos e ele retomou suas obrigações em silêncio.

Na semana seguinte, estávamos todos nervosos à espera do *Dacia*. A tensão foi agravada pelo desaparecimento de Müller e Zimmer, que seguramente se suicidaram em consequência dos pavores que pareciam assediá-los, embora ninguém os houvesse visto saltar pela borda. Fiquei muito satisfeito por me livrar de Müller, pois mesmo seu silêncio perturbava a tripulação. Todos pareciam inclinados ao silêncio então, como que tomados por um terror secreto. Muitos estavam doentes, mas ninguém provocou distúrbios. O tenente Klenze, agastado pela tensão, irritava-se com bagatelas — como o grupo de golfinhos que se aglomerava em números crescentes em volta do U-29 e a intensidade crescente da corrente para o sul que não constava de nosso mapa.

Com o tempo, ficou evidente que perdêramos completamente o *Dacia*. Esses malogros não são incomuns e ficamos mais satisfeitos que desapontados, já que nossa ordem era voltarmos nesta circunstância para Wilhelmshaven. Ao meio-dia de 28 de junho, viramos para Nordeste e, apesar de alguns embaraços cômicos com a multidão incomum de golfinhos, logo estávamos a caminho.

A explosão na sala das máquinas às duas da madrugada nos pegou de surpresa. Não havia sido observado nenhum defeito nas máquinas ou descuido dos homens, mas, ainda assim, sem nenhum aviso, a embarcação foi sacudida, de ponta a ponta, por um abalo colossal. O tenente Klenze correu para a sala das máquinas, descobrindo o tanque de combustível e a maior parte do mecanismo despedaçados e os engenheiros Raabe e Schneider mortos. Nossa situação havia ficado realmente grave, pois, ainda que os regeneradores químicos do ar estivessem intactos e pudéssemos usar os dispositivos para elevar e submergir o barco e abrir as escotilhas enquanto o ar comprido e a carga das baterias conservassem-se, não estávamos em condições de impelir ou guiar o submarino. Procurar salvação nos barcos salva-vidas nos poria nas mãos de inimigos irracionalmente enfurecidos com a grande nação alemã e, desde o incidente do *Victory*, não conseguíramos entrar em contato com nenhum submarino amigo da Marinha Imperial pelo telégrafo.

Do momento do acidente até 2 de julho, andamos continuamente à deriva para o sul, quase sem planos e sem encontrar nenhum barco. Os golfinhos ainda rodeavam o U-29, circunstância notável considerando-se a distância que havíamos percorrido. Na manhã de 2 de julho, avistamos um couraçado com as cores americanas e os homens ficaram muito agitados, querendo render-se. O tenente Klenze acabou

tendo de disparar num marinheiro de nome Traube, que exigia este ato anti-germânico com especial insistência. Isto acalmou a tripulação por algum tempo e submergimos para fora de vista.

Na tarde seguinte, um bando compacto de aves marinhas surgiu vindo do sul e o oceano começou a ficar ameaçador. Fechando as escotilhas, aguardamos os acontecimentos até perceber que, se não submergíssemos, seríamos inundados pelas ondas que se avolumavam. A pressão do ar e a eletricidade estavam diminuindo e queríamos evitar todo uso desnecessário de nossos poucos recursos mecânicos, mas, neste caso, não havia escolha. Não descemos até muito fundo e, depois de algumas horas, quando o mar ficou mais calmo, decidimos retornar à superfície. Neste momento, porém, um novo problema impôs-se: o barco não respondia a nossos comandos apesar de usarmos todos os recursos mecânicos. A medida que os homens iam ficando mais apavorados com aquela prisão submarina, alguns deles começaram a resmungar novamente contra a estatueta de marfim do tenente Klenze, mas a vista de uma pistola automática os acalmou. Mantivemos os pobres diabos ocupados ao máximo com as máquinas mesmo sabendo da inutilidade daquilo.

Klenze e eu geralmente dormíamos em horários diferentes e foi durante meu período de sono, em torno das cinco da madrugada do dia 4 de julho, que o motim alastrou-se. Os seis malditos marinheiros restantes, suspeitando que es-

távamos perdidos e estando enfurecidos por não nos termos rendido ao couraçado ianque dois dias antes, num desvario de pragas e destruição, rugiam, como animais que eram, quebrando instrumentos e móveis aleatoriamente e gritando alguma besteira sobre a maldição do ícone de marfim e o jovem morto que olhara para eles e saíra nadando. O tenente Klenze ficou paralisado e incapaz de agir, como era de se esperar de um renano frouxo e efeminado. Atirei nos seis, pois era preciso, e cuidei que nenhum ficasse vivo.

Expelimos os corpos pelas comportas duplas e ficamos sozinhos no U-29. Klenze parecia muito nervoso e bebia pesadamente. Decidimos ficar vivos o máximo possível usando o grande estoque de provisões e o suprimento de oxigênio que não haviam sofrido com as sandices daqueles malditos marinheiros. Bússolas, sondas e outros instrumentos delicados estavam todos arruinados e nosso único recurso para o cálculo da posição do barco seriam as conjecturas com base em observações, o calendário e nossa deriva visível avaliada por qualquer objeto que pudéssemos avistar através das vigias ou do alto da torre. Felizmente tínhamos baterias em estoque para muito tempo, tanto para a iluminação interna quando para o holofote. Frequentemente corríamos o facho de luz ao redor do barco, mas só conseguíamos enxergar os golfinhos nadando em paralelo ao curso de nossa deriva. Eu fiquei cientificamente interessado naqueles golfinhos,

pois, embora o *Delphinus delphis* comum seja um mamífero cetáceo incapaz de sobreviver sem ar, observei atentamente um deles por duas horas e não o vi alterar sua condição de submersão.

Com o passar do tempo, Klenze e eu concordamos em que a deriva ainda era na direção do sul enquanto mergulhávamos cada vez mais fundo. Observávamos a fauna e a flora marinhas e líamos muito sobre o tema nos livros que eu trouxera para os momentos de folga. Não pude deixar de observar, porém, o tanto que o conhecimento científico de meu companheiro era inferior ao meu. Sua cabeça não era nem um pouco prussiana, entregando-se a fantasias e especulações sem o menor valor. A proximidade da morte afetava-o de maneira estranha e ele rezava muito, roído de remorso pelos homens, mulheres e crianças que havíamos afundado, esquecendo-se de que todas as coisas são nobres quando são feitas a serviço do Estado alemão. Com o passar do tempo, ele foi ficando visivelmente desequilibrado, parando para olhar, durante horas, seu ícone de marfim e tecendo histórias fantasiosas sobre coisas esquecidas e abandonadas no fundo do mar. As vezes, à guisa de experimento psicológico, eu provocava seus devaneios e ficava ouvindo as intermináveis citações e histórias poéticas sobre navios afundados. Senti muito por ele, pois não me agrada ver um alemão sofrer, mas ele não era uma boa companhia para se morrer. Quando a mim, eu me sentia orgulhoso, sabendo que a Pátria reve-

renciaria minha memória e ensinaria meus filhos a serem homens como eu.

No dia 9 de agosto, avistamos o leito do oceano e corremos sobre ele o facho potente do holofote. Era uma planície ondulada quase toda coberta de algas, com as conchas de pequenos moluscos espalhadas por toda parte. Viam-se aqui e ali objetos de formato estranho, cobertos de limo e de algas e encrustados de cracas, que, na constatação de Klenze, deviam ser antigos navios repousando em seus túmulos. Ele pareceu intrigado com uma coisa: um pico de matéria sólida projetando-se do leito do oceano até quase doze metros de altura, com uns sessenta centímetros de espessura, faces planas e as superfícies superiores lisas encontrando-se num ângulo muito aberto. Imaginei que se tratava de um afloramento de rocha, mas Klenze pensava ter visto entalhes no objeto. Um momento depois, ele começou a tremer e desviou o olhar da cena com ar apavorado, mas não conseguiu dar nenhuma explicação, exceto a de estar extasiado com a enormidade, a escuridão, a ancestralidade e o mistério dos abismos oceânicos. Ele estava mentalmente extenuado, mas eu, sempre um alemão, fui rápido em notar duas coisas: que o U-29 estava suportando perfeitamente a pressão da profundidade oceânica e que os estranhos golfinhos ainda nos acompanhavam, mesmo naquela profundidade, onde a existência de organismos altamente organizados é considerada impossível pela maioria dos naturalistas. Eu ti-

nha certeza de que havia superestimado nossa profundidade antes, mas ainda assim devíamos estar numa profundidade suficiente para tornar esses fenômenos admiráveis. A velocidade para o sul, medida pelo leito do oceano, estava próxima da que eu havia calculado pelos organismos observados nos níveis superiores.

Foi às 3h15min da tarde de 12 de agosto que o pobre Klenze enlouqueceu de vez. Ele estava na torre de observação usando o holofote quando o vi rumar para o compartimento da biblioteca onde eu estava lendo, e seu rosto imediatamente o traiu. Repetirei aqui o que ele disse, destacando as palavras que enfatizou: “*Ele* está chamando! *Ele* está chamando! Posso ouvi-lo! Devemos ir!”. Enquanto falava, pegou o ícone de marfim da mesa, colocou-o no bolso e segurou meu braço, tentando arrastar-me pela escada para o tombadilho. Num instante, percebi que ele pretendia abrir a escotilha e mergulhar comigo na água, um delírio maníaco suicida e homicida para o qual eu não estava preparado. Quando me esquivei e tentei acalmá-lo, ele ficou ainda mais violento, dizendo: “Venha *já*, depois será tarde demais; é melhor se arrepender e ser perdoado do que desafiar e ser condenado”. Tentei então fazer o oposto da tentativa de acalmá-lo, dizendo que ele estava louco, lastimavelmente insano. Mas ele não se abalou, gritando: “Se estou louco, é uma misericórdia! Possam os deuses apiedar-se do homem que, por sua indiferença, consiga ficar são ante o fim hedion-

do! Venha e seja louco enquanto *ele* ainda chama com clemência!”.

Essa explosão pareceu aliviar uma pressão em sua cabeça, pois, quando terminou, ele ficou mais calmo, pedindo-me para deixá-lo partir sozinho já que não queria acompanhá-lo. Logo ficou clara a postura que eu devia adotar. Ele era um alemão, com certeza, mas apenas um renano simplório, e agora se havia transformado num louco potencialmente perigoso. Concordando com seu pedido suicida, eu poderia livrar-me de alguém que não era mais um companheiro e sim uma ameaça. Pedi que me entregasse a imagem de marfim antes de partir, mas isto lhe provocou uma risada tão sinistra, que não insisti. Depois perguntei se ele não queria deixar alguma lembrança ou uma mecha de cabelo para a sua família na Alemanha, para o caso de eu conseguir salvar-me, mas ele tornou a soltar aquela risada misteriosa. Assim, enquanto ele subia a escada, eu fui para os comandos e, esperando os intervalos de tempo necessários, operei o mecanismo que o enviou para a morte. Quando percebi que ele já não estava no barco, corri o facho do holofote pela água tentando avistá-lo, querendo verificar se a pressão da água o teria esmagado, como teoricamente devia acontecer, ou se o cadáver não teria sido afetado, como acontecia com os extraordinários golfinhos. Mas não consegui avistar meu antigo companheiro, pois os golfinhos, formando um grupo compacto em volta da torre, obscureciam a visão.

Naquela noite, lamentei não ter tirado a imagem de marfim do bolso do pobre Klenze sem ele perceber quando partiu, pois a lembrança dela me fascinava. Não conseguia esquecer a cabeça jovem e bela com sua coroa de folhas, embora eu não seja, por natureza, um artista. Lamentava, também, não ter ninguém com quem conversar. Klenze, mesmo espiritualmente inferior, era melhor do que ninguém. Minhas chances de salvação eram, com toda certeza, irrisórias.

No dia seguinte, subi à torre e reiniciei minhas costumeiras investigações com o holofote. Para o norte, a vista era exatamente igual à de quatro dias antes quando avistáramos o fundo, mas pude notar que a deriva do U-29 era menos veloz. Quando desviei o facho para o sul, observei que o leito do oceano à frente descia num declive acentuado, exibindo blocos de pedra curiosamente irregulares organizados conforme padrões definidos em certos locais. O barco não desceu de imediato acompanhando a profundidade maior do oceano, obrigando-me a regular o holofote e apontar o facho para baixo. Na virada brusca, um fio soltou-se, exigindo uma demora de muitos minutos para os reparos, mas a luz tornou a brilhar inundando o vale marinho abaixo.

Não sou de extravasar emoções, mas tive um enorme espanto quando enxerguei o que a luz elétrica revelava. Entretanto, escolado que era na melhor *Kultur* da Prússia, eu não deveria

espantar-me, pois a geologia e a tradição nos falam de grandes transposições em áreas oceânicas e continentais. O que vi foi um extenso e elaborado alinhamento de construções em ruínas, todas de uma arquitetura imponente, mas inclassificável, e em vários estágios de conservação. A maioria delas parecia ser de mármore, reluzindo vivamente sob o facho do holofote, e o plano geral correspondia ao de uma grande cidade no fundo de um vale estreito com numerosos templos e vilas isolados nas encostas íngremes acima. Os telhados haviam caído e as colunas estavam partidas, mas persistia em tudo a atmosfera de um esplendor imemorialmente antigo que nada poderia apagar.

Confrontado, enfim, com a Atlantis que eu até então considerara um mito, tornei-me o mais impetuoso dos exploradores. No fundo daquele vale, correria um rio algum dia, pois, examinando melhor a cena, avistei restos de molhes e de pontes de pedra e mármore, além de terraços e aterros antes verdejantes e belos. O entusiasmo me deixou quase tão pasmado e sentimental quanto o pobre Klenze e demorei para notar que a correnteza para o sul havia enfim terminado, permitindo que o U-29 pousasse mansamente sobre a cidade submersa como um avião pousa sobre uma cidade na superfície da Terra. Também demorei para perceber que o bando de curiosos golfinhos havia desaparecido.

Duas horas mais tarde, o barco repousava numa praça pavimentada perto do paredão ro-

choso do vale. De um lado, eu podia ver a cidade inteira descendo da praça para a antiga margem do rio; do outro, com chocante proximidade, estava a fachada ricamente ornamentada e bem preservada de um grande edifício, evidentemente um templo, escavado na rocha maciça. Só posso fazer conjecturas sobre a arte construtiva original dessa coisa titânica. A fachada, de uma extensão prodigiosa, cobre aparentemente um recesso vazio contínuo, pois tem muitas janelas amplamente distribuídas. No centro, escancara-se uma grande passagem aberta que pode ser alcançada por um impressionante lance de degraus e é rodeada por esculturas curiosas parecendo figuras de Bacanais em relevo. Na frente de tudo, ficam as grandes colunas e frisas decoradas com esculturas de uma beleza inexprimível retratando, obviamente, cenas pastorais idealizadas e procissões de sacerdotes e sacerdotisas carregando estranhos objetos cerimoniais para a adoração de um deus radiante. A qualidade artística do conjunto é fenomenal, em grande medida helênica, mas curiosamente diferenciada. Dá uma impressão de espantosa antigüidade, como se fosse mais antiga que as ancestrais imediatas da arte grega. Não posso duvidar, também, de que cada detalhe dessa obra maciça foi talhado na pedra virgem de nosso planeta.

Trata-se, claramente, do paredão do vale, embora não consiga imaginar até que profundidade seu interior terá sido escavado. Talvez se tenha aproveitado de uma caverna ou de um

conjunto de cavernas. Nem o tempo nem a submersão conseguiram destruir a grandeza primitiva desse magnífico santuário — pois santuário deve ser — que ainda hoje, milhares de anos depois, permanece imaculado e puro na escuridão silenciosa e eterna de um abismo oceânico.

Não consigo calcular o número de horas que gastei observando a cidade submersa com seus edifícios, arcos, estátuas e pontes, e o templo colossal com sua beleza e seu mistério. Mesmo sabendo que a morte estava próxima, a curiosidade me arrebatava, e eu corria o facho do holofote pelas cercanias do barco numa busca frenética. O luz me permitiu compreender muitos detalhes, mas não consegui mostrar nada para dentro daquela passagem escancarada do templo cavado na rocha, e, depois de algum tempo, para economizar energia, desliguei a corrente. Os raios de luz estavam agora perceptivelmente mais fracos do que nas semanas de deriva e meu desejo de explorar os segredos aquáticos, como que aguçado pela iminente privação da luz, crescia. Eu, um alemão, haveria de ser o primeiro a palmilhar aqueles caminhos imemoriais perdidos!

Idealizei um escafandro de metal para águas profundas e fiz testes com a lanterna portátil e o regenerador de ar. Embora a manobra da dupla escotilha fosse-me causar alguma dificuldade, acreditei que poderia superar todos os obstáculos com minha habilidade científica e caminhar em pessoa pela cidade morta.

No dia 16 de agosto, saí do U-29 e avancei com dificuldade pelas ruas arruinadas e cobertas de lama na direção do antigo rio. Não encontrei esqueletos nem outros restos humanos, mas recolhi uma fortuna em conhecimento arqueológico das esculturas e moedas. Sobre isto, tudo que posso fazer é expressar minha admiração por uma cultura que estava em pleno apogeu de sua glória quando moradores de cavernas perambulavam pela Europa e o Nilo fluía despercebido para o mar. Guiados por este manuscrito, se algum dia ele for encontrado, outros poderão desvendar os mistérios que eu só posso sugerir. Voltei ao barco quando minhas baterias enfraqueceram decidido a explorar, no dia seguinte, o templo escavado na rocha.

No dia 17, quando minha gana de desvendar o mistério do templo ficou ainda mais insistente, tive a desilusão de descobrir que os materiais necessários para recarregar a lanterna portátil haviam sido destruídos no motim daqueles porcos, em julho. Fiquei possesso de raiva, mas minha natureza germânica impediu que eu me aventurasse sem estar preparado nas entranhas completamente escuras que poderiam abrigar algum monstro marinho indescritível ou um labirinto de passagens em cujos meandros eu poderia perder-me para sempre. Tudo que me restava fazer era acender o enfraquecido holofote do U-29 e, com sua ajuda, subir os degraus do templo e analisar as esculturas externas. O fecho de luz penetrava pela porta de baixo para cima e

eu tentei vislumbrar alguma coisa em seu interior, mas nada consegui. Nem mesmo o teto era visível. Embora arriscasse um passo ou dois em seu interior depois de testar a solidez do piso com um bastão, não ousei ir mais longe. Além do mais, pela primeira vez em minha vida, eu experimentava a sensação do pavor. Comecei a entender como haviam surgido certas atitudes do pobre Klenze, pois, quanto mais o templo me atraía, mais eu temia seus abismos aquáticos com um terror cego e crescente. Voltando ao submarino, apaguei as luzes e sentei-me, pensativo, no escuro. A eletricidade precisava ser poupada para emergências.

Passei todo o dia 18, um sábado, envolvido na mais negra escuridão, atormentado por pensamentos e lembranças que ameaçavam vencer minha vontade germânica. Klenze havia enlouquecido e morrido antes de alcançar aquela sinistra ruína de um passado terrivelmente remoto e me aconselhara a ir com ele. Não teria o destino poupado minha razão só para me arrastar inelutavelmente para um fim tão pavoroso, que homem nenhum jamais sonhara? Meus nervos estavam dolorosamente tensos e eu precisava livrar-me daquelas sensações de homens fracos.

Não consegui dormir durante a noite de sábado e acendi as luzes sem me importar com o futuro. Era irritante saber que a eletricidade não duraria tanto quanto o ar e as provisões. Retomei minha idéia de eutanásia e examinei a pistola automática. Perto do amanhecer, devo ter caído no

sono com as luzes acesas, pois despertei no escuro, já na tarde de ontem, e descobri que as baterias estavam descarregadas. Acendi vários fósforos em seguida e lamentei profundamente a imprevidência com que havíamos gasto as poucas velas que possuíamos.

Depois de se extinguir o último fósforo que eu ousei gastar, fiquei sentado, em silêncio, na mais absoluta escuridão. Enquanto meditava no fim inevitável, minha mente percorreu os acontecimentos precedentes e desenvolveu uma sensação até então adormecida que teria feito estremecer alguém mais fraco e mais supersticioso. *A cabeça do deus radiante nas esculturas sobre o templo de pedra é a mesma daquele pedaço de marfim entalhado que o marinheiro morto trouxera do mar e que o pobre Klenze levava de volta às águas.*

Essa coincidência me deixou um pouco atônito, mas não aterrorizado. Só um pensador ordinário apressa-se em explicar o singular e o complexo pelo atalho primitivo do sobrenatural. A coincidência era curiosa, mas eu era um pensador sólido o bastante para não associar circunstâncias que não admitem nenhuma conexão lógica ou associar, por algum mecanismo extraordinário, os acontecimentos desastrosos que se sucederam do caso do *Victory* às minhas aflições presentes. Sentindo que precisava descansar mais, tomei um sedativo. A situação de meus nervos refletiu-se nos meus sonhos, pois tive a sensação de ouvir gritos de pessoas afogando-se e ver faces mortas espremendo-se contra as vigi-

as do barco. E, entre as faces mortas, estava o rosto lívido e zombeteiro do jovem com a imagem de marfim.

Preciso ser cuidadoso na maneira como vou descrever meu despertar hoje, pois estou exausto e necessariamente haverá muitas alucinações misturadas com os fatos. Do ponto de vista psicológico, meu caso é dos mais interessantes, e lamento que não possa ser analisado cientificamente por alguma autoridade alemã competente. Ao abrir os olhos, minha primeira sensação foi um desejo incontrollável de visitar o templo escavado na rocha, um desejo que crescia a cada instante, mas ao qual eu tentava instintivamente resistir movido por uma sensação de medo que agia no sentido contrário. Depois, veio-me a impressão de luz em meio à escuridão das baterias descarregadas e me pareceu ver uma espécie de brilho fosforescente na água em torno da vigia que estava de frente para o templo. Isto despertou minha curiosidade, visto que eu não conhecia nenhum organismo marinho capaz de emitir semelhante luminosidade. Antes que eu pudesse investigar, porém, tive uma terceira impressão, que, por sua irracionalidade, me fez duvidar da objetividade de tudo que meus sentidos pudessem registrar. Foi uma ilusão de aura, a sensação de um som melódico, ritmado, que parecia provir de um hino coral ou entoado, agreste mas belo, atravessando o casco absolutamente à prova de som do U-29. Convencido da anomalia de minhas condições psicológicas e nervosas,

acendi alguns fósforos e servi uma dose concentrada de solução de brometo de sódio, que pareceu acalmar-me o suficiente para desfazer a ilusão sonora. Mas a fosforescência persistia, e eu tive dificuldade de represar o impulso pueril de ir até a vigia e procurar sua origem. Ela era terrivelmente real, e não demorou para eu poder distinguir, com a sua ajuda, os objetos familiares que me cercavam, inclusive o copo de brometo de sódio vazio do qual eu não tivera nenhuma impressão visual no local onde ele agora se encontrava. Essa última circunstância me fez meditar e cruzei o recinto até o copo e o toquei. Ele estava realmente onde eu o havia visto. Agora eu sabia que a luz, se não era real, fazia parte de alguma alucinação tão fixa e consistente, que eu não poderia descartá-la; por isso, deixando de parte toda resistência, subi na torre de observação para observar a origem da luz. Não seria, talvez, algum outro submarino da série U trazendo uma esperança de salvação?

Aconselho o leitor a não aceitar nada do que se segue, como verdade objetiva, pois, como os acontecimentos transcendem à lei natural, eles são, necessariamente, criações fictícias e subjetivas de minha mente. Quando alcancei a torre, descobri que o mar em geral estava bem menos iluminado do que eu esperava. Não havia nenhum animal ou planta fosforescente por ali, e a cidade que acompanhava o declive da encosta até o rio era invisível na escuridão. O que eu vi não foi espetacular, nem grotesco, nem terrifi-

cante, mas eliminou o último vestígio de confiança que eu tinha na própria consciência. *Isto porque a porta e as janelas do templo submerso escavado na colina rochosa brilhavam vivamente com uma radiância bruxuleante, como se a poderosa chama de um altar ardesse, à distância, em seu interior.*

Os incidentes posteriores são caóticos. Olhando para a porta e as janelas iluminadas, fiquei exposto a visões das mais extravagantes — visões tão extraordinárias, que não consigo sequer as relacionar. Imaginei discernir objetos no templo, alguns parados, outros em movimento, e tive a impressão de ouvir de novo o canto irreal que fluíra até mim quando havia despertado. E, por cima de tudo, surgiram pensamentos e pavores centrados no jovem que viera do mar e o ícone de marfim cuja imagem estava reproduzida na frisa e nas colunas do templo à minha frente. Pensei no pobre Klenze e fiquei imaginando onde estaria seu corpo com a imagem que ele havia levado de volta para o mar. Ele me advertira sobre algo e eu não lhe dera atenção — mas ele era um renano estúpido que enlouquecera em face de problemas que um prussiano poderia facilmente suportar.

O resto é muito simples. Meu primeiro impulso de entrar no templo havia-se transformado numa ordem imperiosa e inexplicável. Minha vontade germânica já não conseguia controlar meus atos, e o arbítrio só foi possível em questões menores daquele momento em diante. Fora uma loucura assim que conduzira Klenze à

morte, com a cabeça descoberta e desprotegida, no oceano, mas eu sou prussiano e homem de juízo e usarei até o fim o pouco que dele me resta. Quando percebi, pela primeira vez, que devia ir, preparei o traje de mergulho, o capacete e o regenerador de ar e imediatamente comecei a escrever esta crônica apressada na esperança de que ela possa algum dia chegar ao mundo. Encerrarei o manuscrito numa garrafa e a confiarei ao mar quando deixar o U-29 para sempre.

Não estou com medo, nem mesmo das profecias do enlouquecido Klenze. O que vi não pode ser verdade, e sei que este transtorno de minha vontade irá, quando muito, levar-me à sufocação quando o ar esgotar-se. A luz no templo é pura ilusão e eu morrerei calmamente, como um alemão, nas profundezas escuras e perdidas. Este riso demoníaco que ouço enquanto escrevo vem apenas de meu próprio cérebro enfraquecido. Agora eu vestirei com cuidado o traje de mergulho e subirei corajosamente os degraus para entrar naquele templo primitivo, naquele segredo silente de insondáveis águas e incontáveis anos.

O PÂNTANO LUNAR

Em algum lugar, em que remota e temível região eu não sei, Denys Barry partiu. Eu estava com ele na última noite que passou entre os homens e ouvi seus gritos quando a coisa o alcançou, mas os camponeses e a polícia do Condado de Meath jamais conseguiram encontrá-lo, nem aos outros, embora houvessem procurado até muito longe e por muito tempo. E agora eu estremeço sempre que escuto rãs coaxando nos brejos ou vejo a Lua de lugares ermos.

Conheci Denys Barry muito bem nos Estados Unidos, onde ele enriqueceu, e me congratulei com ele quando comprou de volta o velho castelo ao lado do pântano na sonolenta Kilderry. Fora de Kilderry que seu pai viera e era lá que ele pretendia gozar sua riqueza em meio aos cenários ancestrais. Gente de seu sangue havia governado Kilderry no passado, onde ergueram e habitaram o castelo, mas aqueles tempos eram muito remotos e por várias gerações o castelo ficou vazio e arruinado. Depois de viajar para a Irlanda, Barry me escrevia assiduamente contando como, debaixo de seus cuidados, o castelo cinzento fora recuperando, torre a torre, o antigo resplendor, como a hera fora crescendo lentamente pelas paredes restauradas tal como fizera muitos séculos antes e como os camponeses o abençoavam por trazer de volta os velhos tempos com seu ouro de ultramar. Com o

passar do tempo, porém, surgiram problemas e os camponeses deixaram de abençoá-lo e fugiram como que de uma maldição. Foi quando ele me escreveu pedindo para visitá-lo, pois se sentia só no castelo, sem ter com quem conversar afora os novos criados e operários que trouxera do Norte.

O pântano era o motivo daqueles problemas todos, contou-me Barry na noite em que cheguei no castelo. Desci em Kilderry num entardecer estivoi, com o dourado do céu iluminando o verde das colinas e bosques e o azul do pântano, onde uma estranha e ancestral ruína resplandecia espectralmente sobre uma ilhota distante. Era um pôr-do-sol esplêndido, mas os camponeses de Ballylough me haviam prevenido sobre ele e contado que Kilderry ficara amaldiçoada, o que quase me produziu calafrios quando avistei os altos torreões do castelo dourados pelo fogo. Como a ferrovia não passa por Kilderry, o carro de Barry fora-me apanhar na estação de Ballylough. Os aldeões evitaram o carro e o motorista do Norte, mas sussurraram para mim com os rostos lívidos quando notaram que eu ia para Kilderry. Naquela noite, depois de nos encontrarmos, Barry me contou por quê.

Os camponeses haviam fugido de Kilderry porque Denys Barry pretendia drenar o grande pântano. Com todo seu amor pela Irlanda, a América não deixara de o influenciar, e ele detestava o belo espaço abandonado onde poderia cortar a turfa e explorar a terra. As lendas e su-

perstições de Kilderry não o sensibilizaram e ele ri quando os camponeses recusaram-se a ajudar e depois o amaldiçoaram e partiram para Ballylough com seus míseros pertences quando perceberam que ele estava decidido. Para ocupar seu lugar, ele mandou vir trabalhadores do Norte e, quando os criados foram-se, ele os substituiu do mesmo modo. Mas, sentindo-se solitário entre estranhos, Barry pediu que eu viesse.

Quando escutei os medos que haviam expulsado as pessoas de Kilderry, ri tão alto quanto meu amigo, pois eram medos vagos, alucinados e absurdos. Tinham a ver com alguma lenda grotesca associada ao pântano e a um soturno espírito guardião que habitava a curiosa e ancestral ruína na ilhota distante que eu avistara no entardecer. Corriam histórias sobre luzes dançando na escuridão do luar e ventos gélidos em noites quentes; sobre espectros vestidos de branco pairando sobre as águas e uma fantástica cidade de pedra nas profundezas da superfície pantanosa. Mas, das fantasias exóticas, a mais notável e única em sua absoluta unanimidade era a da maldição que cairia sobre aquele que ousasse perturbar ou drenar o imenso e avermelhado pântano. Havia segredos, diziam os camponeses, que não deviam ser revelados, segredos que tinham ficado ocultos desde a praga que descera sobre os filhos dos partolanos nos tempos fabulosos anteriores à História. No *Livro dos invasores* conta-se que esses descendentes dos gregos foram todos sepultados em Tallaght, mas os anti-

gos de Kilderry diziam que uma cidade fora poupada por negligência de sua deusa-lua padroeira, de forma que somente as colinas arborizadas a sepultaram quando os homens de Nemed vieram da Cítia em seus trinta navios.

Foram histórias inócuas como essa que fizeram os camponeses sair de Kilderry, e, quando as ouvi, não me surpreendeu que Denys Barry não tivesse dado ouvidos a elas. Ele tinha, porém, um grande interesse por coisas antigas e pretendia explorar o pântano todo quando estivesse drenado. Por diversas vezes, ele havia visitado as ruínas brancas na ilhota, mas, embora sua idade fosse muito antiga e seus contornos muito pouco parecidos com a maioria das ruínas da Irlanda, elas estavam estragadas demais para revelar seus tempos gloriosos. Agora o trabalho de drenagem estava pronto para começar e os trabalhadores do Norte logo estariam despidindo o pântano proibido de seu musgo verde e sua turfa vermelha e extinguindo os minúsculos regatos forrados de conchas e os plácidos poços azuis rodeados de juncos.

Depois de Barry me contar todas essas coisas, senti um grande sono, pois as andanças do dia tinham sido cansativas e meu anfitrião ficara falando até tarde da noite. Um criado conduziu-me ao meu quarto, que ficava numa torre remota com vista para o vilarejo, a planície às margens do pântano e o próprio pântano, de cujas janelas eu podia ver, banhados pelo luar, os telhados silenciosos de onde os camponeses ti-

nham fugido e que agora abrigavam os trabalhadores do Norte e, também, a igreja paroquial com seu campanário antigo, e muito ao longe, por sobre o pântano envolvente, o brilho alva-cento e espectral da distante ruína antiga sobre a ilhota. No momento em que eu caía no sono, julguei ouvir sons abafados ao longe. Eram sons bárbaros e meio musicais provocando uma estranha agitação que perturbou meus sonhos. Mas, quando acordei na manhã seguinte, senti que tudo não passara de um sonho, pois as visões que eu tivera eram mais fantásticas do que qualquer som de flautas bárbaras no meio da noite. Influenciada pelas lendas que Barry me havia relatado, minha mente sonada pairara sobre uma cidade imponente num vale verdejante, onde ruas e estátuas de mármore, vilas e templos, entalhes e inscrições, tudo falava com justa harmonia das glórias da Grécia antiga. Quando contei o sonho a Barry, ambos caímos na risada, mas fui eu quem riu mais alto, porque ele estava perplexo com o comportamento de seus trabalhadores do Norte. Era a sexta vez que todos eles haviam dormido além da hora, despertando muito devagar e atônitos e agindo como se não houvessem repousado, embora se tivessem recolhido cedo na noite anterior.

Durante a manhã e a tarde daquele dia, eu erreí sozinho pelo vilarejo dourado pelo sol, conversando de vez em quando com trabalhadores ociosos, pois Barry estava muito ocupado com os planos finais para iniciar a obra de dre-

nagem. Os trabalhadores não pareciam muito satisfeitos e a maioria deles parecia incomodada por algum sonho que havia tido, mas de que tentava, em vão, lembrar-se. Contei-lhes meu sonho, mas eles não ficaram interessados até eu mencionar os sons esquisitos que pensara ter ouvido. Aí eles me olharam de maneira estranha e pareceram lembrar-se também de sons estranhos.

À noite, Barry jantou em minha companhia e anunciou o início da drenagem para dois dias depois. Fiquei contente, pois, embora não me agradasse o desaparecimento do musgo, da urze, dos regatos e dos lagos, sentia um desejo crescente de conhecer os segredos antigos que a turfa emaranhada poderia ocultar. Naquela noite, meus sonhos com sopros de flautas e peristilos de mármore encerraram-se de maneira súbita e inquietante, pois vi descer sobre a cidade do vale uma pestilência e depois uma pavorosa avalanche de lodo coberto de mato que recobriu o corpos mortos nas ruas deixando descoberto apenas o templo de Artemis no pico elevado onde Cieis, a idosa sacerdotisa lunar, jazia fria e silenciosa com uma coroa de marfim sobre os cabelos prateados.

Disse que acordei abruptamente e alarmado. Durante algum tempo, fiquei sem saber se estava dormindo ou acordado, pois o som de flautas ainda retinia em meus ouvidos, mas, quando notei sobre o assoalho os gélidos raios do luar e o desenho de uma janela gótica grade-

ada, decidi que devia estar acordado e no castelo de Kilderry. Depois ouvi um relógio de algum patamar de escada abaixo soar as duas horas e soube que estava acordado. Entretanto, continuava chegando até mim aquele monstruoso e distante sopro de flauta, melodias exóticas, bárbaras, que me faziam pensar em alguma dança de faunos na distante Maenalus. Ele não me deixaria dormir e, cheio de impaciência, saltei da cama e fiquei andando de um lado para outro. Foi por acaso que fui até a janela do norte e olhei para fora, para o vilarejo silencioso e a planície na beirado pântano. Querendo dormir, eu não estava com o menor desejo de olhar para fora, mas as flautas me atormentavam e eu precisava fazer ou ver alguma coisa. Como poderia ter imaginado o que haveria de ver?

Lá, banhado pelo luar que se espalhava sobre a vasta planície, desenrolava-se um espetáculo que nenhum mortal, depois de o ver, poderia esquecer. Ao som de flautas pastoris que ecoavam sobre o pântano, deslizava, silente e misteriosa, uma multidão mesclada de figuras contorcendo-se e enrodilhando-se numa orgia como a que os sicilianos poderiam ter dançado para Demeter nos velhos tempos, sob o luar da colheita, às margens do Cyane. A extensa planície, o luar dourado, as formas obscuras movimentando-se e, acima de tudo, o arrepiante e monótono som das flautas produziram um efeito paralisante, mas, com todo o medo que tomara conta de mim, pude notar que metade daqueles

dançarinos mecânicos e incansáveis eram os trabalhadores que eu julgava adormecidos, e a outra metade era formada por estranhos seres airoso vestidos de branco, de uma natureza quase indefinível, mas sugerindo pálidas náiades lascivas das fontes assombradas do pântano. Não sei quanto tempo me demorei olhando essa visão da janela solitária da torre até desmaiar subitamente num sono sem sonhos do qual fui despertado pelo sol alto da manhã.

Meu primeiro impulso ao acordar foi comunicar meus temores e observações a Denys Barry, mas, vendo a luz do sol brilhando pela janela do leste, tive a certeza de que não havia nada de real no que eu pensara ter visto. Sou dado a estranhas ilusões, mas não sou fraco a ponto de acreditar nelas e, nas circunstâncias, contentei-me com interrogar os trabalhadores que haviam dormido até muito tarde e não conseguiram lembrar-se de nada do que acontecera na noite anterior, exceto sonhos vagos povoados de sons arrepiantes. Essa menção ao sopro espectral me deixou muito perturbado e fiquei tentando imaginar se os grilos de outono não poderiam ter chegado antes da época, perturbando a noite e assombrando a imaginação dos homens. Mais tarde, encontrei Barry na biblioteca estudando atentamente os planos para a grande obra que devia começar no dia seguinte e, pela primeira vez, senti um pingo daquela mesma sensação de medo que havia provocado a fuga dos camponeses. Por alguma razão que não

conseguia entender, apavorava-me a idéia de perturbar o antigo pântano com seus segredos ocultos, e fiquei imaginando visões pavorosas ocultas na desmedida espessura da turfa ancestral. Pareceu-me imprudente trazer à luz aqueles segredos e tratei de procurar uma boa desculpa para sair do castelo e da aldeia. Cheguei a ponto de falar casualmente a Barry do assunto, mas não ousei prosseguir quando ele soltou sua estrondosa gargalhada. Assim, estava quieto quando o Sol deslumbrante pôs-se atrás das colinas distantes e o castelo de Kilderry incendiou-se de vermelho e dourado num fulgor que parecia um presságio.

Jamais saberei ao certo se os acontecimentos daquela noite foram reais ou imaginários. Eles com certeza transcenderam a tudo que já sonhamos sobre a natureza e o universo, mas nenhuma fantasia normal poderia explicar os desaparecimentos que ficaram conhecidos de todos depois que tudo acabou. Recolhi-me cedo, cheio de terror, e durante algum tempo não consegui dormir envolvido no soturno silêncio da torre. Estava muito escuro, pois, embora o céu estivesse descoberto, a Lua ia avançada em sua fase minguante e só surgiria nas primeiras horas da madrugada. Ali deitado, fiquei pensando em Denys Barry e no que aconteceria com o pântano quando o dia raiasse, e senti um impulso quase irresistível de sair correndo, pegar o carro de Barry e guiar como um louco até Ballylough, afastando-me daquelas terras ameaçadas. Antes

que meus pavores cristalizassem-se em ação, porém, caí no sono, avistando, em sonhos, a cidade fria e morta no vale sob uma pavorosa mortalha de sombra.

Provavelmente foi o som agudo das flautas que me despertou, mas aquele som não foi o que primeiro eu notei ao abrir os olhos. Estava deitado de costas para a janela do leste que dava para o pântano, onde a Lua minguante surgiria, e esperava ver a luz projetar-se na parede oposta à minha frente, mas não esperava a visão que efetivamente apareceu. A luz iluminou com efeito os painéis à frente, mas não era uma luz que pudesse ser da Lua. Um feixe terrível e penetrante de fulgor escarlate cruzou a janela gótica e todo o quarto iluminou-se com resplendor intenso e sobrenatural. Minhas primeiras reações foram típicas de uma situação assim, mas é só nos contos que as pessoas agem de maneira dramática e calculada. Em vez de olhar por sobre o pântano para a fonte daquela nova luz, afastei os olhos da janela apavorado e me enfiei nas roupas atabalhoadamente com alguma confusa idéia de fuga. Lembro-me de ter pego o revólver e o chapéu, mas, antes de tudo terminar, eu havia perdido ambos sem atirar com um nem vestir o outro. Alguns instantes depois, o fascínio da radiação vermelha venceu o terror. Arrastei-me até a janela do leste e olhei para fora enquanto o sopro ininterrupto e enlouquecedor reverberava pelo castelo e sobre todo o vilarejo.

Espalhava-se sobre o pântano um dilúvio de luz fulgurante, escarlate e sinistra, irradiando da estranha ruína na ilhota distante. O aspecto da ruína era indescritível — eu devia estar louco, pois ela parecia erguer-se imponente e intacta, esplêndida e rodeada de colunas, com o mármore esbraseado de seu entablamento perfurando o céu como o vértice de um templo no cume de uma montanha. Flautas assobiavam e tambores começaram a rufar e, olhando com espanto e terror, pensei avistar saltitantes formas escuras destacando-se grotescamente contra a vista marmórea e resplendente. O efeito era fantástico — absolutamente inimaginável —, e eu poderia ter-me quedado indefinidamente em sua admiração se não tivesse notado um crescendo das flautas à minha esquerda. Tremendo de um terror curiosamente mesclado com êxtase, atravessei o recinto circular até a janela do Norte, de onde podia ver o vilarejo e a planície à beira do pântano. Ali meus olhos arregalaram-se de novo com um prodígio tão fabuloso, que era como se não houvesse acabado de me afastar de uma cena muito além das fronteiras naturais, pois, na planície sinistramente vermelhada, avançava uma procissão de criaturas como jamais se viu, exceto em pesadelos.

Meio deslizando, meio flutuando no ar, os espectros do pântano vestidos de branco recuavam lentamente para as águas paradas e as ruínas da ilha em formações fantásticas sugerindo alguma dança cerimonial antiga e solene. Seus

braços translúcidos agitando-se ao som do pavoroso sopro daquelas flautas invisíveis faziam acenos de chamamento num ritmo esquisito para um grupo de trabalhadores desarvorados que os seguiam, como cães, cambaleando, cegos e indiferentes, como que arrastados por uma vontade demoníaca canhestra, mas irresistível. Quando as náiades aproximaram-se do pântano, sem alterar seu curso, uma nova fileira de desgarrados cambaleantes ziguezagueando como ébrios saiu do castelo por alguma porta traseira muito abaixo de minha janela, atravessou às apalpadelas o pátio e o trecho de terreno até o vilarejo para se juntar à trôpega coluna de trabalhadores na planície. Apesar da distância, pude perceber prontamente que eram os criados trazidos do Norte ao reconhecer a forma encorpada e repulsiva do cozinheiro, que, de absurda que era, havia adquirido uma dimensão trágica. O sopro das flautas era apavorante, e novamente eu pude ouvir o rufar dos tambores na direção das ruínas da ilha. Depois, tranqüila e graciosamente, as náiades chegaram até a água e desfizeram-se, uma a uma, no pântano ancestral, enquanto a coluna de seguidores, sem poder controlar seus passos, chapinhou desajeitadamente atrás delas até desaparecer num minúsculo vórtice de borbulhas repulsivas que eu mal pude enxergar sob aquela luminosidade escarlate. E, quando o último errante patético, o cozinheiro gordo, afundou pesadamente naquele poço imundo, as flautas e tambores silenciaram e os magnetizantes raios

vermelhos das ruínas se com certeza apagaram-se instantaneamente, deixando o vilarejo maldito, solitário e desolado, sob os lívidos raios da Lua que acabara de surgir.

O caos de meu estado era indescritível. Sem saber se estava louco ou são, dormindo ou acordado, fui salvo por um misericordioso torpor. Creio que fiz coisas ridículas, como rezar para Ártemis, Latona, Deméter, Perséfone e Plutão. E tudo aquilo de que eu me recordava de uma juventude passada entre os clássicos veio-me aos lábios quando o horror da situação despertou minhas mais fundas superstições. Sentia que testemunhara a morte de todo um vilarejo e sabia que estava sozinho, no castelo, com Denys Barry, cuja ousadia trouxera uma maldição. Quando pensei nele, novos terrores me assediaram e caí no chão sem desmaiar, mas fisicamente imprestável. Depois senti um sopro gelado chegar da janela do Leste onde a Lua havia-se erguido e comecei a ouvir os gritos no castelo muito abaixo de onde eu estava. Aqueles gritos logo atingiram uma feição e magnitude indescritíveis que me fazem desmaiar sempre que as recordo. Tudo que posso dizer é que eles vinham de algo que eu conhecera como um amigo.

Em algum momento desse momento estarrecedor, o vento frio e a gritaria devem ter-me acordado, pois minha impressão seguinte é de ter percorrido ensandecido quartos e corredores às escuras, saído do castelo e cruzado o pátio

para a noite hedionda. Encontraram-me, ao amanhecer, errando inconsciente perto de Ballylough, mas o que descompensou definitivamente não foram os horrores que vira ou ouvira anteriormente. O que eu balbuciava quando saí lentamente das trevas dizia respeito a dois incidentes fantásticos ocorridos durante minha fuga: incidentes sem qualquer significado, mas que me assombram incessantemente sempre que estou sozinho em certos locais pantanosos ou sob o luar.

Fugindo daquele castelo maldito pela beira do pântano, ouvi um novo som: comum, mas diferente de tudo que eu ouvira antes em Kilderry. Nas águas estagnadas, ultimamente sem nenhuma vida animal, agora fervilhava uma horda de rãs enormes e viscosas que guinchavam sem parar em tons estranhamente desproporcionais a seus tamanhos. Elas reluziam, verdes e malhadas, sob o luar, parecendo olhar para a fonte da luz. Acompanhei o olhar de uma rã muito gorda e asquerosa e vi a segunda coisa que me perturbou o juízo.

Meus olhos pareceram distinguir, estendendo-se diretamente da estranha e antiga ruína na ilhota distante para a lua minguante, um feixe de luz fraca e bruxuleante que as águas do pântano não refletia. E, subindo por esse pálido caminho, minha fantasia febril imaginou ver uma sombra esbelta retorcendo-se lentamente, uma vaga sombra retorcendo-se, como que arrastada por demônios invisíveis. Enlouquecido como eu

estava, vi naquela sombra pavorosa uma monstruosa semelhança — uma caricatura nauseante, inacreditável —, uma efígie blasfema daquele que havia sido Denys Barry.

O INOMINÁVEL

Estávamos sentados numa sepultura dilapidada do Século XVII, no final de uma tarde de outono, no velho cemitério de Arkham, especulando sobre o inominável. Fitando o salgueiro gigante do cemitério cujo tronco havia quase engolfado uma lápide antiga e ilegível, fiz uma observação macabra sobre os nutrientes espectrais e indizíveis que as raízes colossais deviam estar sugando daquela terra sepulcral e antiga, e meu amigo me repreendeu por semelhante asneira dizendo-me que, como ninguém fora sepultado ali havia mais de um século, não devia existir nada para nutrir a árvore que fosse diferente dos meios naturais. Ademais, acrescentou, minhas conversas constantes sobre coisas “inomináveis” e “indizíveis” eram um recurso muito pueril, muito condizente com a minha condição de escritor menor. Eu gostava de arrematar minhas histórias com sons ou suspiros que paralisavam as faculdades de meus heróis, tirando-lhes coragem, palavras ou associações de idéias para relatar o que haviam passado. Só conhecemos as coisas, dizia ele, por meio dos cinco sentidos ou de nossas intuições religiosas, razão por que era impossível referir-se a qualquer objeto ou aspecto que não pudesse ser claramente descrito pelas definições sólidas dos fatos ou pelas doutrinas apropriadas da teologia — de preferência, as dos congregacionalistas, com algumas modi-

ficações que a tradição e sir Arthur Conan Doyle pudessem fornecer. Com esse amigo, Joel Mantton, eu discutira despreocupadamente inúmeras vezes. Nascido e criado em Boston, ele era diretor do East High School e compartilhava a cegueira presunçosa da Nova Inglaterra para as nuances sutis da vida. Era sua opinião que somente nossas experiências normais e objetivas têm algum significado estético e que é do escopo do artista não tanto provocar emoções fortes por ações, êxtases e surpresas, quanto manter um plácido interesse e apreciação pela transcrição detalhada e precisa de assuntos cotidianos. Ele fazia especial objeção a minha preocupação com as coisas místicas e incompreensíveis, pois, embora acreditasse muito mais que eu no sobrenatural, não admitiria que ele fosse suficientemente banal para um tratamento literário. Para seu raciocínio lúcido, prático e lógico, era virtualmente inacreditável que um espírito pudesse deleitar-se com fugas do ramerrão diário e recombinações originais e dramáticas de imagens geralmente relegadas, pelo hábito e a fadiga, aos padrões vulgares da existência real. Para ele, todas as coisas e sentimentos tinham dimensões, propriedades, causas e efeitos determinados e, apesar de ter a vaga percepção de que a mente por vezes abriga visões e sensações de natureza bem menos geométricas, classificáveis e exploráveis, sentia-se justificado a traçar uma linha imaginária e excluir de julgamento tudo que não pudesse ser comprovado e compreendido pelo cidadão co-

mum. Além do mais, estava quase convencido de que nada podia ser realmente “inominável”. Isto não lhe parecia sensato.

Embora eu soubesse perfeitamente a inutilidade de argumentos imaginativos e metafísicos contra a auto-suficiência de um cultor ortodoxo da vida diurna, alguma coisa nas condições desse colóquio vespertino fez-me ir além da discussão usual. As lápides de ardósia em pedaços, as árvores patriarcais e os seculares telhados de duas águas da velha cidade assombrada que se espalhava ao redor, tudo combinava para incitar-me o espírito em defesa de minha obra, e não demorou muito e eu estava investindo no território do inimigo. Não foi muito difícil iniciar o contra-ataque sabendo que Joel Manton apegava-se, de fato, a superstições que as pessoas sofisticadas de há muito se livraram: crenças na aparição de pessoas moribundas em lugares distantes e nas impressões deixadas por rostos de velhos nas janelas por onde olharam a vida toda. Dar crédito a esses cochichos de velhinhas camponesas, eu insistia então, era acreditar na existência de coisas espectrais sobre a terra separadas de suas contrapartes materiais e sobreviventes a elas. Defendi a capacidade de acreditar em fenômenos fora de todas as teorias normais, pois, se um morto pode transmitir sua imagem visível ou tangível para meio mundo ou ao longo dos séculos, como seria absurdo supor que casas desertas pudessem estar repletas de coisas estranhas e sensíveis ou que velhos cemitérios ferve-

lhassem da inteligência terrível e incorpórea de gerações? E, não podendo o espírito, para causar todas as manifestações a ele atribuídas, ser contido por nenhuma lei da matéria, por que seria extravagante imaginar coisas mortas psiquicamente vivas em formas — ou ausências de formas — absoluta e assustadoramente “inomináveis” para espectadores humanos? O “senso comum” na reflexão sobre esses temas, assegurei a meu amigo com certo ardor, não passa de uma estúpida falta de imaginação e agilidade mental.

O crepúsculo adensara-se, mas nenhum de nós sentiu a menor vontade de interromper a conversa. Manton não parecia impressionado com meus argumentos, nem ansioso para refutá-los, tendo aquela confiança nas próprias opiniões que certamente garantiam seu sucesso como professor, enquanto eu me sentia seguro demais de meus fundamentos para temer uma derrota. O crepúsculo desceu e as luzes brilhavam fracamente em algumas janelas distantes, mas nós não arredamos pé. Estávamos confortavelmente acomodados sobre o túmulo e eu sabia que meu prosaico amigo não se importaria com a rachadura cavernosa na antiga obra de alvenaria perfurada de raízes logo atrás de nós ou com a completa escuridão do local provocada pela presença de uma casa do século XVII, mal segura e deserta, interposta entre nós e a rua iluminada mais próxima. Ali, imersos na escuridão sobre aquela sepultura rachada ao lado da casa deserta, seguimos conversando sobre o “i-

nominável” e, depois de meu amigo encerrar seus escárnios, contei-lhe sobre a horrível evidência que havia por trás do conto que mais provocara suas zombarias.

Meu conto recebera o título “A janela do sótão” e havia sido publicado no número de janeiro de 1922 de *Whispers*. Em muitos lugares, especialmente no Sul e na Costa do Pacífico, retiraram as revistas das prateleiras atendendo às queixas de covardes atoleimados, mas a Nova Inglaterra não se deixou impressionar, contentando-se com dar de ombros às minhas extravagâncias. A coisa, diziam, era, desde logo, biologicamente impossível, mais um daqueles amalucados rumores rurais que Cotton Mather havia sido suficientemente crédulo para enfiar no seu caótico *Magnalia Christi Americana*, e era tão precariamente confirmada, que nem ele aventurara-se a nomear o local onde o horror acontecera. E, quanto ao modo como desdobrei os apontamentos toscos do velho místico, aquilo era impossível, típico de um escriba frívolo e especulativo! Mather realmente havia relatado o surgimento da coisa, mas ninguém, exceto um sensacionalista barato, pensaria em fazê-la crescer, espiar pela janela das pessoas à noite e esconder-se no sótão de uma casa, em carne e espírito, até alguém a avistar à janela, séculos depois, sem saber descrever o que lhe embranquecera os cabelos. Tudo aquilo era uma grande besteira e meu amigo Manton não perdeu tempo para insistir nesse fato. Depois, contei-lhe o que havia

encontrado num velho diário mantido entre 1706 e 1723, desenterrado de papéis de família a não mais de uma milha do lugar onde estávamos sentados; isso e uma certa realidade das cicatrizes no peito e nas costas de meu antepassado que o diário descrevia. Contei-lhe também sobre o pavor de outros moradores da região e como eles foram segredados de geração em geração; e sobre como não fora nenhuma loucura mítica que tomara conta do menino que, em 1792, entrara numa casa abandonada para examinar certos indícios que deviam existir por lá.

Fora uma coisa misteriosa — não causa espanto que alunos sensíveis arripiem-se com a era Puritana de Massachusetts. Sabe-se tão pouco do que se passou por baixo da superfície — tão pouco, mas ainda assim uma pústula abjeta quando expele sua podridão borbulhante em ocasionais vislumbres espectrais. O terror da bruxaria é um pavoroso raio de luz sobre o que estava cozinhando nos cérebros subjugados dos homens, mas mesmo isso é uma bagatela. Não havia beleza: nenhuma liberdade — isto podemos ver pelos restos arquitetônicos e domésticos e as pregações peçonhentas dos devotos confinados. E, do interior dessa camisa-de-força de ferro, emergia uma algaravia de repugnância, perversão e diabolismo. Aí estava, de fato, a apoteose do inominável.

Cotton Mather, naquele diabólico sexto livro que ninguém deveria ler depois de escurecer, não economizou palavras quando arrojou

seu anátema. Severo como um profeta hebreu e laconicamente sereno como ninguém, desde sua época, poderia ser, ele contou sobre o animal que havia parido o que era mais que animal e menos que homem — a coisa com o olho manchado — e o infeliz ébrio aos gritos que haviam enforcado por ter semelhante olho. Isso tudo ele contou precariamente, mas sem qualquer alusão ao que veio depois. Talvez ele não soubesse, ou talvez soubesse e não ousasse contar. Outros souberam e não ousaram — não há nenhuma alusão pública aos rumores que correram sobre o cadeado na porta da escada para o sótão na casa de um velho alquebrado, amargo e sem filhos que havia erguido uma placa de ardósia sem inscrição ao lado de uma sepultura evitada, conquanto se possam encontrar lendas fugidias suficientes para engrossar o mais ralo dos sangues.

Está tudo naquele diário ancestral que encontrei; todas as insinuações silenciadas e as histórias furtivas de criaturas de olho manchado avistadas à noite em janelas ou nas campinas desertas perto dos bosques. Alguma coisa havia atacado meu antepassado na estrada escura do vale deixando-o com marcas de chifres no peito e de garras simiescas nas costas, e, quando analisaram as marcas na terra pisada, descobriram pegadas nítidas de cascos bipartidos e patas vagamente antropóides. Um entregador de correio à cavalo disse ter visto, certa vez, um velho perseguindo e chamando uma coisa inominável, as-

sustadora e saltitante, em Meadow Hill, nas horas fracamente enlustradas antes do amanhecer, e muitos lhe deram fé. Houve, com certeza, um estranho falatório, certa noite de 1710, quando um alquebrado velho sem filhos foi sepultado numa cripta atrás da própria casa que podia ser vista da placa de ardósia sem inscrição. Nunca destrancaram aquela porta de sótão, deixando a casa toda do jeito que ela era, evitada e deserta. Quando ouviram ruídos saindo dali, as pessoas murmuraram e estremeceram, rezando para que a fechadura daquela porta de sótão resistisse. Depois, pararam de esperar quando sucedeu o horror no presbitério, não deixando uma alma viva ou intacta. Com o passar dos anos, as lendas assumiram um cunho espectral — imagino que a coisa, se era mesmo uma coisa viva, deve ter morrido. Mas a lembrança apavorante persistiu — e mais apavorante ainda por ser tão misteriosa.

Durante esse relato, meu amigo Manton fora ficando em absoluto silêncio e pude perceber que minhas palavras o impressionaram. Ele não riu quando parei, perguntando com grande seriedade sobre o menino que enlouquecera em 1793 e que presumivelmente havia sido o herói de minha ficção.

Contei-lhe por que o garoto havia ido àquela casa deserta e evitada e observei que ele devia estar interessado, pois acreditava que as janelas conservavam imagens latentes dos que se haviam sentado ao seu lado. O menino fora o-

lhar as janelas daquele sótão terrível por causa das histórias de coisas que haviam sido vistas por trás delas e voltara gritando ensandecido.

Manton ficou pensativo enquanto eu lhe contava isso tudo, mas aos poucos foi recuperando seu pendor analítico. Ele sustentou, por amor da polêmica, que algum monstro sobrenatural devia ter realmente existido, mas lembrou-me de que mesmo a mais doentia perversão da natureza não precisava ser *inominável*, ou cientificamente indescritível. Admirei a sua lucidez e persistência e acrescentei algumas revelações que havia recolhido entre a gente mais idosa. Deixei claro que aquelas lendas espectrais estavam relacionadas com aparições monstruosas mais assustadoras do que qualquer coisa orgânica, aparições de formas bestiais gigantescas, às vezes visíveis, outras apenas tangíveis, que flutuavam em noites sem luar assombrando a velha casa, a cripta atrás dela e a sepultura onde um broto de árvore havia despontado ao lado da lápide ilegível. Houvessem ou não chifrado ou sufocado pessoas até a morte, como diziam as tradições não corroboradas, aquelas aparições tinham produzido uma impressão forte e consistente e ainda eram misteriosamente temidas por nativos muito velhos, embora tivessem sido em boa parte esquecidas pelas duas últimas gerações — desaparecendo, talvez, por falta de quem nelas pensasse. Ademais, no que toca à teoria estética envolvida, se as emanações psíquicas de criaturas humanas são distorções gro-

tescas, que representação coerente poderia expressar ou retratar uma fantasmagoria tão disforme e infame quanto o espectro de uma perversão caótica e maligna, ela própria uma mórbida blasfêmia contra a natureza? Forjada pelo cérebro morto de um pesadelo híbrido, um terror tão etéreo não constituiria, em toda sua repugnante verdade, o admirável, estrídulo *inominável*!

A hora já devia estar bastante adiantada então. Um morcego curiosamente silencioso roçou em mim e creio que também em Manton, pois, mesmo não podendo enxergá-lo, senti quando ele agitou o braço. Então ele falou:

“Mas essa casa com a janela do sótão ainda está de pé e deserta?”

“Sim”, respondi. “Eu a vi”.

“E encontrou alguma coisa por lá, no sótão, ou em outro lugar?”

“Havia ossos embaixo do beirai do telhado. Podem ter sido aqueles que o menino viu. Se era uma pessoa sensível, não seria preciso mais nada atrás do vidro da janela para enlouquecê-lo. Se todos os ossos vieram da mesma criatura, esta deve ter sido uma monstruosidade histérica e delirante. Seria uma iniquidade deixar esses ossos expostos no mundo, por isso voltei com um saco e carreguei-os até a sepultura nos fundos da casa. Havia uma fresta por onde consegui descarregá-los em seu interior. Não pense que fui um tolo. Devia ter visto aquele crânio. Tinha

chifres de quatro polegadas, mas face e mandíbula como as suas e as minhas”.

Finalmente pude sentir um verdadeiro calafrio percorrer Manton, que se havia aproximado até ficar bem junto de mim. Sua curiosidade, porém, era insaciável.

“E quanto às vidraças?”

“Elas se foram. Uma janela perdera todo o caixilho e em todas as outras não havia traço de vidro nas pequenas aberturas em losango. Elas eram desse tipo, as velhas janelas de treliça que saíram de uso antes de 1700. Não creio que tenham tido algum vidro durante um século ou mais. Talvez o garoto os tenha quebrado, se chegou tão longe; a lenda não diz.”

Manton ficou novamente pensativo.

“Gostaria de ver essa casa, Carter. Onde ela fica? Com vidro ou sem vidro, preciso explorá-la um pouco. E a sepultura onde você colocou os ossos e o outro túmulo sem inscrição... a coisa toda deve ser um bocado terrível”. “Você a viu... antes de escurecer”.

Meu amigo estava mais perturbado do que eu imaginara, pois, a esse rasgo de dramaticidade inofensiva, ele teve um sobressalto, afastando-se bruscamente de mim com um grito sôfrego, descarregando a tensão que vinha contendo. Foi um grito singular e mais terrível ainda porque foi respondido. Enquanto ele ainda reverberava, ouvi um estalido cruzar a escuridão de breu e senti uma janela de treliça ser aberta na velha casa maldita ao lado. E, como todos os outros

caixilhos estavam, desde há muito, desaparecidos, sabia que só poderia tratar-se do horrível caixilho sem vidros daquela diabólica janela do sótão.

Logo depois, alcançou-nos um sopro insalubre de ar gélido e fétido daquela mesma e tétrica direção, seguido de um grito lancinante bem ao meu lado sobre aquele repugnante tumulto fendido de homem e de monstro. No instante seguinte, fui jogado de meu pavoroso banco pela diabólica pancada de alguma titânica entidade invisível de natureza indefinida, jogado sobre a terra entranhada de raízes daquele cemitério abjeto, enquanto emergia do sepulcro um tal alarido abafado de suspiros e chiados que minha fantasia povoou as trevas profundas de legiões miltonianas de malditos. Formou-se um vórtice de vento gelado e paralisante e ouviu-se logo em seguida um entrechocar de tijolos e reboco soltos, mas eu misericordiosamente desmaiei antes de saber o significado daquilo tudo.

Manton, embora seja menor do que eu, é mais forte, pois abrimos os olhos quase no mesmo instante apesar de ele estar mais ferido. Nossos leitos estavam lado a lado e bastaram alguns segundos para percebermos que estávamos no St. Mary's Hospital. Atendentes, ávidos para refrescar nossa memória, aglomeravam-se ao redor com ansiosa expectativa, contando-nos como havíamos chegado até ali, e não demorou para sabermos que um fazendeiro nos havia encontrado, ao meio-dia, num campo deserto atrás

de Meadow Hill, distante uma milha do velho cemitério, no lugar onde teria existido um antigo matadouro. Manton apresentava dois ferimentos terríveis no peito e alguns cortes e arranhões menos graves nas costas. Eu não estava seriamente ferido, mas estava coberto de estranhos hematomas e contusões, inclusive uma marca de casco bipartido. Estava claro que Manton sabia mais do que eu, mas ele nada disse aos médicos perplexos e curiosos até ficar sabendo melhor o que eram nossos ferimentos. Ele contou então que um touro enfurecido nos atacara — embora fosse difícil imaginar o animal naquele lugar e responsabilizá-lo.

Depois que os médicos e as enfermeiras saíram, sussurrei-lhe uma pergunta cheia de espanto:

“Por Deus, Manton, mas *o que foi isso*? Essas cicatrizes, *foi mesmo assim*?”

E fiquei atônito demais para exultar quando ele me respondeu sussurrando algo que eu meio que esperava...

“Não... *não foi nada disso*. Estava por toda parte... uma gelatina... um lodo..., mas tinha formas, um milhar de formas de horror além de minha compreensão. Eram olhos... e uma mancha. Era o inferno... o vórtice... a abominação extrema. Carter, *era o inominável!*”

O INTRUSO

*That night the Baron dreamt of many a wo;
And all his warrior-guests, with shade and form
Of witch and demon, and large coffin-worm,
Were long be-nightmared⁵.*

Keats

Pobre de quem da infância lembra apenas de seus medos e tristezas. Infeliz daquele que recorda as horas solitárias em salas vastas e sombrias com reposteiros marrons e loucas fileiras de livros arcaicos, ou as vigílias apavoradas nos bosques crepusculares de árvores imensas, grotescas, entulhadas de trepadeiras cuja rama entrelaçada agita-se silenciosa nas alturas longínquas. Essa sina reservaram-me os deuses — a mim, o aturdido, o frustrado, o estéril, o prostrado. E, no entanto, me alegro e me aferro com voracidade a essas memórias fanadas quando meu espírito ameaça por um momento se atirar para *o outro*.

Não sei onde nasci, exceto que o castelo era muitíssimo velho e medonho, repleto de passagens sombrias e com tetos altos, onde tudo

⁵ Nessa noite o barão sonhou muitas desgraças / E todos seus hóspedes-guerreiros, com sombra e forma / De feiticeiro e demônio, e um grande verme sepulcral, / Havia muito. (N.T.)

que os olhos conseguiam alcançar era teias de aranha e sombras. As pedras dos corredores em ruínas pareciam estar sempre úmidas demais e um cheiro execrável espalhava-se por tudo como se exalasse dos cadáveres empilhados das gerações passadas. Estava sempre escuro e eu costumava acender velas e olhar fixamente para elas em busca de consolo, e o sol não brilhava no lado de fora com aquelas árvores terríveis elevando-se para além da mais alta torre acessível. Havia uma torre escura que subia além da copa das árvores para o céu invisível, mas uma parte dela havia ruído e não se podia galgá-la senão escalando as paredes abruptas, pedra por pedra.

Devo ter morado muitos anos neste lugar, mas não posso medir o tempo. Criaturas devem ter cuidado de minhas necessidades, mas não consigo lembrar-me de ninguém além de mim, ou de qualquer coisa viva, além dos ratos, aranhas e morcegos silenciosos. Imagino que o ser que cuidou de mim deve ter sido terrivelmente idoso, pois minha primeira noção de um ser vivo era algo parecido comigo, mas deformado, enrugado e decadente como o castelo. Para mim, nada havia de bizarro nos ossos e esqueletos que se espalhavam por algumas criptas de pedra no recesso das fundações; em imaginação, eu associava essas coisas à vida cotidiana e as considerava mais naturais que as ilustrações coloridas de seres vivos que encontrava em muitos daqueles livros bolorentos. Nesses livros, aprendi tudo que sei. Nenhum professor me estimulou nem

orientou, e não me recordo de ter ouvido alguma voz humana naqueles anos todos — nem sequer a minha própria, pois, apesar de falar em pensamento, jamais tentei falar em voz alta. Minha aparência era também inimaginável, pois, não havendo espelhos no castelo, eu me considerava, por instinto, parecido com as imagens de jovens que via desenhadas ou pintadas nos livros. Tinha consciência de ser jovem porque minhas recordações eram ínfimas.

No exterior, além do fosso pútrido e debaixo das soturnas, silenciosas árvores, eu muitas vezes me deitava e sonhava durante horas sobre o que lera nos livros e em sonhos me imaginava em meio às multidões alegres no mundo ensolarado além da floresta interminável. Certa vez tentei escapar da floresta, mas, à medida que fui afastando-me do castelo, a escuridão foi-se adensando e o ar enchendo-se de horrores e voltei numa correria vertiginosa temendo perder-me num labirinto de trevas silenciosas.

E assim, durante crepúsculos intermináveis, eu sonhei e esperei, embora não soubesse pelo quê. Foi então que, na lúgubre solidão, meu anseio por luz tornou-se de tal forma arrebatador, que eu já não conseguia repousar e erguia as mãos em súplica para a única torre negra em ruínas que se erguia até além da floresta para o invisível céu exterior, até que resolvi enfim escalar aquela torre, apesar do risco de despencar; era melhor vislumbrar o céu e morrer do que viver sem jamais ter avistado o dia.

No úmido crepúsculo, eu galguei a escada de pedra gasta e envelhecida até o nível onde ela terminava e dali para a frente me sustive, com grande risco, em pequenos apoios para os pés que conduziam para cima. Pavoroso e terrível era aquele cilindro de rocha morto e sem escada; escuro, arruinado, deserto e sinistro, com morcegos espantados esvoaçando com asas silenciosas. Mais pavorosa e terrível ainda era a lentidão de meu progresso. Por mais que subisse, a escuridão ao alto não se dissipava e uma nova friagem, como que de um mofo entranhado e venerável, assediava-me. Estremeci ao imaginar por que não avistava a luz e teria olhado para baixo se ousasse. Imaginei aquela escuridão descendo abruptamente sobre mim e tateei em vão com a mão livre procurando uma fresta de janela por onde pudesse espiar para fora e para o alto, tentando avaliar a altura a que chegara.

De repente, depois de um infinito arrastar às escuras por aquele precipício côncavo e desesperador, senti minha cabeça locar num objeto sólido e percebi que havia atingido o teto, ou, pelo menos, algum tipo de piso. No escuro, ergui a mão livre e testei o obstáculo, percebendo que era de pedra e inamovível. Logo em seguida, iniciei um contorno mortal da torre, agarrando-me a toda saliência que o paredão escorregadio me pudesse oferecer, até que a minha mão investigadora sentiu o obstáculo ceder e tentei retomar a subida empurrando a laje ou porta com a cabeça usando as duas mãos na temerária

escalada. Acima, não havia nenhuma luz visível e, quando minhas mãos avançaram mais um pouco, percebi que ainda não fora daquela vez o desfecho de minha escalada, pois a laje era o alçapão de uma passagem que conduzia a uma superfície plana de pedra cuja circunferência era maior do que a parte inferior da torre, com certeza o piso de alguma câmara de observação elevada e espaçosa. Arrastei-me cuidadosamente pela passagem tentando impedir que a pesada laje caísse de novo no lugar, mas falhei nessa última tentativa. Caído exausto sobre o chão de pedra, ouvi as reverberações lúgubres de sua queda, mas achei que, quando fosse necessário, poderia erguê-la de novo.

Acreditando ter chegado a uma altura prodigiosa, muito acima das malditas árvores da floresta, levantei-me do chão com dificuldade e sai tateando à procura de janelas por onde pudesse olhar, pela primeira vez, o céu, a Lua e as estrelas sobre os quais havia lido. Mas em todos os lados a tentativa foi baldada. Tudo que encontrei foram enormes prateleiras de mármore sustendo caixas oblongas e repulsivas cujo tamanho me inquietou. Mais e mais eu refletia e tentava imaginar que segredos veneráveis poderiam abrigar-se nessa câmara elevada, isolada por tantos séculos do castelo abaixo. Então, de repente, minhas mãos deram com uma passagem bloqueada por um portal de pedra decorado com curiosos entalhes cinzelados. Experimentando-a, percebi que estava trancada, mas com um esfor-

ço supremo superei todos os obstáculos e forcei-a para dentro. Ao fazê-lo, fui tomado pelo mais puro êxtase que já conhecera, pois, brilhando mansamente através de uma grade de ferro trabalhado e um curto lance de degraus de pedra descendente, lá estava a Lua, cheia e radiante, que eu jamais vira, exceto em sonhos e em nebulosas visões que nem sequer ousaria chamar de lembranças.

Imaginando ter chegado o topo do castelo, comecei a subir às pressas os poucos degraus além da porta, mas uma nuvem encobriu de repente a Lua, fazendo-me tropeçar e prosseguir com maior vagar na escuridão. Ainda estava muito escuro quando atingi a grade — que experimentei com cuidado e descobri que estava destrancada, mas que não abri temendo cair da altura espantosa a que havia chegado. E a Lua então ressurgiu.

O mais infernal de todos os choques é aquele causado pelo inesperado abismai e o inacreditável grotesco. Nada do que eu sofrerá poderia comparar-se ao horror que agora presenciava, com as aberrações maravilhosas que aquela visão provocava. A visão, em si, era ao mesmo tempo banal e estarrecedora, pois se tratava do seguinte: em vez de uma perspectiva estonteante de copas de árvores vistas de uma altura imponente, estendia-se ao meu redor além da grade nada menos que *o terreno sólido*, ornamentado e dividido por placas e colunas de mármore e do-

minado por uma antiga igreja de pedra cujo cone em ruínas reluzia pálido ao luar.

Sem me dar conta de meus atos, abri a grade e saí cambaleando para fora, pelo caminho de cascalho branco que se estendia para longe em duas direções. Minha mente, por atônita e caótica que estivesse, conservava a obstinada avidez pela luz e nem mesmo o prodígio fabuloso que acontecera poderia conter meu ímpeto. Eu não sabia, nem me importava em saber, se a minha experiência era fruto de insânia, sonho ou magia, determinado como estava a fixar o esplendor e a alegria a qualquer custo. Eu não sabia quem eu era, ou o que era, ou em que consistia tudo aquilo ao meu redor, mas, enquanto avançava aos tropeções, fui tomando consciência de uma recordação latente e alarmante que, de certa forma, cadenciou os meus passos. Passei por baixo de um arco daquela região forrada de lajes e colunas e errei pelo campo aberto, seguindo às vezes pela estrada visível, outras a abandonando e caminhando pelos prados onde ruínas esparsas sugeriam a presença antiga de uma estrada abandonada. Em certa altura, cruzei a nado um rio caudaloso onde ruínas de alvenaria cobertas de musgo sugeriam uma ponte havia muito desaparecida.

Duas horas devem ter transcorrido até eu alcançar o que parecia ser o meu destino, um venerável castelo coberto de hera no meio de um parque arborizado, de maneira curiosa familiar, mas que ainda assim me causou uma intrigante

perplexidade. Notei que o fosso estava cheio e que algumas daquelas torres bastante conhecidas estavam em ruínas, e que havia novas alas para confundir o observador. Mas o que observei com especial interesse e satisfação foram as janelas abertas — profusamente iluminadas e deixando escapar os sons da mais alegre das orgias. Aproximando-me de uma delas, olhei para dentro e vi um grupo de pessoas em trajes bizarros divertindo-se e conversando com animação. Ao que me parecia, eu jamais tinha ouvido uma fala humana e só poderia supor vagamente o que estavam dizendo. Algumas feições me sugeriram recordações muito remotas, outras me eram por completo estranhas.

Saltei então pela janela baixa para dentro do salão resplendente, saindo assim do meu único momento luminoso de esperança para a mais negra comoção de desespero e percepção. O pesadelo caiu como um raio, pois, mal havia entrado, presenciei uma das mais terríficas demonstrações que jamais imaginei. Assim que cruzei o peitoril, o grupo todo caiu num estado de terror súbito e inesperado de tremenda intensidade, que fazia os rostos contraírem-se e provocava gritos apavorados em quase todas as gargantas. A debandada foi geral e, em meio ao clamor e o pânico, muitos perderam os sentidos e foram arrastados pelos enlouquecidos companheiros em fuga. Muitos taparam os olhos com as mãos, atirando-se numa correria cega e desajeitada para escapar, contornando móveis e cho-

cando-se contra as paredes até conseguirem alcançar uma das muitas portas.

Os gritos eram apavorantes e, quando fiquei sozinho e atônito no salão brilhante escutando o apagar de seus ecos, estremeci imaginando o que poderia estar invisível à espreita, ao meu lado. A primeira vista, o salão me pareceu deserto, mas, quando caminhei na direção de uma das recâmaras, pensei ter vislumbrado ali uma presença — uma sugestão de movimento além da passagem em arco dourada que conduzia para um salão parecido com o primeiro. Aproximando-me do arco, comecei a perceber melhor aquela presença e, então, com o primeiro e último som que jamais proferi — um uivo pavoroso que me causou quase tanta repugnância quanto a coisa medonha que o causara —, enxerguei, com plena e apavorante nitidez, a inconcebível, indescritível e indizível monstruosidade que, com seu mero surgimento, havia transformado um grupo alegre numa horda de fugitivos delirantes.

Não posso sequer sugerir com o que ela parecia-se, pois era uma combinação de tudo que é impuro, repugnante, repudiado, anormal e odioso. Era a sombra espectral de decadência, antigüidade e dissolução, o pútrido, gotejante espectro de uma revelação doentia, o horrível desnudamento daquilo que aterra misericordiosa deveria para sempre ocultar. Deus sabe que aquilo não era deste mundo — ou não era mais deste mundo —, mas, para meu horror, eu per-

cebi em seu perfil carcomido, com os ossos à mostra, uma abominável caricatura da forma humana e, em suas roupas mofadas e em frangalhos, uma qualidade indizível que me arrepiou ainda mais.

Aquilo quase me paralisou, mas não foi o bastante para eu não esboçar uma débil tentativa de fuga, um salto para trás que não conseguiu quebrar o encanto com que o monstro inominável e silencioso me prendia. Meus olhos, enfeitiçados pelos globos oculares vidrados que os fiavam de maneira asquerosa, não queriam fechar-se, embora uma piedosa turvação só me permitisse ver o terrível objeto de maneira indistinta depois do primeiro impacto. Tentei erguer a mão e tapar os olhos, mas tinha os nervos tão abalados, que o braço não obedeceu à minha vontade. A tentativa, porém, foi quanto bastou para me perturbar o equilíbrio, e precisei dar vários passos cambaleantes para a frente para não cair. Ao fazê-lo, tive uma súbita e dolorosa consciência da *proximidade* da coisa sepulcral, meio que imaginei ouvir a sua respiração cava e repulsiva. Quase enlouquecido, consegui mesmo assim estender a mão para espantar a fétida aparição que estava tão perto, quando, num segundo cataclísmico de um pesadelo cósmico e um acidente infernal, *meus dedos tocaram a mão putrefata do monstro estendida por baixo do arco dourado*.

Eu não gritei, mas todos os fantasmas demoníacos que cavalgam o vento noturno uivaram por mim quando, naquele mesmo instan-

te, desabou sobre a minha mente uma única e fugaz avalanche de uma lembrança de aniquilar a alma. Eu percebi naquele instante tudo que havia acontecido; minhas recordações foram além do assustador castelo e das árvores, e reconheci o edifício modificado onde eu estava agora; reconheci, mais terrível de tudo, a ímpia abominação que eu tinha à minha frente enquanto afastava meus dedos imundos dos seus.

Mas, no cosmo, há sofrimento e há bálsamo. E esse bálsamo é nepente. No supremo terror daquele instante, esqueci-me do que me havia horrorizado e o surto de negra recordação desfez-se num pandemônio de imagens reverberantes. Fugi num sonho daquele edifício assombrado e maldito e célere corri, em silêncio, sob o luar. Retornando ao cemitério de mármore, desci os degraus e descobri que não conseguiria mover o alçapão de pedra, mas isto não me aborreceu, porque eu detestava aquele castelo antigo e aquelas árvores. Agora eu cavalgo com os fantasmas amáveis e zombeteiros ao vento noturno e brinco durante o dia entre as catacumbas de Nephren-Ka no vale oculto e proibido de Hadath, à margem do Nilo. Sei que aquela luz não é para mim, exceto a da Lua sobre as sepulturas de pedra do Neb, bem como nenhuma alegria, salvo as indescritíveis orgias de Nitokris sob a Grande Pirâmide, mas, em minha nova selvageria e liberdade, eu quase agradeço a amargura da alienação.

Pois, embora nepente tenha-me acalmado, sempre saberei que sou um intruso, um estranho

neste século e entre os que ainda são homens. Isto eu soube desde que estendi meus dedos para a abominação no interior da enorme moldura dourada, estendi meus dedos e toquei *uma superfície fria e sólida de vidro polido.*

A SOMBRA SOBRE INNSMOUTH

I

Durante o inverno de 1927-28, autoridades do governo federal fizeram uma investigação estranha e secreta sobre certas condições na antiga cidade portuária de Innsmouth em Massachusetts. O público tomou conhecimento dela em fevereiro, depois de uma extensa série de batidas policiais e prisões, seguidas da explosão e queima deliberadas — tomadas as devidas precauções — de um número imenso de casas arruinadas, carcomidas e, por suposto, vazias na orla marítima abandonada. As almas pouco curiosas tomaram essas ocorrências como mais um grande enfrentamento da guerra intermitente contra as bebidas alcoólicas.

Os leitores de jornais mais sagazes, porém, espantaram-se com o número prodigioso de prisões, a extraordinária força policial mobilizada para o feito e o sigilo que cercou a acomodação dos detidos. Nada foi noticiado sobre julgamentos ou sobre acusações definidas, e nenhum cativo foi visto depois dos incidentes em qualquer prisão regular do país. Correram rumores sobre doenças e campos de concentração e, mais tarde, sobre a dispersão de pessoas por vá-

rios presídios navais e militares, mas jamais veio à luz alguma coisa positiva. Innsmouth ficou quase deserta e mesmo agora só dá sinais de reanimação muito lentos.

Com os protestos das muitas organizações liberais, fizeram-se longas discussões secretas, e alguns representantes foram levados em visita a certos campos e presídios. O surpreendente é que, depois disso, essas sociedades mostraram-se passivas e reticentes. As autoridades tiveram mais dificuldade para lidar com os jornalistas, mas esses, no geral, pareceram cooperar com o governo no final. Somente um jornal, um tablóide não muito respeitado em virtude de sua política sensacionalista, mencionou o submarino de águas profundas que lançou torpedos no precipício marinho pouco além do Devil Reef. Essa notícia, recolhida por acaso num antro de marinhairos, pareceu, com efeito, muito exagerada, pois o recife baixo e negro fica em mar aberto, a dois quilômetros e meio do porto de Innsmouth.

Moradores de toda a região e de cidades vizinhas cochicharam muito entre si, mas disseram muito às pessoas de fora. Eles falaram da moribunda e quase deserta Innsmouth durante quase um século, e nada de novo poderia ser mais monstruoso ou extravagante do que já haviam cochichado e insinuado anos antes. Muitas coisas haviam-lhes ensinado a serem discretos, e não tinha a menor justificativa para pressioná-los. Ademais, eles sabiam de fato muito pouco, pois pântanos enormes, salgados, desolados e

desertos mantinham os vizinhos afastados de Innsmouth pelo lado do continente.

Mas eu vou desafiar, enfim, o silêncio que se impôs sobre esse assunto. As conclusões, estou certo, são tão cabais, que nenhum dano público, salvo um tremor de repugnância, poderá advir do que aqueles policiais horrorizados encontraram em Innsmouth durante a sua batida. Além do mais, o que foi encontrado pode ter mais de uma explicação possível. Não sei quanto da história toda me foi contado, e tenho minhas razões para não querer ir mais fundo na questão. Isto porque meu contato com o caso foi mais curto que o de qualquer outro leigo, e ele me deixou impressões que ainda me levarão a tomar medidas extremas.

Fui eu quem fugiu desvairado de Innsmouth na madrugada de 16 de julho de 1927 e cujos apelos apavorados à realização de um inquérito e medidas do governo provocaram todo o episódio noticiado. Prefери ficar calado enquanto o caso estava fresco e indefinido, mas agora que ele tornou-se uma história antiga, passado o interesse e a curiosidade públicas, sinto um estranho anseio de confidenciar sobre aquelas poucas horas apavorantes no porto lúgubre e mal-afamado de anomalias blasfemas e fatais. O mero fato de contar me ajuda a recuperar a confiança em minhas faculdades mentais, a me tranquilizar de que não fui o primeiro que sucumbiu a uma alucinação de pavor contagiante.

Ajuda-me, também, na decisão sobre uma certa ação terrível que terei de empreender.

Eu nunca ouvira falar de Innsmouth até o dia em que a vi pela primeira e — até agora — última vez. Estava comemorando minha maioria com uma excursão pela Nova Inglaterra — com fins turísticos, antiquários e genealógicos — e planejava ir diretamente da velha Newburyport a Arkham, de onde saíra a família de minha mãe. Não possuía carro e estava viajando de trem, bonde e ônibus, procurando sempre o itinerário mais barato. Em Newburyport, disseram-me que o trem a vapor era o que se podia tomar para Arkham, e foi só na bilheteria da estação, quando vacilei com o preço da tarifa, que fiquei sabendo de Innsmouth. O agente corpulento com expressão astuta e com um modo de falar que não era da região simpatizou com meus esforços de economia e me fez uma sugestão que nenhum de meus outros informantes oferecera.

“Você podia pegar o velho ônibus, acho eu”, disse ele com certa hesitação, “mas ele não é muito usado por aqui. Passa por Innsmouth, você deve ter ouvido, e por isso as pessoas não gostam dele. Quem guia é um sujeito de Innsmouth, Joe Sargent, mas ele nunca pega nenhum passageiro daqui ou de Arkham, eu acho. É um espanto que continue rodando. Acho que é bem barato, mas nunca vi mais de duas ou três pessoas nele; ninguém fora aquela gente de Innsmouth. Sai da praça, da frente da Farmácia Hammond’s, às dez da manhã e às sete da noite,

se não mudou ultimamente. Parece uma maldita ratoeira, nunca entrei nele”.

Esta foi a primeira vez que ouvi falar na misteriosa Innsmouth. Qualquer referência a uma cidade inexistente em mapas comuns ou não listada nos guias recentes teria-me interessado, e a curiosa maneira alusiva do funcionário expressar-se despertou em mim uma verdadeira curiosidade. Uma cidade capaz de inspirar tal aversão em seus vizinhos, pensei, devia ser pelo menos incomum e merecedora do interesse de um turista. Se ficasse antes de Arkham, eu desceria lá — por isso pedi que o funcionário me contasse alguma coisa sobre ela. Ele era muito ponderado e falava como que se sentisse um pouco superior ao que dizia.

“Innsmouth? Bem, é uma cidadezinha muito da estranha na embocadura do Manuxet. Era quase uma cidade, um porto e tanto antes da guerra de 1812, mas tudo foi ficando muito aruinado nos últimos cem anos. Não tem mais a ferrovia, a B. e M. nunca passou por lá e o ramal de Rowley foi abandonado anos atrás”.

“Mais casas vazias do que gente por lá, eu acho, e sem comércio digno de menção, fora a pesca de peixes e lagostas. Todos negociam, em geral, aqui, em Arkham ou Ipswich. Eles já tiveram algumas fábricas, mas agora não resta nada, exceto uma refinaria de ouro funcionando de maneira bem precária”.

“Essa refinaria, porém, era grande e o velho Marsh, o dono, deve ser mais rico do que

Creso. Velhote estranho, eu acho. Fica sempre trancado em sua casa. Aham que ele pegou alguma doença de pele ou deformidade depois de velho, o que obriga ele a se ocultar. Neto do capitão Obed Marsh, que fundou o negócio. Sua mãe parece ter sido uma espécie de estrangeira, dizem que uma insulana dos Mares do Sul, pois houve muito falatório quando ele se casou com uma garota de Ipswich há cinqüenta anos. Sempre fazem isso com a gente de Innsmouth, e os rapazes da região sempre tentam esconder que têm algum sangue de Innsmouth nas veias. Mas os filhos e netos de Marsh se parecem com qualquer um, até onde eu posso perceber. Já me apontaram eles por aqui, mas, quando penso nisso, os filhos mais velhos não têm andado muito por aqui nos últimos tempos. O velho eu nunca vi”.

“Por que todo mundo cai em cima de Innsmouth? Bem, meu rapaz, você não deve levar muito a sério o que as pessoas daqui dizem. Elas são duras de começar, mas, quando começam, não param mais. Elas vêm contando coisas sobre Innsmouth (em geral, aos cochichos) nos últimos cem anos, eu acho, e imagino que elas têm mais medo que outra coisa. Algumas dessas histórias fariam você dar risada: sobre o velho capitão Marsh fazendo pactos com o diabo e trazendo duendes do inferno para viverem em Innsmouth ou sobre uma espécie de adoração do diabo e sacrifícios pavorosos em algum lugar perto do cais que derrubaram por volta de 1845.

Mas eu sou de Panton, em Vermont, e esse tipo de história não faz minha cabeça”.

“Mas você devia ouvir o que uns velhos contam sobre o recife escuro ao largo da costa. Devil Reef, é assim que eles chamam. Fica bem acima da água boa parte do tempo e nunca muito abaixo dela, mas nem por isso se devia chamar aquilo de uma ilha. A história é que toda uma legião de demônios é avistada, às vezes, em cima daquele recife, espalhada por lá ou entrando e saindo de umas espécies de cavernas perto do topo. E uma coisa escarpada, irregular, a mais de dois quilômetros de distância, e no final dos tempos da navegação os marinheiros costumavam fazer grandes desvios só para evitá-la.

“Isto é, os marinheiros que não eram de Innsmouth. Uma coisa que eles tinham contra o velho capitão Marsh é que ele, como se dizia, desembarcava no recife às vezes, durante a noite, quando a maré estava de jeito. Talvez ele fizesse isso, pois ousou dizer que a conformação do rochedo é interessante, e é muito possível que ele estivesse procurando tesouros de piratas e talvez os encontrando, mas corriam boatos que ele fazia pactos com demônios por lá. O fato é que, conforme eu penso, foi o capitão que deu mesmo a má reputação ao recife”.

“Isto foi antes da grande epidemia de 1846, quando mais da metade da população de Innsmouth foi levada deste mundo. Eles nunca souberam direito o que era, mas decerto foi algum tipo de doença estrangeira trazida da China

ou de outro lugar pela navegação. Foi realmente dureza, houve tumultos por causa dela, e toda sorte de coisas horríveis que acredito que nunca saíram da cidade, e ela deixou o lugar em péssimo estado. Nunca voltou, não deve haver mais de 300 ou 400 pessoas vivendo por lá agora”.

“Mas a verdade por trás do sentimento das pessoas é simples preconceito racial, e não digo que culpo quem tem. Eu mesmo detesto essa gente de Innsmouth, e não me daria ao trabalho de ir à sua cidade. Magino que saiba, mesmo percebendo que você é do Oeste pelo modo de falar, a montoeira de nossos navios da Nova Inglaterra que costumava negociar nos portos exóticos da África, da Ásia e dos Mares do Sul, e todo o resto, e os tipos estranhos que eles traziam de volta. Você deve ter ouvido falar do homem de Salém que voltou para casa com uma esposa chinesa e talvez saiba que ainda existe um grupo das Ilhas Fiji vivendo perto do Cape Cod”.

“Bem, deve haver alguma coisa assim por trás da gente de Innsmouth. O lugar sempre ficou muito isolado do resto do país por pântanos e córregos, e não se pode ter muita certeza sobre os prós e os contra do assunto, mas está muito claro que o velho capitão Marsh deve ter trazido para casa alguns espécimes estranhos quando estava com seus três navios em operação nos anos vinte e nos trinta. Com certeza tem algum tipo de vestígio estranho nos moradores de Innsmouth de hoje. Não sei como explicar isso,

mas meio que faz a gente arrepiar. Você vai notar um pouco no Sargent se pegar o ônibus dele. Alguns têm a cabeça estreita com nariz chato e carnudo, olhos saltados que parecem que nunca se fecham, e a pele deles não é muito definida: áspera e escariosa, e os lados dos pescoços são enrugados ou pregueados. Eles também ficam calvos muito cedo. Os mais velhos são os que têm a pior aparência. O fato é que não acredito que jamais tenha visto um velho daquele jeito. Acho que eles morrem só de se olhar no espelho! Os animais detestam eles, costumavam ter muito trabalho com os cavalos antes de aparecerem os automóveis”.

“Ninguém daqui, nem de Arkham, nem de Ipswich quer nada com eles e eles são um pouco retraídos quando vêm à cidade ou quando alguém tenta pescar no seu território. E curioso como os peixes se amontoam perto do porto de Innsmouth quando não são vistos em nenhuma outra parte em volta. Mas nem tente pescá-los ali que os caras vão expulsá-lo! Essa gente costumava vir até aqui de trem, caminhavam e tomavam o trem em Rowley depois que o ramal foi fechado, mas agora ela usa esse ônibus”.

“Sim, há um hotel em Innsmouth, chama-se Gilman House, mas não acho que valha grande coisa. Eu não o aconselharia a experimentá-lo. Melhor ficar por aqui e tomar o ônibus das dez amanhã de manhã; depois você pode tomar o ônibus noturno de lá para Arkham às oito da noite. Teve um inspetor de fábrica que

parou no Gilman há uns dois anos e teve uma porção de indícios suspeitos sobre o lugar. Parece que eles juntam uma multidão estranha por lá. Pois esse sujeito ouviu vozes em outros quartos (mesmo com a maioria deles vazia) que lhe deram arrepios. Ele achou que era uma língua estrangeira, mas disse que o ruim era um tipo de voz que falava de vez em quando. Ela soava tão estranha, meio lamacenta conforme disse, que ele nem ousou tirar a roupa e dormir. Ficou esperando acordado e deu o fora às pressas assim que amanheceu. A conversa prosseguiu durante a noite toda quase”.

“Esse sujeito, Casey era o seu nome, tinha muito o que contar sobre o jeito que os caras de Innsmouth olhavam para ele e pareciam ficar como que em guarda. Ele achou a refinaria de Marsh um lugar muito estranho. Fica numa velha fábrica ao lado das quedas menores do Manuxet. O que ele disse bateu com o que eu ouvi. Livros malcuidados e nenhuma contabilidade clara de qualquer tipo de transação. Você sabe, sempre foi um mistério o lugar onde os Marsh arranjam o ouro para refinar. Eles nunca pareceram comprar muita coisa nessa linha, mas alguns anos atrás eles embarcaram uma quantidade enorme de lingotes”.

“Comentavam por aí sobre uns tipos estranhos de jóias estrangeiras que os marinheiros e os trabalhadores da refinaria vendiam às vezes, de maneira clandestina, ou que foram vistas uma ou duas vezes em mulheres dos Marsh. Diziam

que o velho capitão Obed talvez as houvesse comprado em algum porto pagão, em especial porque ele sempre encomendava uma montanha de contas de vidro e bijuterias como as que os homens do mar costumavam levar para negociar com nativos. Outros achavam, e ainda acham, que ele encontrou um velho tesouro de pirata no Devil Reef. Mas tem uma coisa engraçada: o velho capitão já morreu há sessenta anos, e não tem saído um navio de bom tamanho do lugar desde a guerra civil, mas os Marsh continuam comprando um pouco dessas mercadorias nativas, na maior parte, bugigangas de vidro e de borracha, conforme me disseram. Talvez os caras de Innsmouth gostem de se enfeitar com elas. Deus sabe se eles não ficaram tão ruins quanto os canibais dos Mares do Sul e os selvagens da Guiné.

“Aquele peste de 46 deve ter varrido o sangue melhor do lugar. Seja como for, eles agora são uma gente suspeita, e os Marsh e outros caras ricos não prestam como qualquer outro. Como eu disse, é provável que não haja mais de 400 pessoas na cidade toda, apesar de todas as ruas que dizem existir. Acho que eles são o que chamam de “lixo branco” lá no Sul: malfeitores e manhosos, e cheios de coisas secretas. Eles pescam muito peixe e lagosta que exportam de caminhão. Estranho como os peixes se amontoam por lá e em outros lugares não”.

“Ninguém consegue manter o controle daquela gente e as autoridades escolares do Es-

tado e os recenseadores passam um mau bocado. Pode apostar que forasteiros curiosos não são bem-vindos em Innsmouth. Eu ouvi, em pessoa, sobre mais de um negociante ou funcionário público que desapareceu por lá, e corre por aí uma história sobre um cara que ficou louco e está em Danvers agora. Eles devem ter dado um susto terrível naquele sujeito”.

“E por isso que eu não iria à noite se fosse você. Nunca estive lá e nem quero ir, mas acho que uma viagem durante o dia não vai machucar, mesmo que as pessoas por aí o aconselhem a não ir. Se está apenas a passeio e procurando velharias, Innsmouth deve ser um lugar e tanto para você”.

E assim passei parte daquela noite na biblioteca pública de Newburyport pesquisando dados sobre Innsmouth. Quando tentei interrogar os nativos nas lojas, lanchonetes, garagens e no Corpo de Bombeiros, achei-os ainda mais difíceis de se ligar do que o bilheteiro havia previsto e percebi que não devia perder tempo tentando vencer sua retração instintiva. Eles tinham uma espécie de vaga desconfiança, como se houvesse algo errado em alguém se interessar demais por Innsmouth. Na Y.M.C.A., onde me alojei, o funcionário limitou-se a desencorajar minha ida a um lugar tão soturno e decadente, e o pessoal da biblioteca teve uma atitude idêntica. Com certeza, no entender das pessoas instruídas, Innsmouth não passava de um caso extremo de degeneração cívica.

As histórias do Condado de Essex nas estantes da biblioteca tinham muito pouco a dizer, salvo que a cidade fora fundada em 1643, era notória pela construção naval antes da Revolução, um local de grande prosperidade naval no começo do século XIX e, mais tarde, um centro fabril que usava o Manuxet como fonte de energia. A epidemia e os tumultos de 1864 eram poucas vezes mencionados como se fossem um demérito para o condado.

As referências ao declínio eram poucas, embora o significado do último registro era inconfundível. Depois da guerra civil, toda a vida industrial ficara restrita à Marsh Refining Company e a comercialização de lingotes de ouro constituía o único comércio importante que restou ao lado da eterna pesca. Essa pesca foi-se tornando cada vez menos rendosa à medida que o preço da mercadoria caía e corporações de pesca em larga escala passaram a competir, mas nunca houve escassez de peixes nas imediações do porto de Innsmouth. Era raro forasteiros estabelecerem-se por lá e houve algumas evidências veladas de que alguns poloneses e portugueses que o tentaram haviam sido dispersos de uma maneira muito drástica.

O mais interessante de tudo foi uma referência visual às curiosas jóias associadas a Innsmouth. Elas com certeza tinham impressionado muito toda a região, pois havia menções a exemplares delas no museu da Universidade Miskatonic em Arkham e na sala de exposição da New-

buryport Historiai Society. As descrições fragmentárias dessas coisas eram pobres e prosaicas, mas me incutiram uma sensação persistente de estranheza. Havia algo de tão estranho e provocador nelas, que não consegui tirá-las da cabeça e, apesar do avançado da hora, resolvi ver a amostra local — que, conforme diziam, era um objeto grande, de proporções singulares, decerto para ser usado como tiara — se pudesse.

O bibliotecário entregou-me um bilhete de apresentação ao curador da Sociedade, uma certa srta. Anna Tilton, que vivia nas vizinhanças, e, depois de uma breve explicação, a velha senhora teve a gentileza de me introduzir no edifício fechado, pois ainda não era tarde demais. A coleção era de fato notável, mas, com o estado de espírito em que estava, eu só tive olhos para o objeto bizarro que reluzia num armário de canto iluminado por luzes elétricas.

Não foi preciso uma sensibilidade extrema à beleza para me fazer literalmente perder o fôlego ante o singular esplendor da fantasia suntuosa e estranha pousada sobre uma almofada de veludo púrpura. Mesmo agora eu mal consigo descrever o que vi, embora fosse, com toda evidência, uma espécie de tiara, como a descrição dizia. Ela era alta na frente e tinha o contorno da base muito grande e curiosamente irregular, como que desenhada para uma cabeça de desenho quase elíptico. O material predominante parecia ser o ouro, mas um fantástico lustro mais baço sugeria uma liga estranha com algum metal tam-

bém belo e difícil de qualificar. Estava em condições quase perfeitas e poder-se-ia ficar horas estudando os motivos admiráveis e incomuns — alguns apenas geométricos, outros de todo marítimos — cinzelados ou moldados em alto relevo na superfície com uma arte de incrível graça e maestria.

Quanto mais eu a observava, mais a coisa me fascinava, e nesse fascínio havia um elemento perturbador, difícil de classificar ou explicar. De início, decidi que era a qualidade curiosa, como se fosse de um outro mundo, da arte que me deixou incomodado. Todos os outros objetos de arte que eu conhecia ou pertenciam a alguma vertente racial ou nacional conhecida, ou eram deliberados desafios modernistas às correntes reconhecidas. Essa tiara não era nem uma coisa, nem outra. Ela pertencia com toda evidência a alguma técnica acabada com enorme maturidade e perfeição, não obstante essa técnica fosse de todo anterior a qualquer outra — ocidental ou oriental, antiga ou moderna — que eu tivesse ouvido ou visto exemplificada. Era como se a arte fosse de um outro planeta.

Entretanto, logo percebi que meu desassossego tinha uma segunda e, talvez, também poderosa fonte na sugestão pictórica e matemática dos curiosos motivos. Os padrões sugeriam segredos remotos e abismos inimagináveis no tempo e no espaço, e a monotonia da natureza aquática dos relevos tornava-se quase sinistra. Entre esses relevos, havia monstros de uma bi-

zarria e malignidade abomináveis — metade ícticos, metade batráquios — que não se poderiam dissociar de uma certa sensação assustadora e incômoda de paramnésia, como se evocassem uma imagem das células e tecidos profundos cujas funções de retenção são de todo primitivas e muitíssimo ancestrais. Por vezes imaginei que cada contorno daqueles peixes-rãs blasfemos transbordava a quintessência de um mal desconhecido e inumano.

Fazia um estranho contraste com o aspecto da tiara a sua história curta e prosaica tal como foi relatada pela srta. Tilton. Ela havia sido penhorada por uma quantia ridícula num prego da State Street, em 1873, por um bêbado de Innsmouth, pouco antes de ele ser morto numa briga. A Sociedade a havia comprado directamente do penhorista, dando-lhe, desde logo, um mostrador à altura de sua qualidade. Sua etiqueta atribuía sua provável proveniência às índias Orientais ou à Indochina, mas a atribuição era pura especulação.

A srta. Tilton, comparando todas as hipóteses possíveis com respeito a sua origem e sua presença na Nova Inglaterra, inclinava-se a acreditar que ela pertencera a algum exótico tesouro de piratas descoberto pelo velho capitão Obed Marsh. A opinião era reforçada pelas insistentes ofertas de compra por um alto preço que os Marsh começaram a fazer tão logo souberam de sua existência e continuaram fazendo até os dias

atuais a despeito da invariável determinação da Sociedade em não vender.

Enquanto me conduzia até a saída, a boa senhora deixou claro que a teoria sobre a origem pirata da fortuna dos Marsh era popular entre as pessoas instruídas da região. Sua própria atitude para com a soturna Innsmouth — que ela nunca conhecera — era a de aversão por uma comunidade que havia descido tão baixo na escala cultural, e ela me garantiu que os rumores sobre adoração do diabo eram em parte justificados por um certo culto secreto que ganhara força por lá, engolindo todas as igrejas ortodoxas.

Chamava-se, conforme ela me disse, “A Ordem Esotérica de Dagon” e era sem dúvida uma coisa aviltante, quase paga, importada do Oriente um século antes, numa época em que a pesca de Innsmouth parecia ter-se esgotado. Sua persistência entre os simplórios era de todo natural tendo em vista a volta súbita e permanente da abundância de pescado de boa qualidade, e ela logo adquiriu a principal influência na cidade, substituindo por completo a Franco-maçonaria e constituindo sua sede principal na velha Casa Maçônica em New Church Green.

Tudo aquilo era um excelente motivo para a devota srta. Tilton evitar a velha cidade decadente e desolada, mas, para mim, só reafirmou o interesse. A minhas expectativas arquitetônicas e históricas, somou-se um agudo entusiasmo antropológico e eu mal consegui dormir em meu quatinho no “Y” do correr à noite.

II

Pouco antes das dez da manhã seguinte, eu estava com uma pequena valise na frente da Hammond's Drug Store na velha Market Square, esperando o ônibus para Innsmouth. Quando se foi aproximando a hora da sua chegada, notei uma debandada geral dos ociosos para outros lugares da rua ou para o Ideal Lunch do outro lado da praça. O bilheteiro decerto não exagerara a aversão que os moradores locais tinham por Innsmouth e por seus habitantes. Poucos minutos depois, um pequeno ônibus de cor cinza, sujo, muitíssimo decrepito desceu sacolejando pela State Street, fez a volta e encostou no meio fio ao meu lado. Senti de imediato que o ônibus era aquele mesmo, suspeita que o letreiro pouco legível no pára-brisas — *Arkham-Innsmouth-Newb'port* — logo confirmou.

Ele trazia três passageiros apenas — pessoas escuras, desgrenhadas, de aparência suja e constituição em geral jovem — e, quando o veículo parou, eles desceram cambaleando, desajeitados, e saíram caminhando pela State Street em silêncio, de maneira quase furtiva. O motorista também desceu e eu pude observá-lo enquanto ele entrava na *drugstore* para fazer umas compras. Este, eu pensei, deve ser o Joe Sargent mencionado pelo bilheteiro, e, antes mesmo de notar qualquer detalhe, inundou-me uma onda de aversão espontânea que eu não pude identificar nem explicar. De repente, pareceu-me muito

natural que as pessoas do local não quisessem andar num ônibus pertencente e conduzido por aquela pessoa, nem visitar com maior frequência o habitat de tal homem e de sua gente.

Quando o motorista saiu da loja, observei-o com mais atenção tentando determinar a origem da má impressão que ele me causara. Era um homem magro, de ombros curvados, com não mais de um metro e oitenta de altura, trajando umas surradas roupas azuis comuns e um boné de golfe roto. Tinha trinta e cinco anos, talvez, mas as pregas estranhas e profundas nos lados de seu pescoço o faziam parecer mais velho quando não se observava seu rosto apático e inexpressivo. Tinha cabeça estreita, olhos azuis aquosos saltados que pareciam nunca piscar, nariz chato, testa e queixo recolhidos e orelhas pouco desenvolvidas. Seus lábios eram grandes e carnudos e as maçãs do rosto, acinzentadas e ásperas, pareciam quase imberbes, exceto por uns raros fios louros enrodilhados em tufos irregulares, e, em alguns pontos, sua superfície apresentava uma curiosa irregularidade, como se tivesse sido descascada por alguma doença de pele. Suas mãos eram grandes e tão marcadas pelas veias, que tinham uma coloração azul-acinzentada bem pouco natural. Os dedos eram por demais curtos em relação ao resto do corpo e pareciam ter a tendência a se enrolar contra a palma enorme. Enquanto ele caminhava até o ônibus, observei o jeito peculiar como ele bamboleava e percebi como seus pés eram anormais

de tão imensos. Quanto mais eu os estudava, mais me intrigava onde ele poderia arranjar sapatos que lhe servissem.

Uma certa aparência sebosa daquele indivíduo contribuiu para o meu sentimento de aversão. Ele com certeza era acostumado a trabalhar ou vadiar pelos cais de pesca e exalava o cheiro característico desses lugares. O tipo de sangue estrangeiro que ele possuía, eu não consegui sequer imaginar. Seus traços não pareciam, de maneira alguma, asiáticos, polinésios, levantinos ou negróides, mas eu pude entender por que as pessoas o consideravam estrangeiro. Eu próprio teria pensado mais em degeneração biológica que em origem estrangeira.

Fiquei preocupado quando notei que não haveria nenhum outro passageiro no ônibus. Por algum motivo, não me agradava a idéia de viajar sozinho com aquele motorista. Mas, quando chegou a hora da partida, reuni minha forças, entrei no ônibus atrás do homem, estendi-lhe uma nota de um dólar e murmurei a única palavra “Innsmouth”. Ele me olhou com curiosidade por um segundo e me devolveu quarenta centavos de troco sem abrir a boca. Tomei um assento muito atrás dele, mas do mesmo lado do ônibus, pois queria ficar admirando a praia durante a viagem.

O decrepito veículo arrancou enfim com um solavanco e avançou chacoalhando ruidosamente por entre as velhas construções de tijolo da State Street em meio a uma nuvem de vapor

do escapamento. Observando as pessoas nas calçadas, julguei captar nelas um curioso desejo de não olhar para o ônibus — ou, pelo menos, o desejo de evitar parecer que estavam olhando para ele. Depois dobramos à esquerda para a High Street, onde o andar foi mais suave, passando pelas velhas mansões imponentes dos primeiros tempos da República e os solares rurais mais antigos dos tempos coloniais, cruzando o Lower Green e o Parker River e emergindo enfim num trecho longo e monótono de terreno costeiro descampado.

O dia estava quente e ensolarado, mas a paisagem de areia, capim de junça e matagais atrofiados foi ficando cada vez mais desolada à medida que prosseguíamos. Do lado de fora, eu podia observar a água azul e a linha de areia da Plum Island enquanto avançávamos bem perto da praia depois que nossa estrada estreita afastou-se da estrada principal de Rowley a Ipswich. Não havia nenhuma casa à vista, o estado do caminho me dizia que o tráfego era muito rarefeito por ali. Os pequenos postes telefônicos, gastos pelo tempo, exibiam dois fios apenas. De tempos em tempos, cruzávamos pontes de madeira bruta sobre canais de maré que faziam extensas entradas terra adentro, provocando um isolamento geral da região.

Aqui e ali eu notava tocos de madeira e ruínas de fundações na areia ondulada e me recordava da velha tradição mencionada em uma das histórias que havia lido, de que **alija** havia

sido uma região fértil e densamente habitada. A transformação, ao que se dizia, ocorrera na mesma época que a epidemia de 1864 em Innsmouth, e as pessoas simplórias achavam que ela tinha uma sinistra relação com forças malignas ocultas. Na verdade, ela fora o resultado da estúpida derrubada das matas perto da praia que havia tirado do solo a sua melhor proteção, abrindo caminho para o avanço das dunas.

Perdemos enfim de vista a Plum Island, ficando com a vastidão do Atlântico à nossa esquerda. Nosso caminho estreito iniciou uma subida íngreme e eu senti uma certa inquietude olhando para a crista solitária à frente onde a rodovia esburacada encontrava-se com o céu. Era como se o ônibus fosse continuar subindo, deixando por completo a sanidade terrestre para se misturar com os arcanos desconhecidos da atmosfera superior e do misterioso céu. O cheiro do mar adquiria ilações aziagas, e as costas rígidas, encurvadas e a cabeça estreita do silencioso motorista foram-se tornando mais e mais repulsivas. Olhando para ele, notei que a parte de trás da sua cabeça era tão despelada quanto o seu rosto, exibindo apenas uns tufos desgrenhados de cabelo loiro sobre uma superfície áspera cinzenta.

Chegamos então à crista e avistamos o vale que se espalhava à nossa frente, onde o Manuxet desemboca no mar ao norte da extensa linha de penhascos que culmina em Kingsport Head e desvia para Cape Ann. No horizonte

longínquo e brumoso, eu mal consegui distinguir o recorte abismal do promontório, coroado pela curiosa casa antiga da qual me haviam contado tantas lendas, mas, naquele momento, minha atenção foi atraída para o cenário mais próximo logo abaixo de mim. Ali estava, conforme percebi, a mal-afamada Innsmouth.

Era uma cidade de larga extensão e constituição densa, mas a ausência de sinais de vida era espantosa. Apenas alguns fiapos de fumaça subiam do emaranhado de chaminés e os três altos campanários projetavam-se inteiros e descorados contra o horizonte marinho. O topo de um deles estava ruindo e tanto nele como num outro havia apenas orifícios negros escancarados onde deveriam estar os mostradores dos relógios. O vasto emaranhado de telhados de duas águas e cumeeiras pontudas abauladas transmitia, com chocante nitidez, a idéia de alguma coisa decadente e carcomida, e, à medida que nos fomos aproximando pela estrada agora descendente, pude notar que muitos tetos haviam desabado por completo. Existia também algumas casas grandes e quadradas, em estilo georgiano, com telhados pontiagudos, cúpulas e mirantes gradeados. A maioria ficava longe da água, e uma ou duas pareciam estar em condições razoáveis. Estendendo-se para o interior, por entre elas, podia-se avistar os trilhos enferrujados e cobertos de mato da ferrovia abandonada, com os postes de telégrafo inclinados já sem fios e o

traçado meio oculto das antigas estradas de rodagem para Rowley e Ipswich.

A decadência era pior perto do cais, embora eu pudesse vislumbrar em seu miolo a torre branca de uma construção de tijolos muito bem conservada com um ar de fabriqueta. O porto, de há muito obstruído pela areia, era protegido por um velho quebra-mar de pedra sobre o qual eu pude enfim começar a discernir as formas minúsculas de alguns pescadores sentados e em cuja ponta havia o que pareciam ser as fundações de um antigo farol. Uma língua de areia havia-se formado no interior dessa barreira, e sobre ela eu pude avistar algumas cabanas decrépitas, botes ancorados e armadilhas para lagostas espalhadas. O único trecho de água profunda parecia ser o do rio que passava atrás da construção com a torre e virava para o sul para desaguar no oceano na extremidade do quebra-mar.

Por toda parte, pedaços arruinados de cais sobressaíam da areia, indo terminar numa podridão indefinível, cuja extremidade sul parecia a mais deteriorada. E, muito ao longe, mar adentro, apesar da maré alta, eu pude vislumbrar uma linha extensa e escura que mal se destacava acima da água, mas que dava uma impressão de malignidade latente. Aquilo, eu sabia, devia ser o Devil Reef. Enquanto eu o estava observando, uma sensação curiosa, sutil, de atração pareceu somar-se à sinistra repulsa e, por mais estranho que pareça, achei essa impressão mais perturbadora que a primeira.

Não encontramos viva alma na estrada, mas, quando começamos a cruzar por fazendas desertas em diferentes estágios de degradação, percebi algumas casas habitadas com trapos tapando as janelas quebradas e conchas e peixes mortos espalhados pelos quintais atulhados de sujeira. Uma ou duas vezes eu pude avistar pessoas de olhar mortiço trabalhando em quintais estéreis ou catando mariscos na praia malcheirosa mais atrás e grupos de crianças imundas de feições simiescas brincando perto das portas cercadas de mato. De alguma maneira, essas pessoas pareceram mais perturbadoras do que as casas sombrias, pois quase todas apresentavam certas peculiaridades de feições e movimentos que, por instinto, me desagradaram sem que eu soubesse defini-los ou compreendê-los. Por um momento, eu imaginei que aqueles traços físicos sugeriam algum quadro que eu teria visto, num livro talvez, em circunstâncias de particular horror ou melancolia, mas essa paramnésia logo se desfez.

Quando o ônibus chegou a um nível mais baixo, comecei a captar o ruído persistente de uma queda d'água em meio ao silêncio anormal. As casas desbotadas e tortas foram-se multiplicando alinhadas dos dois lados da estrada numa arrumação mais urbana do que as que íamos deixando para trás. O panorama à frente adensara-se num cenário de rua, e em alguns trechos eu pude notar os pontos onde um pavimento de pedra e pedaços de uma calçada de tijolos havi-

am existido. Todas as casas pareciam desertas e havia vazios ocasionais onde chaminés e paredes de porões em ruínas assinalavam o colapso de antigas construções. Um cheiro nauseabundo de peixe impregnava todo o ambiente.

Logo depois começaram a surgir cruzamentos e bifurcações de ruas. Os da esquerda, na direção da praia, eram caminhos sem calçamento que conduziam a uma região miserável e sombria; os da direita mostravam vistas de uma grandeza passada. Até ali eu não avistara quase ninguém na cidade, mas começaram a aparecer sinais esparsos de habitantes — janelas com cortinas aqui e ali e um automóvel desmantelado ocasional encostado no meio-fio. Pavimento e calçadas iam-se tornando cada vez menos definidos e, não obstante a antigüidade da maioria das casas — construções de tijolo e madeira do começo do século XIX —, elas com certeza estavam em condições de ser habitadas. Como antiquário amador que eu era, quase esqueci a repulsa que o cheiro me provocava e a sensação de ameaça e aversão em meio àqueles restos ricos e inalterados do passado.

Mas eu não haveria de chegar ao meu destino sem uma impressão muito forte de uma característica muitíssimo desagradável. O ônibus havia parado numa espécie de praça ou centro de irradiação com igrejas dos dois lados e os restos sujos de um gramado circular no centro, e eu estava olhando para um grande edifício público sustentado com colunas na rua da direita à mi-

nha frente. O edifício, que já fora pintado de branco, estava agora cinzento e descascado, e a placa preta e dourada no frontão estava tão gasta, que foi com dificuldade que consegui distinguir as palavras “Ordem Esotérica de Dagon”. Era esta então a antiga casa maçônica agora entregue a um culto infame. Enquanto eu me esforçava para decifrar a inscrição, minha atenção foi atraída pelos sons estridentes de um sino rachado do outro lado da rua e virei-me depressa para olhar pela janela do meu lado do ônibus.

O som vinha de uma igreja de pedra de torre achatada cuja idade era decerto posterior à da maioria das outras construções, construída num estilo gótico deturpado e com um porão mais alto que o normal, com as janelas de persianas fechadas. Apesar de o relógio não ter ponteiros na face que eu avistava, eu sabia que aquelas badaladas roufenhas estavam marcando as onze horas. De repente, toda noção de tempo apagou-se com o aparecimento repentino de uma figura muito marcante e do horror indizível que me possuiu antes de me dar conta do que se tratava. A porta do porão da igreja abriu-se, deixando entrever um retângulo de escuridão no interior. Enquanto eu olhava, um certo objeto cruzou, ou pareceu cruzar, aquele retângulo escuro, fazendo meu cérebro arder com a imagem instantânea de um pesadelo que era ainda mais alucinante, porque, à luz de uma análise, não lhe restaria a menor característica de pesadelo.

Era um objeto vivo — o primeiro com exceção do motorista que eu via desde a entrada na parte mais compacta da cidade — e, estivesse eu com maior equilíbrio mental, não veria nada de aterrorizante nele. Tratava-se, com toda certeza, como percebi um instante depois, do pastor, trajando alguma roupa peculiar por certo introduzida desde que a Ordem de Dagon havia modificado o ritual dos templos locais. A coisa que captou meu primeiro olhar subconsciente produzindo o traço de horror bizarro foi, talvez, a tiara alta que ele usava, uma duplicata quase perfeita de uma que a srta. Tilton havia-me mostrado na noite anterior. Aquilo, agindo em minha imaginação, tinha emprestado qualidades sinistras ao rosto impreciso e ao vulto de batina bamboleando por baixo dela. Não havia, como eu logo me conscientizei, a menor razão para ter sentido aquele traço apavorante de paramnésia maligna. Não seria natural que um culto secreto local adotasse, como parte de seu aparato, um tipo exclusivo de chapéu que, de alguma maneira especial, fosse familiar à comunidade — como um tesouro encontrado, talvez?

Uma pequena quantidade muito espalhada de pessoas jovens de aspecto repelente fizera-se visível então nas calçadas — pessoas isoladas e grupos silenciosos de duas ou três. Os pisos térreos das casas deterioradas abrigavam pequenas lojas ocasionais com placas esqueléticas e pude notar um ou dois caminhões estacionados enquanto avançávamos sacolejando. O ruído de

queda d'água foi-se intensificando até que eu avistei uma garganta de rio bastante profunda à frente cortada por uma larga ponte com peitoris de ferro que terminava numa ampla praça. Enquanto cruzamos a ponte com grande estrépito, notei alguns barracões de fábrica à beira das encostas cobertas de mato ou nos próprios declives. A água corria com abundância mais abaixo e pude perceber dois conjuntos de quedas d'água vigorosos rio acima, à minha direita, e pelo menos um rio abaixo, à minha esquerda. Naquele ponto, o barulho era ensurdecedor. O ônibus cruzou a ponte para a grande praça semicircular do outro lado do rio e encostamos no lado direito, à frente de um edifício alto coroado por uma cúpula com restos de pintura amarela e uma placa meio apagada proclamando tratar-se da Gilman House.

Fiquei aliviado por sair daquele ônibus e fui de imediato me registrar no saguão daquele hotel ordinário. Só havia uma pessoa à vista — um velho sem aquilo que eu viera a chamar de “jeito de Innsmouth” —, mas resolvi não lhe fazer nenhuma das perguntas que me preocupavam ao recordar que coisas estranhas haviam sido notadas neste hotel. Preferi dar uma caminhada pela praça, que já havia sido abandonada pelo ônibus, e estudar o ambiente com minuciosa atenção.

Um lado do espaço aberto e calçado de pedregulhos era a linha reta do rio; o outro era um semicírculo com construções de tijolos de

telhados oblíquos de 1800, ou perto disso, de onde saíam várias ruas para sudeste, sul e sudoeste. As lâmpadas eram poucas e pequenas — todas de tipo incandescente e baixa potência — e me agradou lembrar que pretendia partir antes de escurecer, mesmo sabendo que o luar seria intenso. As construções estavam todas bem conservadas e contavam uma dúzia, talvez, de lojas em funcionamento: uma delas um armazém da cadeia First National, outras um restaurante sombrio, uma farmácia e um escritório de atacadista de pescado e, ainda, no extremo leste da praça, perto do rio, o escritório da única indústria da cidade: a Marsh Refining Company. Havia umas dez pessoas visíveis, talvez, e quatro ou cinco automóveis e caminhões esparsos encostados por ali. Ninguém precisaria dizer-me que ali era o centro cívico de Innsmouth. Para o leste, eu pude captar vislumbres azulados do porto, contra os quais se erguiam os restos decadentes de três campanários em estilo georgiano que algum dia deviam ter sido bonitos. E, na direção da praia, na margem oposta do rio, avistei a torre branca erguendo-se acima do que tomei pela refinaria Marsh.

Por algum motivo, resolvi iniciar meu inquérito na loja da cadeia de armazéns, cujos funcionários com certeza não deviam ser nativos de Innsmouth. Encontrei um rapaz solitário, com cerca de dezessete anos, no atendimento, e me agradou notar a vivacidade e a afabilidade que prometiam entusiásticas informações. Ele me

pareceu ansioso para falar e logo percebi que ele não gostava do lugar, de seu cheiro de peixe nem de sua gente furtiva. Conversar com algum forasteiro era um alívio para ele. Ele era de Arkham, alojara-se com uma família proveniente de Ipswich e saía da cidade sempre que tinha uma folga. Sua família não gostava que ele trabalhasse em Innsmouth, mas a loja o havia transferido para ali e ele não quisera desistir do emprego.

Segundo me contou, não havia em Innsmouth nenhuma biblioteca pública nem câmara de comércio, mas eu decerto conseguiria dar um jeito. A rua por onde eu havia chegado era a Federal. A oeste dela ficavam as velhas ruas residenciais elegantes — Broad, Washington, Lafayette e Adams — e a leste, a beira-mar, ficavam as favelas. Era nessas favelas — ao longo da Main Street — que eu poderia encontrar as antigas igrejas em estilo georgiano, mas elas estavam desde há muito abandonadas. Não seria bom, por exemplo, ser visto nessas vizinhanças — em especial ao norte do rio —, onde as pessoas eram emburradas e hostis. Alguns forasteiros haviam até desaparecido.

Certos locais eram territórios quase proibidos, como ele havia aprendido a duras penas. Por exemplo, não convinha demorar-se muito por perto da refinaria Marsh, ou de alguma das igrejas ainda em uso, ou nas cercanias da Casa da Ordem de Dagon em New Church Green. Essas igrejas eram muito estranhas — todas repudiadas com veemência pelas respectivas ordens de ou-

tros lugares e usando tipos dos mais esquisitos de rituais e paramentos. Seus cultos eram heterodoxos e misteriosos, envolvendo sugestões de transformações mágicas que conduziriam à imortalidade física — de algum tipo — nesta Terra. O pastor do jovem — o dr. Wallace da Asbury M. E. Church em Arkham — havia-lhe recomendado não participar de nenhum culto em Innsmouth.

Quanto à população de Innsmouth, o jovem mal sabia o que dizer a seu respeito. Eram esquivos e poucas vezes vistos, como animais que vivem em tocas, e mal se poderia imaginar como gastavam o tempo, exceto pela pesca inconstante. Talvez — a julgar pela quantidade de bebidas contrabandeadas que consumiam — eles gastassem a maior parte do dia em estupor alcohólico. Eles pareciam enturmados numa espécie de camaradagem e entendimento sombrios — desprezando o mundo como se tivessem acesso a outras esferas de existência preferíveis. Sua aparência — em especial aqueles olhos arregalados que não piscavam e que ninguém jamais vira fechados — era por demais chocante, e as suas vozes, repulsivas. Era horrível ouvi-los entoando hinos nas suas igrejas à noite e mais ainda durante suas festividades religiosas principais que aconteciam duas vezes por ano, em 30 de abril e 31 de outubro.

Eram muito ligados à água e nadavam bastante, tanto no rio como no porto. As disputas de natação até o Devil Reef eram muito co-

muns e todos pareciam capazes de participar dessa exigente competição esportiva. Pensando nisso, as pessoas vistas em público eram quase todas jovens, e os mais velhos desses pareciam ter o aspecto mais decadente. As exceções, quase sempre, eram pessoas sem nenhum sinal de aberração, como o velho funcionário do hotel. Era de se pensar o que teria acontecido com o grosso dos mais velhos e se o “jeito de Innsmouth” não seria um fenômeno mórbido insidioso e estranho cuja incidência aumentasse com a idade.

Só uma doença muito rara, por certo, poderia provocar transformações anatômicas tão fortes e radicais num mesmo indivíduo depois da maturidade — transformações envolvendo fatores ósseos tão básicos como o formato do crânio —, mas mesmo esse aspecto não era mais intrigante e inaudito do que as manifestações visíveis da enfermidade em si. Seria difícil tirar alguma conclusão consistente sobre isso, insinuou o jovem, pois, por mais que alguém vivesse em Innsmouth, jamais conseguiria conhecer os nativos em pessoa.

O jovem tinha a certeza de que muitos espécimes ainda piores do que os piores visíveis viviam trancados dentro das casas em alguns locais. Sons muito esquisitos foram escutados algumas vezes. Era sabido que os casebres estropiados do cais ao norte do rio eram interligados por túneis ocultos, constituindo um verdadeiro viveiro de aberrações invisíveis. Qual tipo de

sangue estrangeiro essas criaturas tinham — se tinham — era algo impossível de se saber. Elas mantinham alguns tipos repulsivos demais escondidos quando funcionários públicos e outras pessoas de fora apareciam na cidade.

Não valeria à pena, disse-me o meu informante, perguntar aos nativos alguma coisa sobre o lugar. O único que falaria era um homem muito idoso, mas de aparência normal, que vivia no asilo na periferia norte da cidade e matava o tempo andando de um lado para outro e fazendo hora no Corpo de Bombeiros. Essa figura tosca, Zadok Allen, tinha 96 anos e não regulava bem da cabeça, além de ser o bêbado da cidade. Era uma criatura esquisita, furtiva, que vivia olhando por cima dos ombros como se tivesse medo de alguma coisa e, quando estava sóbrio, nada conseguia persuadi-lo a conversar o que quer que fosse com estranhos. Mas era incapaz de resistir a um convite ao seu veneno predileto e, uma vez bêbado, segredaria fragmentos de lembranças estarrecedores.

No fim das contas, porém, poucas informações úteis poderiam ser extraídas dele. Suas histórias eram todas insinuações incompletas e malucas de prodígios e horrores impossíveis sem outra fonte que não a sua própria e confusa imaginação. Ninguém lhe punha fé, mas aos nativos desagradava que ele bebesse e conversasse com estranhos, e nem sempre era seguro ser visto fazendo-lhe perguntas. Era com certeza dele que

partiam alguns dos mais alucinados rumores e fantasias.

Muitos moradores não-nativos haviam registrado aparições monstruosas ocasionais, mas, entre as histórias do velho Zadok e os moradores disformes, não é de se admirar que essas fantasias fossem corriqueiras. Nenhum não-nativo ficava fora de casa até tarde da noite; a impressão generalizada era que isso não seria recomendável. Ademais, uma escuridão tenebrosa envolvia as ruas.

Quanto aos negócios, a abundância de peixes era quase sinistra, por certo, mas os nativos beneficiavam-se cada vez menos disso. Além do mais, os preços estavam caindo e a concorrência crescendo. O verdadeiro empreendimento da cidade era, com certeza, a refinaria, cujo escritório comercial ficava na praça, algumas portas a leste de onde nós estávamos. O Velho Marsh jamais era visto, mas às vezes ia à fábrica num carro fechado e protegido por cortinas.

Corria toda sorte de rumores sobre a aparência de Marsh. Ele já havia sido um grande dândi e as pessoas diziam que ele ainda usava a sobrecasaca do período eduardino adaptada, de uma maneira curiosa, para algumas deformidades. Seus filhos haviam administrado anteriormente o escritório na praça, mas nos últimos tempos não eram muito vistos, tendo deixado o grosso dos negócios para a geração mais nova. Os filhos e suas irmãs haviam adquirido uma aparência muito singular, em especial os mais

velhos, e corria que eles não gozavam de boa saúde.

Uma das filhas de Marsh era uma mulher repulsiva com feições de réptil que usava um exagero de jóias misteriosas da mesma tradição exótica da curiosa tiara. Meu informante já as havia visto diversas vezes e ouvira dizer que elas vinham de algum tesouro secreto de piratas ou demônios. Os padres — ou sacerdotes, ou seja lá como são chamados hoje em dia — também usavam ornamentos desse tipo nas cabeças, mas era raro vê-los. Outros exemplares o jovem não vira, mas corriam rumores de que havia vários nos arredores de Innsmouth.

Os Marsh, assim como as outras três famílias abastadas da cidade — os Wait, os Gilman e os Eliot — eram muito reservados. Moravam em casas enormes ao longo da Washington Street e vários deles tinham a reputação de abrigar escondidos alguns parentes vivos cuja aparência pessoal era ocultada da visão do público e cujas mortes haviam sido noticiadas e registradas.

Prevenindo-me de que muitas placas de rua haviam caído, o jovem desenhou para me ajudar um esboço de mapa tosco, mas amplo e meticuloso, dos principais pontos de referência da cidade. Depois de estudá-lo algum tempo, achei que me seria de grande utilidade e coloquei-o no bolso em meio a profusos agradecimentos. A sujeira do único restaurante que eu encontrei me deixou nauseado e tratei de comprar um bom suprimento de biscoitos de queijo

e wafers de gengibre, que me serviriam de almoço mais tarde. Decidi que meu programa seria percorrer as ruas principais, conversar com todo não-nativo que pudesse encontrar e tomar o ônibus das oito da noite para Arkham. A cidade, como eu podia perceber, era um exemplo significativo e exagerado de decadência comunal, mas, não sendo nenhum sociólogo, eu limitaria minhas observações sérias ao campo da arquitetura.

E foi assim que eu iniciei minha visita sistemática e um tanto desordenada às ruas estreitas e soturnas de Innsmouth. Cruzando a ponte e virando na direção do rugido das quedas d'água inferiores, passei perto da refinaria Marsh, à qual parecia faltar o ruído típico de uma indústria. Essa construção ficava acima da margem íngreme do rio, perto da ponte e de uma confluência espaçosa de ruas que tomei como sendo o antigo centro cívico, substituído depois da revolução pelo atual na Town Square.

Cruzando de volta a garganta pela ponte da Main Street, dei com uma região por completo deserta que me deu calafrios sem eu saber por quê. Uma profusão de telhados arruinados de duas águas formava uma silhueta recortada e fantástica acima da qual se erguia o campanário fantasmagórico e truncado de uma antiga igreja. Algumas casas da Main Street estavam habitadas, mas a maioria estava fechada hermeticamente por tábuas. Descendo por ruas laterais sem calçamento, eu vi as janelas escuras escancaradas de

casebres desertos, muitos deles se inclinando em ângulos perigosos e inacreditáveis desde a parte enterrada das fundações. Essas janelas pareciam de tal forma espectrais, que precisei de coragem para virar para o leste na direção da zona portuária. O terror provocado por uma casa deserta aumenta em progressão geométrica, e não aritmética, quando as casas multiplicam-se para formar uma cidade em completo abandono. A vista daquelas avenidas intermináveis de um suspeito abandono e paralisia e a idéia de uma imensidão de recintos escuros interligados abandonados às teias de aranha, às memórias e ao verme conquistador provocava pavores e repulsas residuais que a mais sólida filosofia seria incapaz de desfazer.

A Fish Street estava tão deserta quanto a Main, mas se diferenciava dessa pelos muitos armazéns de pedra e tijolo ainda em excelente estado. A Water Street era quase uma duplicata dela, salvo pelos grandes espaços vazios do lado do mar onde antes estavam as docas. Não havia viva alma à vista, exceto os pescadores espalhados no quebra-mar distante, e não se ouvia o menor som, salvo o marulho das águas no porto e o rugido das quedas do Manuxet. A cidade estava deixando-me cada vez mais inquieto, fazendo-me olhar furtivamente para trás enquanto tomava o caminho de volta para a cambaleante ponte da Water Street. A ponte da Fish Street, segundo o esboço, estava em ruínas.

Ao norte do rio havia traços de vida miserável — casas de acondicionar peixes na Water Street, chaminés fumegando e telhados remendados aqui e ali, sons ocasionais de fontes indeterminadas e raras formas cambaleantes nas ruas soturnas e becos não pavimentados —, mas isto me pareceu ainda mais opressivo que o abandono do lado sul. Em primeiro lugar, as pessoas eram mais repulsivas e anormais do que as de perto do centro da cidade, fazendo-me recordar, muitas vezes, de algo de todo fantástico que eu não conseguia situar muito bem. A marca estrangeira na gente de Innsmouth era com certeza mais forte aqui do que mais para o interior — a menos, é certo, que o “jeito Innsmouth” fosse mais uma doença que uma marca hereditária, caso em que este bairro devia ser mantido para abrigar os casos mais adiantados.

Um detalhe que me incomodava era a distribuição dos poucos e tênues sons que eu ouvia. Seria natural que eles saíssem das casas visivelmente habitadas, mas, na realidade, muitas vezes eles eram mais fortes no interior das fachadas mais bem bloqueadas com madeira. Havia estalidos, correrias e ruídos ásperos e imprecisos que me provocavam uma perturbadora recordação dos túneis secretos sugeridos pelo rapaz do armazém. De repente, eu me vi imaginando como seriam as vozes daqueles moradores. Eu não havia escutado nenhuma fala até então naquele bairro e não estava ansioso por ouvi-la.

Tendo parado apenas o suficiente para observar duas velhas igrejas bonitas mas em ruínas das Main e Church Streets, apressei-me para sair daquela ímpia favela costeira. Meu destino lógico seguinte era o New Church Green, mas por alguma razão não pude suportar a idéia de passar de novo na frente da igreja em cujo porão eu havia vislumbrado a forma assustadora daquele padre ou pastor com o estranho diadema. Ademais, o rapaz do armazém me havia dito que as igrejas, bem como a Casa da Ordem de Dagon, não eram vizinhanças recomendáveis para forasteiros.

Assim, prossegui no sentido norte ao longo da Main Street para a Martin e depois virei para o interior, cruzando com segurança a Federal Street ao norte da Green, entrando no decadente bairro aristocrático das Broad, Washington, Lafayette e Adams Streets ao norte. Embora essas velhas e imponentes avenidas estivessem maltratadas, sua dignidade sombreada por olmos não havia desaparecido por completo. Mansão após mansão atraía meu olhar, a maioria delas decrepita e fechada com tábuas em meio a terrenos abandonados, mas uma ou duas de cada rua revelavam sinais de ocupação. Na Washington Street, havia uma fileira de quatro ou cinco em condição excelente com jardins e gramados bem cuidados. A mais suntuosa dessas — com amplos canteiros em escada estendendo-se até a Lafayette Street — eu tomei como sendo a casa

do velho Marsh, o desgraçado proprietário da refinaria.

Em todas essas ruas não se via viva alma, e me surpreendia a absoluta ausência de cães e gatos em Innsmouth. Outra coisa que me intrigou e perturbou mesmo nas mansões mais bem preservadas foi a condição de total vedação de muitas janelas de terceiro pavimento e de sótão. Tudo parecia furtivo e secreto nessa cidade silenciosa de alienação e morte, e não pude me furtar à sensação de estar sendo observado de todos os lados, às ocultas, por olhos arregalados e furtivos que jamais se fechavam.

Estremeci quando as badaladas estridentes deram três horas num campanário à minha esquerda. Lembrava-me bem demais da igreja de onde vinham aqueles sons. Seguindo pela Washington Street até o rio, eu percorria então uma nova zona de comércio e indústria antigos, notando as ruínas da fábrica à frente e observando outras, com vestígios de uma velha estação ferroviária e uma ponte ferroviária coberta mais além sobre a garganta à minha direita.

A ponte vacilante agora à minha frente exibia uma placa de advertência, mas assumi o risco e cruzei-a de novo para a margem sul onde os vestígios de vida reapareceram. Criaturas furtivas e cambaleantes dirigiam olhares interrogativos em minha direção e os rostos mais normais me escrutinavam com frieza e curiosidade. Innsmouth estava tornando-se intolerável muito depressa, e eu virei para Paine Street na direção

da praça na esperança de arrumar algum veículo que me levasse para Arkham antes do ainda distante horário de saída daquele ônibus sinistro.

Foi então que eu vi o arruinado edifício do Corpo de Bombeiros à minha esquerda e notei o velho rubicundo de barba hirsuta, olhos aquosos e roupas esfarrapadas sentado num banco à sua frente junto com um par de bombeiros desleixados mas de aparência normal. Este devia ser, com certeza, Zodak Allen, o nonagenário beerrão e meio louco cujas histórias sobre a velha Innsmouth e suas sombras eram tão repulsivas e incríveis.

III

Deve ter sido algum diabinho da perversidade — ou algum irônico impulso de origem obscura e misteriosa — que me fez mudar os planos. Eu já havia decidido, desde há muito, limitar minhas observações à arquitetura e estava caminhando em passo acelerado na direção da praça para tentar conseguir um transporte rápido para sair daquela cidade corrompida de morte e dissolução, mas a visão do velho Zadok Allen deu uma nova direção a meus pensamentos, fazendo-me arrefecer o passo.

Garantiram-me que o velho não poderia fazer nada além de insinuar lendas bárbaras, incriveis, desconjuntadas e advertiram-me que não era seguro, por causa dos nativos, ser visto conversando com ele, mas a idéia dessa testemunha antiga da degradação da cidade, com memórias que remontavam aos primeiros tempos dos navios e das fábricas, era uma isca que uma montanha de razão não me faria resistir. Afinal, os mitos mais estranhos e mais loucos não passam, muitas vezes, de símbolos ou alegorias baseados na realidade — e o velho Zadok devia ter assistido a tudo que se passara em Innsmouth nos últimos noventa anos. A curiosidade sobrepôs-se à sensatez e à cautela e, com toda minha presunção de jovem, imaginei que seria capaz de peneirar um miolo de história real do jorro confuso e extravagante que decerto conseguiria extrair com o concurso do uísque puro.

Sabia que não poderia abordá-lo ali, naquele momento, pois os bombeiros com certeza perceberiam e impediriam. Pensei então que seria melhor me preparar comprando uma bebida clandestina num local em que, segundo o rapaz da venda, havia de sobra. Depois eu ficaria vadiando perto do posto dos bombeiros como quem não quer nada e bateria com o velho Zadok quando ele saísse para uma de suas freqüentes perambulações. O rapaz me dissera que ele era muito irrequieto e quase nunca ficava sentado perto do posto mais de uma ou duas horas de cada vez.

Consegui com facilidade uma garrafa de um quarto de litro de uísque a um preço salgado nos fundos de uma esqualida loja de bugigangas na Eliot Street, logo na saída da praça. O sujeito mal-encarado que me atendeu tinha um quê do olhar fixo do “jeito de Innsmouth”, mas tinha modos bastante civilizados, acostumado que estava, talvez, ao convívio com os forasteiros — caminhoneiros, compradores de ouro, gente assim — que passavam às vezes pela cidade.

Voltando à praça, percebi que a sorte estava do meu lado quando vislumbrei — arrastando os pés pela Paine Street e dobrando a esquina da Gilman House — nada menos que o vulto alto, magro e esfarrapado do velho Zadok Allen. Obedecendo meu plano, atraí a sua atenção brandindo a garrafa recém-comprada e não demorou para notar que ele começara a arrastar os pés esperançoso no meu encalço enquanto eu

dobrava a esquina para a Waite Street a caminho da região mais deserta que pude imaginar.

Eu estava orientando-me pelo mapa que o rapaz da venda havia preparado e queria chegar ao trecho em total abandono na parte sul do cais que havia visitado mais cedo. As únicas pessoas que eu havia visto por lá foram os pescadores no quebra-mar distante e, caminhando alguns quarteirões para o sul, eu poderia ficar fora do alcance visual deles, encontrar um par de assentos em algum molhe abandonado e ficar à vontade para interrogar o velho Zadok sem ser observado, pelo tempo que fosse necessário. Ainda não havia chegado à Main Street quando ouvi um “Ei, senhor!” fraco e ofegante às minhas costas e permiti que o velho me alcançasse e desse várias bicadas na garrafa. Comecei a jogar uns verdes enquanto seguíamos em meio àquela desolação onipresente e às ruínas oblíquas, mas logo percebi que a língua do ancião não se soltaria com a facilidade que eu esperava. Enxerguei enfim um caminho coberto de mato na direção do mar entre paredes de tijolos ruínas com o prolongamento de um cais de terra e alvenaria projetando-se para além do mato. As pedras cobertas de musgo empilhadas perto da água prometiam assentos toleráveis e o cenário ficava protegido da vista por um armazém em ruínas ao norte. Achei que ali seria um lugar ideal para uma longa conversa secreta e tratei de conduzir meu acompanhante pelo caminho e escolher lugares para nos sentarmos entre as pedras musgosas. O ar de

morte e abandono era terrível e o fedor de peixe quase insuportável, mas eu estava decidido que nada me deteria.

Restavam cerca de quatro horas para conversar se eu quisesse pegar o ônibus das oito para Arkham, e tratei de injetar mais álcool no velho beerrão enquanto comia minha refeição frugal. Tive o cuidado de não passar do limite com minha generosidade para a tagarelice etílica de Zadok não afundar num estupor mudo. Uma hora depois, sua furtiva taciturnidade deu mostras de ceder, mas, para meu desconsolo, ele continuava esquivando-se de minhas perguntas sobre Innsmouth e seu tenebroso passado. Expressia-se de maneira confusa sobre assuntos correntes, revelando grande familiaridade com jornais e uma forte tendência para filosofar à maneira sentenciosa dos vilarejos.

Quando a segunda hora estava esgotando-se, temi que a minha garrafa de uísque não fosse suficiente e estava pensando se devia abandonar o velho Zadok para ir buscar mais quando o acaso proporcionou a abertura que minhas perguntas não haviam conseguido e as divagações do velho arquejante tomaram um rumo que me fez inclinar para perto dele e ouvir com a maior atenção. Eu estava de costas e ele de frente para o mar malcheiroso quando alguma coisa fez o seu olhar erradio fixar-se no contorno baixo e distante do Devil Reef, que se exibia por inteiro e fantasmagórico acima das vagas. A vista pareceu deixá-lo perturbado, pois ele soltou

uma série de imprecações em voz baixa que terminaram num sussurro confidencial e um olhar de esguelha. Ele inclinou-se para mim, agarrou as lapelas de meu casaco e soprou algumas pistas que não permitiam equívocos.

“Foi lá que tudo começou... naquele lugá amardiçoado com toda a mardade onde começa as água profunda. Porta do inferno... desce a pique pra uma profundidade que sonda nenhuma não consegue arcanjá. O veio cap’tão Obed fez... ele que adescobriu mais do que divia nas ilha dos Mar do Sul”.

“Tava todo mundo na pió naqueles tempo. Comércio caindo, usinas perdendo negócio... mermo as nova... e nossos melhó rapaiz matado na pirataria na guerra de 1812 perdido com o brigue *Elizy* e a barçaça *Ranger*, os dois negócio do Gilman. Obed Marsh, ele tinha treis navio no mar, o bergatim *Columby*, o brigue *Hetty* e a barca *Sumatry Queen*. Foi o único que manteve o comércio com as índia Orienta e o Pacifico, embora a goleta *Malay Bride* de Esdras Martin fez negócio até vinte e oito”.

“Nunca teve arguém como cap’tão Obed... diabo velho! Ré, ré! Posso até vê ele falano das estranhas e chamano todos os rapazes de besta praquê eles ficá ino nas reunião de Natal e suportano suas dô com humirdade. Diz que era bom eles arranja uns deus meiô como os daqueles cara das India; uns deus qui dava boa pescaria preles em troca deles fazê sacrificios e atendia de verdade as prece dos rapaiz”.

“Matt Eliot, seu imediato, falava um bocadinho tombem, só qu’ele era contra os rapaiz fazê coisas pagã. Falava duma ilha pra leste de Otaiti onde tinha uma porção de ruína de pedra tão veia, que ninguém não sabia o que era, meio como as de Ponape nas Carolinas, mas com os rostos escurpidos dum jeito que parecia as estátuas gigantes da Ilha da Páscoa. Tinha uma ilhotinha vulcânica lá por perto, tombem, onde tinha ruína com escurtura diferente..., umas ruínas muito gastas, como seja tivesse ficado debaixo do mar, e com uns desenhos de monstros horríveis nelas”.

“Beim, seu, Matt diz que os nativos de lá conseguia todo o peixe que podia pegar, e usava bracelete, e pulseira, e enfeites de cabeça feitos dum tipo de ouro estranho e cobertos de imagem de monstro como as escurpidas nas ruínas da ilhotinha: meio rã com jeito de peixe ou peixe com jeito de rã, riscada em tudo quanto é tipo de posição como se fosse gente. Ninguém nunca conseguiu saber deles onde eles tinham arranjado aquilo tudo, e todos os outros nativos não sabiam dizer como eles podiam conseguir tanto peixe quando nas ilhas bem perto não dava quase nada. Matt também ficava cismado e o capitão Obed também. Obed percebe tombem que um monte de rapaiz bonito sumia de vista um tempão todo o ano, e que não tinha muitos caras mais veio por lá. Ele tombem acha que uns caras tinham um jeito muito estranho mesmo pra polinésia”.

“Foi preciso Obed pra arrancar a verdade daqueles pagãos. Num sei como que ele fez, mas

começou a negocia aquelas coisa parecida com oro qui eles usava. Preguntô de onde que elas vinha e se eles podia arranja mais, e finarmente arranco a história du veio chefe. Walakea, era assim que chamavo ele. Ninguém fora de Obed não ia acredita no veio diabo gritalhão, mas o cap'tão podia lê sujeito assim como um livro. Ré, ré! Ninguém acredita nimim agora quando eu conto, e num acho que ocê vai acredita, rapai-zim..., embora, quando a gente oia procê, cê tem aqueles óio aceso como os do Obed”.

O sussurro do velho foi ficando mais fraco e senti um estremecimento com a gravidade franca e terrível de seu tom, mesmo sabendo que a sua história podia não passar da fantasia de um bêbado.

“Beim, seu, Obed sabia que tein coisa nessa arte que a maioria dos caras nunca ovuiu falá... e não ia acredita se ovisse. Parece que esses canaca sacrificava seus próprio rapai-zim e donzela pra uns tipo de coisas-deus que vive debaixo do mar e ganhava todo tipo de recompensa em troca. Eles encontrava as coisas na ilhazinha co’as ruínas estranha e parece que aqueles terríver pintor de monstros râ-pxe devia de sê os pinto dessas coisas. Tarvez eles era o tipo de criatura que começo todas as história de sereia. Eles tinha todo tipo de cidade no fundo do mar, e essa ilha levanto de lá. Parece que tinha algumas coisa viva nos prédio de pedra quando a ilha subiu de repente pra cima. Foi assim que os canaca ficô sabendo queles tava lá. Falaro por sinars assim

que eles perdero o pavô, e não demoro pra eles arruma umas barganha”.

“Aquelas coisa gostava de sacrifícios humano. Fizeram eles muito tempo antes, mas perdero o rumo do mundo de cima depois de um tempo. O que eles fazia com as vítima não é comigo, e acho que Obed não foi besta de pergunta. Mas tava tudo bem pros pagão, praque eles tava numa pió e tava desesperado com tudo. Eles até dava um certo número de jovens pras coisas do mar duas veiz por ano, vespra de 1º de maio e de Halloween, sempre que podia. Sabe, eles podia vive tanto dentro como fora d’água; é o que chamam de anfíbis, eu acho. Os canaca dizia pra eles que os cara das outras ilhas podia querê acaba com eles se sobesse que eles era assim, mas eles dizia que não ligava pra isso praque podia acaba com toda a raça humana se quisesse, qué dizê, com qualquer um que não tivesse certos sinars como os que era usado antigamente pelos antigos, seja lá quem for. Mas não querendo se incomoda, eles se escondia bem no fundo quando arguém visitava a ilha”.

“Quando tinha que lida com os pexe com jeito de sapo, os canaca meio que latia, mas acabaram aprendendo alguma coisa que deu uma cara nova pra questão. Parece que os cara humano conseguira uma espécie de relação com as besta da água, que tudo que era vivo saiu da água alguma vez e só precisa de um pouco de mudança pra vortá de novo. As coisa disseram pros canaca que se eles misturasse os sangue podia nasce

criança com cara de gente no começo, mas que depois elas ficava mais como as coisa, té que finalmente elas ia pra água pra se junta com o grosso das coisa por lá. E essa é a parte importante, garoto: os que virasse coisa peixe e entrasse na água não morria nunca mais. As coisas nunca morria se não fosse matada com violência”.

“Beim, seu, parece que, quando Obed conheceu aqueles ilhota, eles tava cheio de sangue de peixe das coisa das água profunda. Quando eles ficara veio e começaram a mostra, eles era deixado escondido até senti com vontade de ir pra água e deixa o lugar. Arguns era mais ensinado qui os outro, e arguns nunca não mudô o que precisava para ir pra água, mas a maioria ficô bem do jeito que as coisa dizia. Os que tinha nascido mais parecido com as coisa mudava logo, mas os que era quase humano as veiz ficava na ilha té que tinham mais de setenta, embora eles geramente ia pro fundo numas viagem de teste antes daquilo. Os rapaiz que ia pra água geramente vortava bastante pra visita, de manera que um home muitas vezes podia tar falando com seu próprio cinco vez avô que tinha saído da terra seca uns duzentos ano pra traiz”.

“Todo mundo largava a idéia de morre..., menos nas guerra de canoa com os morado das outras ilha, ou nos sacrificio pros deus do mar lá em baixo, ou mordida de cobra, ou peste, ou doença galopante, ou de alguma coisa antes deles pode ir pra água... Mas só ficava esp’rando um tipo de mudança que não era nem um pouco

horríver dispois de um tempo. Eles achava que o que recebia valia tudo que eles tinha deixado pra traiz... e eu acho que o Obed, ele mesmo acabo achano a mesma coisa quando penso um pouco no causo de Walakea. Mas Walakea foi um dos poco que num tinha nenhum sangue de pexe..., pois era de sangue rear que tinha casado com gente de sangue rear de otras ilhas”.

“Walakea mostro pra Obed uma porção de rito e encantamento que tinha a vê co’as coisa do mar e deixo ele vê alguns rapaiz da ardéia que tinha mudado bastante da forma humana. De um jeito o de outro, nunca deixo ele vê umas das coisa que saía sempre da água. No finar, ele deu pra ele um bejeto engraçado feito de chumbo, o sei lá oquê, que ele dizia que podia trazê as coisa pexe de qualquer lugá de debaixo d’água onde pudesse tê uma ninhada delas. A idéia era atira a coisa pra baixo com o tipo certo de reza e procura. Walakea garantia que as coisa tava espalhada pelo mundo todo, e que quem procurasse podia encontra uma ninhada delas e puxa elas se quisesse”.

“Matt não gostou nada desse negócio e queria que Obed ficasse longe da ilha, mas o cap’tão tava loco por dinheiro e acho que podia consigui aquelas coisas parecida com oro tão barata, que valia a pena se especializa naquilo. As coisas ficaro daquele jeito durante muito anos, e Obed conseguiu bastante daquela coisa parecida com oro pra pode começa a refinaria na velha usina do Waite que estava se acabano. Ele não

arriscava vende as peça como elas era, porque as gente ia ficá fazeno pergunta o tempo todo. Mesmo assim, as tripulação dele de veiz em quando arrumava um pedaço, mesmo jurando que não ia abri a boca, e ele deixava suas mulhé usar argumas peça que tinha mais jeito humano que as outra”.

“Bem, ali por perto de trinta e oito, quando eu tinha sete anos, Obed descobriu que o povo da ilha tinha sumido de vez entre uma viagem e outra. Parece que os morado das outras ilha tinha expursado eles e tomado conta de tudo. Magino que eles devia tê aqueles antigo sinar mágico qui as coisas do mar dizia que era as única que dava medo nelas. Sem falá no que quarqué canaca pode metê a mão quano o fundo do mar vomita alguma ilha com ruínas mais veia que o dilúvio. Uns bom mardito, eles era... Não deixaro nada de pé nem na ilha principar, nem na ilhota vurcânicafora as parte das ruína qui era grande dimais pra derruba. Narguns lugá, tinha umas pedrinha espaiada, como feitiço, com alguma coisa em cima como o que a gente chama de suástica hoje em dia. Decerto era os sinar dos antigos. Os cara tudo tinha sumido, nem chero das coisas parecida com ouro, e nenhum dos canaca das redondeza deixo escapa uma palavra sobre o assunto. Nem quisero admiti que tinha morado arguém naquela ilha”.

“Aquilo foi muito duro pro Obed, é craro, ver que seu negócio normar não tava dando nada. E atingiu toda Innsmouth, também, porque,

nos tempo da navegação, o que dava lucro pro mestre dum navio gerarmente dava lucro pra tripulação. A maioria dos rapaiz da cidade aceitaro os tempo duro meio que nem ovelha, resignado, mas eles também tava na pió, porque a pesca tava esgotano e as usina também num ia bem”.

“Foi nesse tempo que Obed começo a mardizê os rapaiz por ser umas ovelha e reza prum Deus cristão que não ajudava nada eles. Ele dizia pra eles que conhecia uns cara que rezava pra uns deus que dava mesmo o que a gente precisava e que, se um bando de home apoiasse ele, talvez pudesse ganha certos pode para trazê uma montoeira de pexe e um montão de oro. É craro que os que servia na *Sumatra Queen* e tinha visto a ilha sabia o que ele quiria dizê, e não estava lá muito ansioso pra chega perto das coisas do mar tar como eles tinha ouvido falá, mas os que não sabia do que se tratava ficaro balançado pelo que Obed tinha pra dizê e começaram a pergunta pra ele o que que ele podia fazê para coloca eles no caminho da fé, para trazê fartura pra eles”.

Neste ponto o velho vacilou, resmungou e mergulhou num silêncio soturno e apreensivo, olhando com nervosismo por cima do ombro e depois voltando a fitar, como que fascinado, o recife negro distante. Quando lhe falei, ele não respondeu, deixando claro que eu teria que o deixar terminar a garrafa. A narração maluca que eu estava ouvindo me interessava muito, pois

imaginava que seria algum tipo de alegoria tosca baseada na estranheza de Innsmouth, elaborada por uma imaginação ao mesmo tempo criativa e repleta de fragmentos de lendas exóticas. Nem por um instante acreditei que o relato tivesse a menor base material, mas ainda assim ele tinha um laivo de genuíno horror quando menos porque trazia referências a jóias estranhas com certeza relacionadas à tiara maléfica que eu havia visto em Newburyport. Talvez os ornatos tivessem vindo, afinal, de alguma ilha estrangeira, e era bem possível que as histórias alucinadas fossem mentiras do próprio Obed e não daquele velho beberão.

Estendi a garrafa a Zadok, que a secou até a última gota. Era estranho como ele podia agüentar tanto uísque sem o menor traço de rouquidão na voz alta e esganiçada. Ele lambeu a boca da garrafa, enfiou-a no bolso e começou a balançar o corpo e murmurar para si mesmo. Inclinando-me para captar alguma palavra articulada que ele pudesse pronunciar, pensei ter visto um sorriso sardônico por baixo da barba hirsuta. Sim, ele estava mesmo articulando palavras e eu pude captar uma boa parte delas.

“Pobre Matt... Matt ele estava sempre contra... Tentou alinha os rapaiz do seu lado e tinha longas conversa com os pregado... Não adianta..., eles correu com o pasto congregacionar da cidade e o colega metodista se mando... Nunca mais vi Resolved Babcock, o pasto batista... Ira de Jeová... Eu era uma criaturinha de na-

da, mas ovi o que ovi e vi o que vi... Dagon e Ashtoreth... Belial e Belzebu... Bezerro de Ouro e os ídolo de Canaã e dos Filisteus... Abominações babilônicas... *Mene, mene, tekel, upharsin...*”.

Ele parou de novo e, pela aparência de seus olhos azuis aquosos, temi que estivesse à beira do estupor. Mas, quando eu toquei de leve em seu ombro, virou-se para mim com espantosa vivacidade e disparou mais algumas frases obscuras.

“Não me acredita, hein? Ré, ré, ré... Então só me diga, rapazinho, por que o cap’tão Obed e vinte outros rapaiz costumava rema inté o Devil Reef na calada da noite e canta umas coisas tão alto, que dava pra ouvi elas toda na cidade quando o vento tava de jeito? Me diga, hein? E me diga por que o Obed tava sempre jogando umas coisa pesada na água profunda do outro lado do recife onde o fundo desce como um penhasco mais fundo do que dá pra sonda? Me diga o que ele fez com aquele bejeto de chumbo de forma estranha que Walakea deu pra ele? Hein, menino? E o que eles todos uivava na véspera de 1º de maio e de novo no Halloween seguinte? E por que os padre da nova igreja, uns cara acostumado de sê marinheiro, vestia aqueles manto estranho e se cobria com aquelas coisas parecida com ouro que Obed trazia? Hein?”

Os olhos azuis aquosos estavam quase alucinados e selvagens, e a barba branca suja parecia eriçada por uma corrente elétrica. E provável que o velho Zadok tenha me visto fazer um

gesto de recuo, porque soltou uma casquinada maligna.

“Ré, ré, ré, ré! Começano a vê, hein? Tarvez cê quisesse ser eu naqueles tempo, quando eu via coisas à noite no mar, da cúpula de minha casa. Ó, posso te dizê que os moleque tem ovidos grande, e eu não tava perdendo nada do que era fofocado sobre o cap’tão Obed e os rapaiz lá no recife! Ré, ré, ré! E que tar a noite que eu levei a luneta do barco do meu pai pra cúpala e vi o recife coalhado de vurtos que mergulho assim que a Lua subiu? Obed e os rapaiz tava num barquinho a remo, mas aí os vurto megulhô do lado da água profunda e não reapareceu... Que qui se acha de sê um moleque sozinho numa cúpala olhano *formas que não eram humanas!*... Hein?... Ré, ré, ré...”

O velho estava ficando histérico e eu comecei a tremer, tomado por uma ansiedade indefinível. Ele pousou uma garra no meu ombro e a maneira como o apertava não me pareceu muito amistosa.

“Magine que uma noite ocê visse alguma coisa pesada pairando sobre o bote do Obed além do recife e depois sobesse no dia seguinte que um rapazinho tinha sumido de casa. Ei! Arguém viu sinal de Hiram Gilman? Viu? E de Nick Pierce, e Luelly Waite, e Adoniram Southwick, e Henry Garrison? Ei? Ré, ré, ré, ré... Vurtos usano a language das mão..., aqueles com mãos enrolada...”

“Bein, seu, foi nesse tempo que Obed começo a ficá de pé de novo. As pessoa via suas treis filha usando coisas parecida com oro como nunca não tinha visto, e começo a sair fumaça da chuminé da refinaria. Outras gente tava prosperano também... Começou a dá pexe pra vale no porto, pronto para mata, e Deus sabe o tamanho das carga que nós começamo a mandar pra Newsbury, Arkham e Boston. Foi aí que o Obed conserto o velho ramá ferroviário. Uns pescado de Kingsport ouviu falá da peixama e veio numa chalupa, mas eles todos se perdeu. Nunca ninguém viu mais eles. E bem aí nossos rapaiz organizo a Orde Esotérica de Dagon e compro a Casa Maçônica da Loja do Calvário pra ela... ré, ré, ré! Matt Eliot era um maçã e não queria vende, mas ele sumiu de vista desd’aquela época”.

“Lembre, não esto dizeno que Obed estava decidido a deixa as coisa tar como elas era naquela ilha dos canaca. Num acho que no começo ele quiria fazer quarqué mistura, nem criar nenhum minino para levar pra água e virá pexe com vida eterna. Ele quiria as coisas de oro e tava disposto a pagá caro, e acho que os otro ficaro sastisfeito por um tempo...”

“Lá por quarenta e seis, a cidade fez umas investigação por conta própria. Muita gente sumida..., muita pregação maluca nas reunião de domingo..., muito falatório sobre aquele recife. Acho que eu ajudei contano por Selectman Mowry o que eu tinha visto lá da cúpala. Teve um

grupo uma noite que seguiu a turma do Obed até o recife, e eu ouvi uns tiro entre os barco. No dia seguinte, Obed e mais vinte dois tava na cadeia, e todo mundo fico pensando o que tava aconteceno e que tipo de acusação iam fazê contra ele. Deus, se alguém olhasse pra frente... umas duas semanas dispois, sem nada ser jogado no mar esse tempo todo...”

Zadok estava dando sinais de medo e exaustão, e deixei-o ficar em silêncio alguns instantes, mas olhando apreensivo para o relógio. Com a virada da maré, o mar estava subindo e o som das ondas pareceu despertá-lo. Recebi com satisfação a virada, pois, com a elevação da água, o fedor de peixe não seria tão ruim. Mais uma vez me esforcei para captar os murmúrios do velho.

“Aquela noite horríver... eu vi eles. Eu tava na cúpala..., montes deles..., um enxame deles... sobre todo o recife e nadano pela enseada para Manuxet... Deus, o que aconteceu nas ruas de Innsmouth naquela noite... Eles chacoalharo nossa porta, mas o pai num abriu... Dispois ele saltou pela janela da cozinha com seu trabuco atrais de Selecman Mowry pra vê o que ele podia fazê... Murmúrios dos morto e moribundo..., tiros e gritaria..., gritos na 01'Square, e na Town Square e no New Church Green... abriro a cadeia..., proclamação... traição... dissero qui era de peste quando os caras veio e viram metadi de nossa gente sumida... Ninguém não tinha sobrado, fora os que tava com Obed e as coisas, ou

ficô quieto... nunca mais que eu sube do meu pai...”

O velho estava ofegante e suava copiosamente. Seu aperto em meu ombro aumentou.

“Tava tudo limpo pela manhã..., mas tinha *traços*... Obed meio que tomo conta e diz que as coisas vão mudá... *Otros vai* participa co’a gente na congregação, e umas casa vai tê que recebe *hóspede*... Eles queria mistura como fez com os canaca, e ele não tava a fim de impedi. Foi longe, o Obed...; como um maluco no assunto. Ele diz que eles nos traiz pexe e tesoro e devia de tê o que eles quisesse dispois...”

“Nada devia de ser diferente do lado de fora, só que nós tinha que mantê segredo dos estrangeiro se nós sabia o que era bom pra nós. Nois todos tinha que fazer o Juramento de Dagon, e depois teve um segundo e terceiro juramento que alguns de nós feiz. Aqueles que ajudasse mais ia recebe prêmios especiar... muito oro. Não adiantava xiá, pois tinha um milhão deles por lá. Eles não queria subi e acaba co’a raça humana, mas, si fosse traído e obrigado, eles podia fazê um monte nesse sentido. Nós num tinha aqueles velho amuleto pra liquida eles como as gente dos Mar do Sul fazia, e aqueles canaca nunca entregava os seus segredo”.

“Fazê bastante sacrificios, e bugigangas servage, e abrigos na cidade quando eles quisesse, e eles deixaria muitos em paiz. Não ia perturba nenhum estrangeiro que pudesse ir conta história lá fora..., isto é, se eles não começasse a

espiona. Todos no bando dos fier... da Orde de Dagon..., e as criança nunca não ia morre, mas ia vortá pra Mãe Hydra e o Pai Dagon de onde tudo nós veio... *Ia! Ia! Cthulhu fhtagn! Ph'nglui m-glw'nafh Cthulhu R'yleh ngah-naglfhtaga...*”

O velho Zadok estava rapidamente mergulhando em completo desvario e eu contive a respiração. Pobre alma — a que deploráveis profundezas de alucinação a bebida, o ódio à decadência, à alienação e à morbidez que o cercavam levaram aquele cérebro fértil e imaginativo! Ele pôs-se então a resmungar, e as lágrimas rolavam pelas faces vincadas para os recessos de sua barba.

“Deus, o que eu não vi desde que eu tinha quinze anos... *Mene, mene, tekel, upharsin!*... Os rapaiz que tinham sumido e os que se matô..., os que contava as coisas em Arkham ou Ipswich, ou por aí, foi tudo chamado de louco, como ocê tá me chamano bem agora... Mas Deus, o que eu vi... Eles já tinha me matado tem muito tempo pelo qui eu sei, só que eu fiz o primero e o segundo Juramento de Dagon para o Obed, por isso era protegido, a menos que um juri deles prova que eu contei coisas sabendo e por querê... Mas não ia fazê o terceiro Juramento..., prefiria morre a fazê isso...

“Acho que foi no tempo da guerra civir, *quarto as criança nascida em quarenta e seis começo a cresce...* Argumas delas, qué dizê. Eu fiquei cum medo..., nunca fiz mais nenhuma reza dispois daquela noite horrivere nunca vi uma... *delas...* de

perto em toda minha vida. Qué dizê, nunca nenhuma de sangue com preto. Eu fui pra guerra e, si eu tivesse corage e boa cabeça, nunca que tinha vortado, mas me arranchava fora daqui. Mas os rapaiz me escreveu que as coisa num tava tão mar. Acho que eles feiz isso porque os home de alistamento do guverno tava na cidade dispois de sesseta e treis. Dispois da guerra, fico tudo iguar de ruim de novo. As pessoa começaro a caí fora..., as usinas e as lojas fecharo..., a navegação paro e o porto intupio..., ferrovia desistiu..., mas *elis...* *elis* nunca pararo de nadá pra cima e pra baixo do riu vindo daquele mardito arrecife de Satã... E mais e mais janela de soto era fechada com tábua, e mais e mais baruío era orvido nas casa que num divia tê ninguém dentro delas...”

“Os rapaiz de fora tem suas história de nóis... Achu qui ocê orviu um monti delas, pelo jeito das pergunta que ocê faiz... História sobre coisas qui elas viu uma veiz o outra e sobre aquelas jóia estranha que ainda chega de argum lugá e não é toda derretida... Mas nada nunca não fica definido. Ninguém vai credita em nada. Eles chama elas de coisas que parece oro de robo de pirata e diz que os rapaiz de Insmouth tem sangue estranja ou distemperado, ou coisa assim. Alinhais, os que vive aqui espanta todos os estranja que pode e encoraja o resto a num ficá muito curioso, especiarmente de noite. Os animar late pr’as criatura..., cavalo não é burro..., mas quano eles tava de auto, tudo bem”.

“Em quarenta e seis, o cap’tão Obed arranjo uma segunda mulher *que ninguém na cidade nunca não viu...* Uns diz que ele não queria, mas foi obrigado por aqueles que ele tinha invocado... Teve treis filho dela..., dois desapareceu novo, mas uma menina parecida com ninguém e que foi educada na Oropa. Obed acabo casano ela, usando um truque, com um cara de Arkham que num suspeitava de nada. Mas ninguém de fora tem nada a vê com os rapaiz de Insmouth agora. Barnabas Marsh, que dirige a refinaria agora, é neto do Obed com sua primera mulhé..., fio de Onesiforus, seu fio mais veio, *mas a mãe deli era outra das que nunca não era vista fora de casa*”.

“Agora Barnabas tá mudado. Num pode mais fecha os oio e tá tudo deformado. Diz que ele ainda usa ropas, mas ele vai logo i pra água. Tarveiz ele até já tento... eles as veiz entram nela por argum tempo antes de i pra sempre. Ninguém não viu ele em púbrico faz uns nove, deiz ano. Num sei comu a gente de sua pobre mulhé se sente... Ela veio de Ipswich, e quase lincharo Barnabas quano ele namoro ela faz uns bão cinqüenta anos atraís. Obed morreu com setenta e oito, e toda a geração seguinte já se foi... Os fio *da primera* muié tá morto, e o resto... Deus sabe...”

O som da maré enchente era muito insistente naquele momento e pouco a pouco parecia ir mudando o estado de espírito do ancião do sentimentalismo ébrio para uma vigília assustada. Ele parava de vez em quando renovando aqueles

olhares ansiosos por sobre o ombro ou na direção do recife e, apesar do caráter absurdo e alucinado de sua narrativa, comecei a partilhar um pouco daquela vaga apreensão. A voz de Zadok foi ficando mais esganiçada, como se ele tentasse incitar a própria coragem falando mais alto.

“Ei, ocê, ocê num diz nada? Que qui se achava de vive numa cidade como essa, com tudo apodreceno e morreno, e os monstro trançado se arrastano, e berrano, e latino, e sartando pra todo lado nos porão e sôtão escuro? Hein? Que qui se achava de ouvi os uivo noite dispois de noite saíno das igreja e da Casa da Orde de Dagon, *e sabe u que qui táfazeno parte dos nivado?* Que qui se achava de escuitá o que vem daquele horríver arrecife toda véspra de 1º de maio e de Halloween? Hein? Acha quo o veio tá loco, é? Bein, seu, *pois vô lhe dizê que isso num é o pió!*”

Zadok estava falando aos gritos agora, e a exaltação enfurecida de sua voz me perturbou mais do que eu gostaria de confessar.

“Mardito, num põe esse oiá em mim cum esses óio... Eu digo qui Obed Marsh tá no inferno, e é lá que ele tein que ficá! Ré, ré... no inferno, eu diz! Ele num pode me levá... eu num fiz nada nem disse nada p’ra ninguém...”

“Ó, ocê, rapaizinho? Bein, mesmo qui eu nunca não contei nada pra ninguém, vô conta agora! Cê fique aí sentado quieto e me escuite, guri... Isto é o que eu nunca contei pra ninguém... eu diz, eu nunca não saí mais bisbiotano

desdi aquela noite..., *mas eu discubri umas coisas do mesmo jeito!*”

“Ocê qué sabe como é u horrô de verdade, qué? Bein, ele... ele num é o que aqueles diabo pexe *feiz, mas o que elis vai fazê!* Eles tá trazeno coisas lá de onde eles vem aqui pra cidade... Veim fazeno isso faz arguns ano, e urtimamente mais devagá. As casa do norte du rio entre a Water e a Main Street tão cheia deles..., os diabo *i u qui elis traiz...* e, quano eles tive pronto..., eu digo, *quano elis tive pronto...*, já escuitô falá de um *shoggoth?*”

“Hein, tá me ovino? Vou te dizê, *eu sei como as coisa é..., vi elas uma noite quando... eh-abbb-ab! e'yabbb...*”

A inesperada repulsa e o horror inumano do uivo que o velho soltou quase me fizeram desmaiar. Seus olhos, fitando atrás de mim o mar malcheiroso, estavam literalmente saltando de sua cabeça, e o seu rosto era uma máscara de pavor digna de uma tragédia grega. A mão ossuda crispou-se com força em meu ombro, e ele não ficou imóvel quando virei a cabeça para ver o que ele poderia ter avistado.

Não havia nada que eu pudesse ver. Só a maré enchente com uma série de ondulações mais próxima, talvez, que a linha extensa da arrebentação. Mas Zadok começou a me chacoalhar, e eu me virei para observar aquele rosto transido de pavor desmanchar-se num caos de pálpebras contraindo-se e gengivas mastigando

as palavras. A voz enfim lhe voltou num sussurro trêmulo.

*“Cai fora daqui! Cai fora daqui! Eles vin
nóis... Cai fora, por sua vida! Não espera por na-
da... Agora eis sabe... Foge... depressa... pra longe
dessa cidade...”*

Outra onda grande quebrou-se contra a alvenaria solta do antigo cais, transformando o sussurro do louco ancião num novo grito inumano de gelar o sangue:

“E-yaabbbh!... ybaaaaaa!”

Antes que eu pudesse recuperar o prumo, ele havia soltado meu ombro e disparava à toda para o norte, aos tropeções, na direção da rua, contornando a parede em ruínas da doca.

Olhei de novo para o mar, mas não havia nada visível. Quando alcancei a Water Street e olhei para o norte, não avistei o menor traço de Zadok Allen.

IV

Mal consigo descrever o estado de espírito em que esse episódio horrível me deixou — um episódio ao mesmo tempo maluco e deplorável, grotesco e aterrorizador. O rapaz da venda havia-me preparado para aquilo, mas a realidade me deixara atardecido e perturbado. Por mais pueril que fosse o relato, o horror e a franqueza de louco do velho Zadok me contagiaram com uma crescente inquietação que se foi somar ao meu sentimento anterior de aversão pela cidade e sua intangível sombra de malefício.

Mais tarde, eu poderia esmiuçar o relato e extrair alguma base de alegoria histórica. Naquele momento, tudo que eu desejava era tirá-lo da minha cabeça. A hora fizera-se perigosamente tarde — meu relógio indicava sete e quinze e o ônibus para Arkham sairia da Town Square às oito — por isso tentei concentrar meus pensamentos em questões neutras e práticas enquanto caminhava apressado pelas ruas desertas com suas casas inclinadas e telhados esburacados para o hotel, onde havia guardado a valise e tomaria o ônibus.

A luz dourada do entardecer emprestava aos velhos telhados e decrepitas chaminés uma aura de paz e misticismo, mas isso não me impedia de olhar por cima do ombro de tempos em tempos. Eu ficaria bem contente de sair da fedorenta e assombrada Innsmouth e gostaria que houvesse algum outro meio além do ônibus

conduzido pelo sinistro Sargent. Mesmo assim, não me apressei demais, porque havia detalhes arquitetônicos dignos de ver em cada canto silencioso e, tal como havia calculado, eu poderia cobrir a distância necessária em meia hora.

Estudando o mapa do rapaz da venda e procurando um itinerário que ainda não houvesse percorrido, escolhi a Marsh Street em vez da State para chegar à Town Square. Perto da esquina da Fali Street, comecei a ver grupos esparsos de pessoas furtivas murmurando e, quando enfim cheguei à praça, notei que quase todos os ociosos estavam reunidos em frente à Gilman House. Tive a sensação de que muitos olhos aquosos, escancarados, me observavam curiosos, sem piscar, enquanto eu pedia minha valise no saguão e torci para que nenhuma daquelas criaturas abjetas me fizesse companhia no ônibus.

O ônibus chegou sacolejando com três passageiros, mais cedo que o esperado, um pouco antes das oito, e um sujeito de má catadura na calçada murmurou algumas palavras indistintas para o motorista. Sargent lançou para fora um saco do correio e um fardo de jornais e entrou no hotel, enquanto os passageiros — os mesmos que eu tinha visto chegando em Newburyport naquela manhã — saíram cambaleando para a calçada e trocaram algumas palavras guturais, em voz baixa, com um dos ociosos, numa língua que eu poderia jurar que não era inglês. Subi no ônibus vazio e ocupei o mesmo assento da vinda.

Mal eu havia me acomodado, porém, Sargent reapareceu e começou a resmungar numa voz roufenha e repulsiva ao extremo.

Ao que tudo indicava, eu estava com muito azar. Havia alguma coisa errada com o motor, apesar do excelente tempo feito desde Newburyport, e o ônibus não poderia completar a jornada até Arkham. Não, ele não poderia ser concertado naquela noite, nem havia outro meio de transporte para sair de Innsmouth, fosse para Arkham, fosse para qualquer outro lugar. Sargent sentia muito, mas eu teria de pousar no Gilman. O funcionário com certeza me faria um preço camarada, mas não havia mais nada a fazer. Quase paralisado pelo súbito obstáculo e apavorado com a idéia da chegada da noite naquela cidade decrépita e mal iluminada, desci do ônibus e tornei a entrar no saguão do hotel, onde o mal-humorado e estranho atendente noturno me informou que eu poderia ficar com o quarto 428 perto do último andar — grande, mas sem água corrente — por um dólar.

Apesar do que tinha ouvido sobre aquele hotel em Newburyport, assinei o registro, paguei o dólar, deixei o funcionário pegar a minha valise e acompanhei aquele atendente azedo e solitário por três lances de degraus rangendo e corredores empoeirados que não pareciam abrigar ninguém. Meu aposento, um quarto sombrio de fundo com duas janelas e a mobília esparsa e barata, dava para um pátio esqualido cercado de casas de tijolos baixas e desertas e propiciava uma vi-

são dos telhados decrepitos estendendo-se para o oeste e para os terrenos pantanosos à distância. No fim do corredor, ficava um banheiro — uma relíquia em estado lastimável com uma pia de mármore ancestral, banheira de estanho, luz elétrica fraca e painéis de madeira mofados rodeando os encanamentos.

Como o dia ainda estava claro, desci para a praça e procurei um lugar para jantar, notando, enquanto o fazia, os olhares estranhos que os mal-encarados vagabundos me atiravam. Como o armazém estava fechado, fui obrigado a escolher o restaurante que antes havia evitado, atendido por um homem encurvado de cabeça estreita e olhos fixos e arregalados e uma moça de nariz achatado com mãos enormes e desajeitadas. A comida era toda do tipo de balcão, e fiquei aliviado em saber que a maior parte saía de latas e pacotes. Uma sopa de legumes com torradas me bastou, e tratei de voltar logo em seguida para o meu quarto soturno no Gilman, tendo conseguido um jornal vespertino e uma revista suja de mosca com o funcionário de má catadura que os apanhou numa estante bamba ao lado de sua escrivaninha.

Quando a escuridão adensou-se, acendi a fraca lâmpada acima da cama barata de ferro e foi só com grande esforço que continuei lendo o que havia começado. Achei aconselhável manter a cabeça ocupada para não ficar pensando nas aberrações daquela antiga e agourenta cidade enquanto estivesse dentro de seus limites. As

maluquices inventadas que eu ouvira do velho beerrão não prometiam sonhos muito agradáveis e senti que devia manter o mais longe possível da lembrança a imagem de seus alucinados olhos aquosos.

Também não conviria me deter no que o inspetor de fábrica havia contado ao bilheteiro de Newburyport sobre o Gilman House e as vozes de seus ocupantes noturnos — não nisso, nem no rosto por baixo da tiara na galeria da igreja escura, o rosto cujo horror minha inteligência não conseguia explicar. Talvez tivesse sido mais fácil manter os pensamentos longe de tópicos perturbadores se o quarto não estivesse tão mofado. Do jeito que era, o bolor letal misturava-se de maneira repulsiva com a catanga geral de peixe da cidade, conduzindo a imaginação de qualquer pessoa para pensamentos de putrefação e morte.

Outro elemento perturbador era a inexistência de um ferrolho na porta do quarto. As marcas mostravam com nitidez que ali houvera um anteriormente, mas havia sinais de que fora removido havia pouco tempo. Por certo ele teria-se deteriorado como muitas outras coisas naquele edifício decrépito. Em meu nervosismo, corri os olhos em volta e descobri um ferrolho no guarda-roupas que, a julgar pelas marcas, parecia do mesmo tamanho do que estivera antes na porta. Para aplacar um pouco meu nervosismo, tratei de mudar aquela ferragem para o lugar vago com a ajuda de uma providencial ferra-

menta três-em-um com chave de fenda que eu trazia sempre presa em meu chaveiro. O ferrolho encaixou-se com perfeição e fiquei mais tranqüilo quando percebi que conseguiria fechá-lo com firmeza antes de me recolher. Não que eu tivesse alguma consciência real de sua necessidade, mas qualquer símbolo de segurança seria bem-vindo num ambiente daqueles. Havia parafusos adequados nas duas portas laterais que davam para os quartos adjacentes e usei-os para fixar o ferrolho.

Não tirei a roupa e resolvi ficar lendo até o sono baixar e então me deitar tirando apenas o casaco, o colarinho e os sapatos. Tirei uma lanterna portátil da valise e coloquei-a no bolso da calça para saber as horas se acordasse, mais tarde, no escuro. O sono, porém, não chegava e, quando parei de analisar meus pensamentos, notei, para minha inquietude, que estava de fato ouvindo alguma coisa sem perceber — alguma coisa que me apavorava, mas não conseguia nomear. Aquela história do inspetor havia penetrado mais fundo do que eu suspeitara em minha imaginação. Tentei retomar a leitura, mas não conseguia fazer nenhum progresso.

Alguns instantes depois, pareceu-me ouvir passos regulares fazendo ranger as escadas e os corredores. Não se ouviram vozes, porém, e me pareceu que havia alguma coisa furtiva naqueles passos. Aquilo me deixou apreensivo e fiquei em dúvida se devia mesmo tentar dormir. Aquela cidade tinha uma gente muito estranha e era

certo que haviam constatado vários desaparecimentos. Seria essa uma daquelas pousadas onde os viajantes são mortos para serem roubados? A verdade é que eu não tinha lá um ar de grande prosperidade. Ou será que os moradores ficavam muito ressabiados com visitantes enxeridos? Será que as minhas visíveis excursões turísticas e as consultas constantes ao mapa teriam provocado comentários desfavoráveis? Ocorreu-me que eu devia estar em estado de grande nervosismo para deixar que uns rangidos aleatórios me provocassem tais especulações —, mas lamentei, mesmo assim, não estar armado.

Por fim, sentindo uma fadiga que não tinha nada de sonolência, aferrolhei a porta para o corredor recém-equipada, apaguei a luz e me atirei na cama dura e irregular — de casaco, colarinho, sapatos, tudo. Na escuridão, os ruídos mais tênues da noite pareciam amplificados e uma torrente de pensamentos duplamente desagradáveis me acometeu. Lamentei ter apagado a luz, mas estava cansado demais para me levantar e acendê-la de novo. Então, depois de um longo e terrível intervalo, e precedido por novos rangidos na escada e no corredor, ouvi o ruído débil e inconfundível que parecia a maléfica realização de meus temores. Sem a menor sombra de dúvida, a fechadura da minha porta havia sido testada — de maneira cautelosa, furtiva, tentativa — com uma chave.

Minhas sensações depois de identificar aquele indício de perigo real talvez não tenham

sido mais tumultuadas por causa dos vagos temores que já me acometiam. Eu estava, sem motivo definido, por instinto, em guarda — e isto me valeu na crise nova e real, qualquer que ela viesse a ser. Mas a mudança da ameaça, de vaga premonição para uma realidade imediata, foi um choque que se abateu sobre mim com a força de um verdadeiro golpe. Em nenhum momento me ocorreu que aquela experimentação da fechadura pudesse ser um mero engano. Propósito maléfico era tudo que eu podia pensar e me conservei em absoluto silêncio esperando pelo próximo movimento do intruso.

Depois de algum tempo, os estalidos cautelosos cessaram e eu ouvi entrarem no quarto ao norte do meu com uma chave mestra. Depois, a fechadura da porta de ligação com o meu quarto foi testada com cautela. O ferrolho agüentou e eu pude escutar o assoalho ranger quando o intruso saiu do quarto. Pouco depois, ouvi novo estalido suave e percebi que o quarto ao sul do meu havia sido invadido. De novo, uma furtiva tentativa na porta de ligação aferrolhada e de novo os rangidos de alguém que se afasta. Desta vez, os rangidos prosseguiram pelo corredor e escada abaixo, e notei que o intruso percebera que as minhas portas estavam aferrolhadas e estava desistindo de sua tentativa, ao menos por algum tempo, como o futuro iria revelar.

A presteza com que arquitetei um plano de ação prova que, em meu subconsciente, eu

devia estar, havia muito, temendo alguma ameaça e avaliando meios possíveis de fuga. Desde o início eu sentira que o intruso invisível representava um perigo do qual não me deveria aproximar e encarar, mas apenas fugir a toda pressa. A única coisa que eu tinha a fazer era escapar daquele hotel com vida o mais depressa possível e por algum caminho que não fosse a escada principal e o saguão.

Erguendo-me devagar, dirigi o facho da lanterna para o comutador e procurei acender a luz sobre a cama para poder escolher e colocar no bolso alguns objetos para uma fuga rápida sem a valise. Nada aconteceu, porém, e percebi que haviam cortado a força. Alguma mobilização secreta e maligna estava decerto em curso em larga escala — o que era, eu não saberia dizer. Enquanto estava ali parado, meditando, com a mão sobre o inútil comutador, ouvi um rangido abafado no andar de baixo e pensei ter distinguido vagamente algumas vozes conversando. Um instante depois, senti-me menos seguro de que os sons mais guturais fossem vozes, pois os aparentes latidos roucos e grasnidos mal articulados guardavam pouquíssima semelhança com a fala humana. Então eu me recordei com renovada intensidade o que o inspetor de fábrica tinha escutado à noite naquele edifício mofado e pestilento.

Depois de abastecer os bolsos com a ajuda da lanterna, vesti o chapéu e fui na ponta dos pés até a janela para avaliar minhas chances de

descida. A despeito das normas estaduais, não havia escada de incêndio daquele lado do hotel, e percebi que uma distância perpendicular de três andares separava minha janela do pátio calçado de pedras. À direita e à esquerda, porém, uns velhos edifícios comerciais de tijolo ficavam encostados ao hotel e seus telhados oblíquos chegavam a uma distância de salto razoável do quarto andar em que eu estava. Para alcançar qualquer uma dessas filas de prédios, eu teria de estar num quarto a duas portas do meu — num dos casos, para o norte, no outro, para o sul — e pus minha imaginação para trabalhar prontamente calculando as chances que eu teria de me transferir para um deles.

Decidi que não poderia arriscar um aparecimento no corredor, onde meus passos por certo seriam escutados e as dificuldades de acesso ao quarto desejado seriam insuperáveis.

Meu avanço, se o conseguiria, teria de ser através das portas de ligação menos sólidas que separavam os quartos, cujos trincos e ferrolhos eu teria de forçar, usando o ombro como ariete quando fosse necessário. Achei que isso seria possível pelo estado lastimável da casa e de suas ferragens, mas percebi que não poderia fazê-lo sem barulho. Teria de contar com uma ação velocíssima e a chance de alcançar uma janela antes que alguma força hostil coordenasse-se o suficiente para abrir a porta apropriada até mim com uma chave mestra. Tratei então de empurrar a escrivaninha para escorar a porta de meu quarto

para o corredor — pouco a pouco, para fazer o mínimo de ruído.

Era evidente que minhas chances eram muito escassas e eu estava preparado para qualquer calamidade. O simples fato de alcançar outro telhado não resolveria o problema, pois ainda me restaria a tarefa de ganhar o chão e fugir da cidade. Uma coisa a meu favor era a condição arruinada e deserta das construções adjacentes e o número de clarabóias escuras escancaradas de cada lado.

Deduzindo a partir do mapa do rapaz da venda que o melhor caminho para sair da cidade era para o sul, olhei primeiro para a porta de ligação com o quarto do lado sul. Ela abria-se para dentro do meu quarto, porém, e pude perceber — depois de correr o ferrolho e descobrir que havia outras trancas fechadas — que não era favorável para ser arrombada. Abandonando-a como caminho de saída, empurrei com cuidado a armação da cama até encostar nela para impedir algum ataque que pudesse vir do quarto ao lado. A porta de ligação com o quarto do norte abria para o outro lado e eu percebi — embora um teste me informasse que ela estava trancada ou aferrolhada do outro lado — que minha evasão teria de ser por ali. Se eu pudesse alcançar os telhados dos prédios da Paine Street e descer até o chão, talvez pudesse disparar pelos pátios e as construções adjacentes ou opostas até a Washington ou a Bates — ou então emergir na Paine e contornar para o sul até a Washington. De

qualquer forma, eu tentaria alcançar, de algum jeito, a Washington e fugir à toda da região da Town Square. Minha preferência era evitar a Paine, já que o posto do Corpo de Bombeiros poderia ficar aberto a noite toda.

Enquanto meditava sobre essas coisas, olhei para fora, para o oceano esquálido de telhados em ruínas, agora abrilhantado pelos raios da Lua que começava a minguar. À direita, a fenda escura da garganta do rio cortava a paisagem: fábricas desertas e estação de trem pendendo-se como cracas para os lados. Além delas, a ferrovia enferrujada e a estrada Rowley estendiam-se por um terreno plano e pantanoso pontilhado de ilhotas de terreno mais alto e mais seco coberto de arbustos. A esquerda, o interior sulcado de córregos ficava mais perto, com a estreita estrada para Ipswitch cintilando esbranquiçada ao luar. Do lado do hotel onde eu estava, não podia avistar a estrada para o sul, para Arkham, que pretendia tomar.

Eu estava especulando, indeciso, sobre o melhor momento de atacar a porta do norte e como fazê-lo com o menor ruído possível quando percebi que os ruídos indistintos em baixo haviam dado lugar a um novo e mais forte ranger das escadas. Uma luz bruxuleante filtrou pelas frestas da porta e as tábuas do assoalho do corredor começaram a gemer sob um peso considerável. Sons abafados de origem aparentemente vocal aproximaram-se, até que alguém bateu com força na porta do meu quarto.

Por um instante, eu apenas contive a respiração e esperei. Uma eternidade pareceu escoar e o fedor repulsivo de peixe pareceu crescer de maneira repentina e espetacular. Depois repetiram a batida — de maneira ritmada e com crescente insistência. Eu sabia que o momento de agir havia chegado e soltei o ferrolho da porta de ligação do norte, preparando-me para a tentativa de arrombamento. As batidas foram ficando mais fortes, aumentando minha esperança de que sua altura pudesse encobrir o barulho de meus esforços. Empreendendo, enfim, a minha tentativa, joguei-me várias vezes com o ombro esquerdo contra os painéis da porta sem me importar com o choque ou a dor. A porta resistiu mais do que eu esperava, mas não desisti. Entrementes, o alarido na porta do corredor ia aumentando sem parar.

Finalmente, a porta de ligação cedeu, mas com tal estrondo, que tive a certeza que os de fora teriam escutado. No mesmo instante, as batidas na porta transformaram-se numa agressão violenta, enquanto chaves soavam ameaçadoras nas portas para o corredor dos quartos dos dois lados de onde eu estava. Correndo pela passagem recém-aberta, consegui aferrolhar a porta do corredor do quarto do norte antes que a fechadura fosse aberta, mas, enquanto fazia isto, pude ouvir a porta do corredor do terceiro quarto — aquele de cuja janela eu esperava atingir o telhado abaixo — ser experimentada com uma chave mestra.

Por um momento, meu desespero foi total, pois me pareceu inevitável que eu seria apanhado num quarto sem janelas para o exterior. Uma onda de terror quase anormal me percorreu, investindo de uma singularidade terrível mas inexplicável as pegadas deixadas no pó pelo intruso que havia tentado abrir a porta para o meu quarto, que vislumbrei sob o fecho da lanterna. Depois, agindo com pasmo automatismo que persistiu apesar do caráter insustentável de minha situação, avancei para a porta de conexão seguinte e fiz o movimento cego de empurrá-la no esforço para a transpor e — imaginando que as trancas estivessem providencialmente intatas como as deste segundo quarto — aferrolhar a porta do corredor antes que a fechadura fosse aberta por fora.

Uma sorte absoluta adiou a minha sentença, pois a porta de ligação à minha frente não só estava destrancada como, de fato, entreaberta. Num segundo eu cruzei por ela e meti o joelho direito e o ombro contra a porta do corredor que estava sendo aberta para dentro. A pressão que eu fiz pegou o invasor de surpresa, pois a porta fechou com o empurrão, permitindo que eu corresse o ferrolho bem conservado como fizera na outra porta.

Enquanto conquistava esse alívio temporário, ouvi quando as batidas nas outras duas portas cessaram e um alarido confuso erguia-se à porta que eu havia escorado com a cama. Com toda certeza, o grosso de meus atacantes havia

entrado no quarto do lado sul e estava-se juntando para um ataque lateral. No mesmo instante, uma chave mestra fez-se ouvir na porta seguinte ao norte, e eu percebi que havia um perigo mais próximo.

A porta de ligação do lado norte estava escancarada, mas não dava tempo para pensar em verificar a fechadura que já estava sendo virada do corredor. Tudo que eu podia fazer era fechar e aferrolhar a porta de conexão aberta bem como a sua irmã do lado oposto — empurrando uma cama contra a primeira e uma escrivaninha contra a outra e deslocando um lavatório para diante da porta do corredor. Eu teria de confiar naqueles obstáculos improvisados para me proteger até alcançar a janela e o telhado sobre a casa da Paine Street. Mas, mesmo naquele momento crítico, meu maior horror era algo diferente da fraqueza imediata de minhas defesas. Eu estava tremendo, porque nenhum de meus perseguidores, a despeito de alguns arquejos, grunhidos e uivos contidos e repulsivos em intervalos irregulares, emitia algum som vocal inteligível ou não abafado.

Enquanto eu arrastava os móveis e corria para a janela, ouvi uma correria assustada pelo corredor até o quarto ao norte do que eu ocupava e percebi que as batidas do lado sul haviam cessado. Estava evidente que a maioria dos meus inimigos pretendia concentrar-se na frágil porta de ligação que sabidamente se abriria bem onde eu estava. Lá fora, a Lua brincava sobre o espi-

gão do prédio abaixo e eu pude perceber que a inclinação da superfície onde eu devia pousar tornaria o salto muito perigoso.

Pesando as condições, escolhi para escapar a janela mais ao sul das duas, planejando pousar no declive interno do telhado e alcançar a clarabóia mais próxima. Uma vez dentro da decrepita construção de alvenaria, eu teria de contar com uma perseguição, mas esperava descer e escapar por uma das passagens escancaradas ao longo do pátio sombreado até a Washington Street e me esgueirar para fora da cidade na direção sul.

A pancadaria na porta de ligação do norte era então terrível e notei que as folhas da porta estavam começando a lascar. Era evidente que os sitiantes haviam trazido algum objeto pesado para fazer de ariete. A cama resistiu, porém, o que me deu ao menos uma chance remota de sucesso na fuga. Enquanto abria a janela, notei que ela era flanqueada por pesados reposteiros de veludo suspensos de uma vara por argolas de latão e também que havia um prendedor para os postigos no exterior. Vendo ali um meio de evitar um salto perigoso, dei um puxão nas cortinas e as trouxe para baixo com vara e tudo, e depois enganchei duas argolas no prendedor da janela e soltei a cortina para fora. As pesadas dobras caíram em cheio no telhado saliente e notei que as argolas e o prendedor provavelmente suportariam o meu peso. Assim, subindo no parapeito da janela e usando a improvisada escada de cor-

da, deixei para trás, para sempre, o tecido mórbido e infectado de horror da Gilman House.

Pousei com segurança nas telhas de ardósia soltas do íngreme telhado e consegui alcançar a escura clarabóia escancarada sem um escorregão. Olhando para cima, para a janela de onde eu saíra, observei que ela ainda estava às escuras, embora pudesse observar, ao longe, ao norte, para além das chaminés em ruínas, as luzes brilhando ameaçadoras na Casa da Ordem de Dagon, na igreja batista e na igreja congregacional, cuja mera lembrança me dava calafrios. Não parecia haver ninguém no pátio abaixo e contava com uma chance de fugir antes de o alarme geral espalhar-se. Dirigindo o fecho da lanterna para a clarabóia, vi que não havia degraus para descer. Mas a altura era baixa e, segurando-me na borda, deixei-me cair sobre um assoalho empoeirado forrado de caixas e barris esfacelados.

O lugar era aterrador, mas eu abstraí dessas impressões e rumei de imediato para a escada que a lanterna me revelou — não sem antes consultar apressado o relógio que indicava duas da manhã. Os degraus estalavam, mas pareciam sólidos, e eu me precipitei para baixo cruzando um segundo andar com jeito de celeiro até chegar ao térreo. O abandono era total e apenas ecos respondiam ao som de meus passos. Cheguei enfim ao vestíbulo térreo com um retângulo fracamente iluminado numa ponta indicando a ruínosa passagem para a Paine Street. Caminhando na direção oposta, encontrei uma porta dos

fundos que também estava aberta e saí em disparada pelos cinco degraus de pedra até o calçamento de pedras arredondadas intercalado de mato do pátio.

O luar não chegava até ali, mas consegui orientar-me com a ajuda da lanterna. Uma luz fraca saía de algumas janelas do lado da Gilman House e pensei ter ouvido sons confusos saindo lá de dentro. Caminhei em silêncio para o lado da Washington Street e, notando a existência de várias passagens abertas, escolhi a mais próxima para sair. O interior da passagem estava escuro e, quando atingi a outra ponta, notei que a porta para a rua estava solidamente calçada por cunhas. Decidido a tentar outro prédio, voltei às apalpadelas para o pátio, mas parei pouco antes da abertura.

Por uma porta aberta na Gilman House, escoava para fora uma grande multidão de vultos suspeitos — lanternas balouçavam na escuridão e horríveis vozes grasnadas emitiam gritinhos em alguma língua que com certeza não era o inglês. Os vultos movimentavam-se de maneira atabalhoada e pude perceber, para meu alívio, que não sabiam para onde eu havia ido, mas, mesmo assim, um arrepio de horror me traspassou.

Não dava para distinguir as suas feições, mas seu jeito bamboleado e curvo de andar causava uma extrema repulsa. O pior foi quando notei um vulto usando um estranho manto e a inconfundível tiara daquele modelo que já me era por demais familiar. Enquanto os vultos iam-se

espalhando pelo pátio, meus temores foram aumentando. E se eu não conseguisse encontrar uma saída daquele prédio para a rua? O fedor de peixe era abominável e achei que talvez não conseguisse suportá-lo muito tempo sem desmaiar. Tateando de novo na direção da rua, abri uma porta do vestibulo e entrei num quarto vazio com janelas bem fechadas, mas sem caixilhos. Correndo a luz da lanterna, percebi que poderia abrir os postigos e, um segundo depois, eu saltava para fora e fechava a passagem com cuidado para ficar como antes.

Eu estava na Washington Street, então, e por alguns instantes não avistei viva alma nem qualquer sinal de luz, salvo a Lua. Vindas de direções distintas e longínquas, porém, eu podia ouvir o som de vozes roucas, passos e um tipo curioso de chapinhar que não soava muito como passadas. Não tinha tempo a perder. Os pontos cardeais estavam claros para mim e me agradou que as luzes da iluminação pública estivessem apagadas, como de hábito nas zonas rurais pobres em noites enluaradas. Alguns sons vinham do sul, mas mantive a decisão de fugir naquela direção. Como eu bem imaginava, teria de haver muitos pórticos desertos que me poderiam proteger caso eu topasse com alguma pessoa ou grupo com ar perseguidor.

Avancei com rapidez, mas em silêncio, rente às casas arruinadas. Apesar de estar desganhado e sem chapéu ao fim da esgotante subida, eu não tinha uma aparência que chamasse a

atenção e tinha boas chances de passar despercebido se cruzasse com algum transeunte casual. Na Bates Street, enfiei-me num portal escancarado enquanto dois vultos cambaleantes cruzavam à minha frente, mas logo retomei o caminho e me aproximei do espaço aberto onde a Eliot Street atravessa enviesada a Washington no cruzamento com a South. Conquanto ainda não tivesse visto aquele espaço, ele me parecera perigoso no mapa do rapaz da venda, pois ali a luz do luar podia-se espalhar sem obstáculos. Não valia à pena tentar evitá-lo; qualquer percurso alternativo envolveria a possibilidade de desvios com desastrosa visibilidade e um efeito retardador. A única coisa a fazer era cruzá-lo com ousadia e às claras, imitando o melhor que pudesse o andar bamboleante típico da gente de Innsmouth e confiando em que ninguém — ou, ao menos, nenhum de meus perseguidores — estivesse por perto.

Eu não podia ter a menor idéia do grau de organização da perseguição — e, na verdade, quais seriam seus propósitos. Parecia haver uma atividade inusitada na cidade, mas imaginei que a notícia de minha fuga do Gilman ainda não se havia espalhado. Eu logo teria de sair da Washington para alguma outra rua que fosse para o sul, pois aquele grupo do hotel sem dúvida estaria na minha cola. Eu devia ter deixado pegadas na poeira daquele último prédio velho, revelando como havia chegado à rua.

O espaço aberto estava intensamente iluminado pelo luar, como eu previra, e eu pude avistar os restos de um gramado cercado por uma grande de ferro, como se fosse um parque, no centro. Por sorte não havia ninguém por ali, mas um estranho zumbido ou rugido parecia crescer na direção da Town Square. A South Street era muito larga, seguindo reta, num declive suave, até o cais e dominando uma ampla visão do mar. Minha esperança era que ninguém a estivesse observando de longe enquanto eu a cruzava sob o luar brilhante.

Avancei sem ser perturbado e não ouvi nenhum ruído indicando algum espião. Olhando ao redor, desacelerei involuntariamente o passo para dar uma espiada no mar que ardia deslumbrante sob o luar no fim da rua. Muito além, do quebra-mar emergia a linha escura e sinistra do Devil Reef e, ao vislumbrá-lo, não pude deixar de pensar em todas aquelas lendas odiosas que ouvira nas últimas trinta e quatro horas — lendas que retratavam aquele recife escabroso como um verdadeiro portal para reinos de um horror insondável e uma aberração inconcebível.

Então, sem nenhum aviso, enxerguei os clarões intermitentes de luz no recife distante. Eram definidos e inconfundíveis, despertando em minha consciência um horror cego e irracional. Meus músculos entesaram-se prontos para uma fuga alucinada, que só foi contida por certa cautela inconsciente e uma fascinação quase hipnótica. Para piorar, uma seqüência de clarões

espaçados análogos, mas diferentes, que não podiam deixar de ser sinais de resposta, brilharam então na alta cúpula da Gilman House, que se erguia às minhas costas para o nordeste.

Controlando os músculos e percebendo mais uma vez o tanto que eu estava exposto, retomei com maior vigor minha simulação de andar bamboleante, sem tirar os olhos daquele recife diabólico e aziago enquanto a abertura da South Street me permitiu a visão do mar. O que aquele procedimento todo significava eu não podia imaginar; talvez se tratasse de algum estanho rito associado ao Devil Reef, ou talvez algum grupo houvesse desembarcado de um navio naquele rochedo sinistro. Dobrei então para a esquerda depois de contornar o gramado esquelético, ainda de olho no oceano que cintilava sob o luar espectral de verão e observando os misteriosos clarões daqueles inomináveis, inexplicáveis sinais.

Foi então que a impressão mais terrível de abalo abateu-se sobre mim — o abalo que destruiu meus derradeiros vestígios de autocontrole e me fez sair disparado em alucinada carreira para o sul, deixando para trás os escuros pórticos escancarados e as janelas arregaladas daquela rua deserta de pesadelo. Isto porque, num olhar mais atento, eu havia observado que as águas enluaradas entre o recife e a praia não estavam nem de longe vazias. Elas estavam vivas, fervilhando com uma horda de vultos que nadavam na direção da cidade, e, mesmo da enorme distância em

que eu estava e com a curta duração de meu olhar, eu poderia dizer que as cabeças protuberantes e os membros que açoitavam a água não eram de tal modo inumanos e aberrantes, que as duras penas poderiam ser descritos ou conscientemente formulados.

Minha corrida frenética cessou antes de eu ter percorrido um quarteirão, pois comecei a ouvir, à minha esquerda, algo como o alarido de uma perseguição organizada. Ouviam-se passos e sons guturais, e um motor falhando resfolegou para o sul pela Federal Street. Num instante tive que mudar todos os meus planos, pois, se o caminho para o sul à minha frente estava bloqueado, eu teria de encontrar outra saída de Innsmouth. Parei e me enfiei por uma porta aberta, refletindo na sorte que tivera de sair do espaço aberto e enluarado antes daqueles perseguidores passarem pela rua paralela.

Uma segunda reflexão foi menos alentadora. Como a perseguição estava sendo feita em outra rua, era evidente que o grupo não estava seguindo-me diretamente. Ele não me havia visto e estava apenas obedecendo um plano geral de barrar a minha fuga. Contudo, isto significava que todos os caminhos que levavam para fora de Innsmouth estariam também patrulhados, já que eles não poderiam saber o que eu pretendia tomar. Sendo assim, eu teria que fazer minha escapada pelo campo, longe de qualquer estrada. Mas como poderia fazê-lo naquela natureza pantanosa e acidentada de toda a região circun-

dante? Por um instante, minha razão vacilou, tanto por absoluto desespero quanto pela rápida concentração daquela catanga onipresente de peixe.

Foi então que me lembrei da ferrovia abandonada para Rowley, cuja sólida base de terra coberta de mato e cascalho ainda se estendia para noroeste saindo da estação em ruínas na beira da garganta do rio. Havia uma possibilidade de os moradores da cidade não terem pensado nela, pois, com o seu abandono, ela ficara inteiramente coberta de arbustos espinhosos e quase intransitável, o caminho menos provável que algum fugitivo escolheria. Eu a vira com nitidez da minha janela no hotel e sabia onde ela estava. A maior parte de seu percurso inicial era visível da estrada para Rowley e dos pontos altos da própria cidade, mas talvez fosse possível alguém se arrastar sem ser visto por entre os arbustos. De qualquer sorte, esta seria minha única chance de fuga e só me restava tentar.

Enfiado no interior do vestíbulo de meu abrigo abandonado, consultei uma vez mais o mapa do rapaz da venda com a ajuda da lanterna. O problema imediato era como alcançar a antiga ferrovia, e eu percebi então que o caminho mais seguro era seguir reto pela Babson Street, depois para oeste pela Lafayette — lá contornando, sem cruzar, um espaço aberto semelhante ao que eu havia atravessado —, e em seguida voltando para o norte e para oeste numa linha em ziguezague pela Lafayette, Bates, Adams e Bank Streets —

essa última margeando a garganta do rio — até a estação deserta e dilapidada que eu vira da minha janela. Minha razão para seguir pela Babson era que eu não queria cruzar de novo o espaço aberto nem iniciar meu percurso para oeste por uma rua transversal larga como a South.

Pondo-me mais uma vez em movimento, cruzei a rua para o lado direito a fim de dobrar a esquina para a Babson sem ser visto. A algazarra na Federal Street persistia e, quando olhei para trás, pensei ter visto um brilho de luz perto do edifício de onde havia escapado. Ansioso para sair da Washington Street, apressei o passo, sem fazer barulho, confiando na sorte de que nenhum olhar vigilante me veria. Perto da esquina da Babson Street, observei, para grande susto, que uma das casas continuava habitada como atestavam as cortinas da janela, mas as luzes no interior estavam apagadas, e eu cruzei por ela sem problemas.

Na Babson Street, que era transversal à Federal Street e podia revelar-me aos perseguidores, coleí-me o mais rente que pude às construções periclitantes e desparelhas, parando, por duas vezes, em algum portal quando os ruídos às minhas costas pareceram crescer momentaneamente. O espaço aberto à frente brilhava amplo e desolado sob o luar, mas meu percurso não me obrigaria a cruzá-lo. Durante minha segunda parada, comecei a captar uma nova distribuição de sons vagos e, depois de espiar para fora com cuidado do esconderijo, vi um automóvel dispa-

rando pelo espaço aberto na direção da Eliot Street, que cruza com as duas, a Babson e a Lafayette.

Enquanto olhava — sufocado por um súbito aumento da catanga de peixe depois de um curto período de diminuição, vi um bando de vultos curvos e desajeitados caminhando apressado e cambaleante na mesma direção e conclui que devia ser o grupo que estava de guarda na estrada para Ipswich, já que aquela estrada era uma continuação da Eliot Street. Dois vultos do grupo que vislumbrei trajavam mantos volumosos e um deles usava um diadema afunilado que cintilava palidamente ao luar. O modo de andar dessa figura era tão estranho, que me provocou calafrios, pois me deu a impressão que a criatura estava quase saltitando.

Quando o último componente do bando sumiu de vista, retomei meu caminho, dobrando a esquina em disparada para a Lafayette Street e cruzando a Eliot à toda pressa para o caso de algum desgarrado do grupo ainda estar seguindo por aquela rua. Escutei tropéis e grasnidos distantes para o lado da Town Square, mas completei a passagem sem problemas. Meu maior pavor era que teria de cruzar de novo a larga e enluarada South Street — com sua vista para o mar — e tive de juntar coragem para enfrentar mais essa provação. Alguém poderia estar olhando e os desgarrados na Eliot Street não poderiam deixar de me vislumbrar de nenhum dos dois pontos. No último momento, decidi que o

melhor a fazer era desacelerar o passo e fazer o cruzamento como antes, com o modo de andar cambaleante de um nativo médio de Innsmouth.

Quando a visão da água descortinou-se de novo — desta vez à minha direita —, eu estava quase decidido a não olhar para ela em hipótese nenhuma. Contudo, não consegui resistir e lancei um olhar de soslaio enquanto cambaleava, em minha cuidadosa imitação de andar, para as sombras protetoras à frente. Não havia nenhum navio à vista, como eu suspeitava que haveria, mas a primeira coisa que meus olhos captaram foi um pequeno barco a remo avançando na direção do cais abandonado, carregando um objeto volumoso coberto por encerado. Seus remadores, embora os visse de longe e sem nitidez, me pareceram muitíssimo repulsivos. Pude distinguir ainda vários nadadores e ver, sobre o recife escuro distante, um clarão fraco persistente distinto do facho intermitente de antes, cuja tonalidade bizarra não poderia precisar. Por sobre os telhados oblíquos à frente e à direita, erguia-se a alta cúpula da Gilman House inteiramente às escuras. O cheiro de peixe que uma brisa piedosa havia dispersado por um momento recrudescera de novo com furiosa intensidade.

Mal havia cruzado a rua, escutei um bando avançar murmurando pela Washington vindo do norte. Quando ele atingiu o amplo espaço aberto de onde eu tivera meu primeiro vislumbre inquietador da água enluarada, tive a oportunidade de avistá-lo com nitidez a um quarteirão de

distância apenas, e horrorizou-me a anomalia bestial de suas feições e o aspecto canino e sub-humano de seu andar encurvado. Um homem avançava de maneira quase simiesca, com os braços compridos roçando muitas vezes o chão, enquanto outro vulto — de manto e tiara — parecia locomover-se saltitando. Imaginei que aquele grupo fosse o que eu havia visto no pátio do Gilman — aquele, portanto, que estava mais perto em minha cola. Quando alguns vultos viraram-se para olhar em minha direção, o terror quase me paralisou, mas consegui manter o passo cambaleante e casual que havia adotado. Até hoje não sei se me viram ou não. Se viram, meu truque os convenceu, porque cruzaram o espaço enluarado sem desviar do seu caminho, grasnando e tagarelando em algum repulsivo patoá gutural que não consegui decifrar.

De novo na sombra, retomei o mesmo passo acelerado de antes, passando pelas casas decrepitas e inclinadas fitando cegamente a noite. Tendo cruzado para a calçada do lado oeste, dobrei a esquina seguinte para a Bates Street, onde me mantive rente às construções do lado sul. Cruzei duas casas com sinais de habitação, uma delas com luzes fracas nos quartos superiores, mas não encontrei obstáculos. Julguei que estaria mais seguro ao dobrar a esquina para a Adams, mas recebi um choque quando um homem saiu cambaleando de uma varanda às escuras bem na minha frente. Por sorte, ele provou estar bêbado demais para representar alguma

ameaça, e eu consegui alcançar em segurança as ruínas tenebrosas dos armazéns da Bank Street.

Não havia ninguém se mexendo naquela rua morta do lado da garganta do rio, e o rugido da catarata quase afogava o som dos meus passos. Foi uma longa corrida até a estação em ruínas, e as paredes dos grandes armazéns de tijolo que me cercavam eram mais assustadoras que as fachadas das casas particulares. Avistei enfim a antiga estação com arcadas — ou o que havia restado dela — e me dirigi sem perder um segundo para os trilhos na extremidade oposta.

Os trilhos estavam enferrujados, mas, no geral, intatos, e não mais do que a metade dos dormentes estava podre. Caminhar ou correr sobre uma superfície daquelas era muito difícil, mas fiz o melhor que pude e, no geral, consegui fazê-lo num bom tempo. Por alguma distância, os trilhos acompanhavam a margem da garganta, até que alcancei a ponte comprida e coberta onde eles cruzavam o abismo numa altura estonteante. O estado da ponte determinaria meu próximo passo. Se fosse humanamente possível, eu a usaria; se não, teria de arriscar novas andanças pelas ruas da cidade até a ponte de estrada de rodagem mais próxima.

A enorme extensão da velha ponte com jeito de celeiro brilhava espectral ao luar e notei que os dormentes estavam firmes ao menos por alguns metros. Entrando por ela, acendi a lanterna e quase fui derrubado pela nuvem de morcegos que passou esvoaçando por mim. No meio

da travessia, abria-se um perigoso espaço entre os dormentes, e, por um instante, temi que me impedisse de avançar, mas arrisquei um salto perigoso que, por sorte, foi bem sucedido.

Avistar novamente o luar quando emergi daquele túnel macabro foi uma grata satisfação. Os velhos trilhos cruzavam a River Street em desnível e logo depois dobravam para uma região cada vez mais rural onde o abominável fedor de peixe de Innsmouth ia-se desfazendo. Ali, as moitas densas de mato espinhoso atrapalhavam a passagem rasgando cruelmente as minhas roupas, mas me alegrou ainda assim saber que elas poderiam ocultar-me em caso de perigo. Eu sabia que boa parte de meu percurso seria visível da estrada para Rowley.

A região pantanosa começava logo em seguida, com os trilhos correndo sobre um aterro baixo coberto por um mato um pouco mais ralo. Depois vinha uma espécie de ilha de terreno mais alto, onde a linha cruzava um corte aberto e raso atravancado de arbustos e espinheiros. Aquele abrigo parcial me alegrou bastante, já que naquele ponto a estrada de Rowley ficava a uma distância perigosamente próxima conforme a visão da minha janela. No final da abertura, ela cruzava a linha e afastava-se para uma distância segura, mas até lá eu teria de ser cauteloso ao extremo. A esta altura, eu estava certo de que a ferrovia não estava sendo patrulhada.

Pouco antes de entrar no trecho escavado, olhei para trás, mas não percebi nenhum segui-

dor. Os velhos telhados e cúpulas da decaída Innsmouth brilhavam adoráveis e etéreos ao mágico luar amarelado, e imaginei como deviam ter sido nos velhos tempos antes das sombras descerem. Depois, correndo o olhar da cidade para o interior, algo menos tranquilizador chamou minha atenção e me paralisou por um segundo.

O que eu vi — ou imaginei ter visto — foi uma perturbadora sugestão de um distante movimento ondulatório ao sul, sugerindo uma horda muito grande saindo da cidade pela estrada plana para Ipswich. A distância era grande e eu não podia distinguir nada com detalhes, mas a aparência daquela coluna móvel me deixou muito inquieto. Ela ondulava demais e brilhava com extrema intensidade sob o clarão da Lua que descambava então para o oeste. Havia também uma sugestão de sons, mas o vento soprava na direção oposta — a sugestão de sons rascantes bestiais e vozerio ainda pior que os murmúrios dos grupos que tinha flagrado antes.

Toda sorte de conjecturas desagradáveis passou por minha cabeça. Pensei naqueles tipos extremos de Innsmouth que, segundo se dizia, viviam apinhados naquelas pocilgas centenárias caindo em pedaços perto do cais. Pensei também naqueles nadadores obscuros que tinha visto. Contando os grupos avistados de longe e os que estariam vigiando as outras estradas, o número de meus perseguidores devia ser grande demais para uma cidade tão pouco habitada como Innsmouth.

De onde poderia vir a densa multidão da coluna que eu então avistava? Estariam aquelas velhas e insondáveis pocilgas apinhadas de moradores disformes, insuspeitos e ilegais? Ou teria algum navio invisível desembarcado uma legião de forasteiros estranhos naquele recife maldito? Quem eram eles? Por que estavam ali? E, se uma coluna deles estava percorrendo a estrada para Ipswich, teriam reforçado também as patrulhas nas outras estradas?

Eu tinha entrado na abertura de terreno coberta de mato e progredia com grande dificuldade quando aquele maldito fedor de peixe impôs-se uma vez mais. Teria o vento mudado de repente para leste, soprando agora do mar para a cidade? Conclui que devia ser isso quando comeci a ouvir murmúrios guturais assustadores vindo daquela direção até então silenciosa. Ouvi também um outro som — uma espécie de tropel colossal coletivo que, de alguma forma, invocava imagens das mais detestáveis. Aquilo me fez pensar illogicamente na repulsiva coluna ondulante na distante estrada para Ipswich.

Os sons e o fedor foram ficando tão fortes, que me fizeram parar, estremecendo, agradecido pela proteção que o corte do terreno me proporcionava. Era ali, lembrei, que a estrada para Rowley aproximava-se ao extremo da velha ferrovia antes de cruzá-la para oeste e afastar-se. Havia alguma coisa aproximando-se por aquela estrada, e eu teria que me abaixar até ela passar e desaparecer na distância. Graças aos céus, aque-

las criaturas não usam cães para rastrear — mas isso talvez fosse impossível em meio ao fedor onipresente na região. Agachado entre os arbustos daquela fenda arenosa, eu me senti mais seguro, mesmo sabendo que os perseguidores teriam de cruzar a linha do trem à minha frente a não mais de noventa metros de distância. Eu poderia vê-los, mas eles não poderiam, não fosse por um milagre hediondo, me avistar.

De repente, eu comecei a ficar com medo de vê-los passar. Eu enxergava o espaço enlaurado próximo por onde iriam emergir e fui acometido por idéias escabrosas sobre a impiedade irredimível daquele espaço. Talvez fossem os piores dentre todos as criaturas de Innsmouth — algo que ninguém gostaria de recordar.

O fedor tornou-se insuportável e os ruídos cresceram para uma babel bestial de grasnidos, balidos e latidos sem a mínima sugestão de fala humana. Seriam mesmo as vozes de meus perseguidores? Eles teriam cães afinal? Até aquele momento, eu não tinha visto nenhum desses animais inferiores em Innsmouth. Era monstruoso aquele tropel — eu não poderia olhar para as criaturas degeneradas que o causavam. Manteria os olhos fechados até o som diminuir para as bandas do oeste. A horda estava muito próxima agora — o ar corrompido por seus rosnados roucos e o chão quase vibrando com a cadência de seus passos animalescos. Quase perdi o fôlego e tive de colocar cada partícula de

minha força de vontade para manter os olhos fechados.

Mesmo agora eu reluto em dizer se o que se passou foi um fato repugnante ou uma alucinação de pesadelo. A ação posterior do governo, depois de meus frenéticos apelos, tenderia a confirmar que tudo havia sido uma monstruosa verdade, mas não poderia uma alucinação ter-se repetido sob o feitiço quase hipnótico daquela ancestral, assombrada e aziaga urbe? Lugares assim têm propriedades estranhas e o legado de lendas insanas poderia perfeitamente ter agido sobre mais de uma imaginação humana em meio àquelas fétidas ruas mortas e a montoeira de telhados podres e cúpulas em ruínas. Não estaria o germe de uma efetiva e contagiosa loucura à espreita das profundezas daquela sombra que paira sobre Innsmouth? Quem poderá estar certo da realidade depois de ouvir coisas como o relato do velho Zadok Allen? As autoridades jamais encontraram o pobre Zadok e não têm idéia do que lhe aconteceu. Onde termina a loucura e começa a realidade? Será possível que até este meu recente pavor seja pura ilusão?

Mas devo tentar dizer o que penso ter visto naquela noite sob a zombeteira Lua amarela — visto emergindo e saltitando pela estrada de Rowley à minha frente enquanto eu estava agachado entre os arbustos silvestres daquele ermo escavado da ferrovia. Evidentemente, minha resolução de manter os olhos fechados fracassou. Ela estava condenada ao fracasso; quem poderia

ficar agachado, às cegas, enquanto uma legião de criaturas de origem desconhecida grasnando e uivando passavam repugnantes a menos de cem metros de distância?

Eu pensava estar preparado para o pior, e de fato deveria estar considerando tudo que havia visto antes. Meus outros perseguidores haviam sido aberrações malditas; por que não estaria pronto a encarar um fortalecimento da anormalidade, olhar formas onde não houvesse a menor parcela de normalidade? Não abri os olhos até que o alarido gutural ficou tão forte num ponto, que com certeza estava diretamente à minha frente. Eu sabia então que uma boa parte deles devia estar visível ali onde as encostas da escavação diminuíam e a estrada cruzava com a ferrovia, e não pude mais me conter de espiar o horror que a furtiva Lua amarela teria a revelar.

Foi o fim de tudo que me tenha sobrado de vida sobre a face desta Terra, de todo vestígio de tranqüilidade mental e confiança na integridade da natureza e da mente humana. Nada do que eu poderia ter imaginado — nada, mesmo, que eu poderia ter concluído se houvesse acreditado na história maluca do velho Zadok da maneira mais literal — seria comparável, de alguma maneira, à realidade ímpia, demoníaca que eu vi — ou penso ter visto. Tentei sugerir o que foi para adiar o horror de descrevê-lo cruamente. Como seria possível este planeta ter gerado de fato essas coisas, os olhos humanos terem visto, como matéria concreta, o que o homem até en-

tão só conhecia de fantasias febris e lendas vagas?

Mas eu os vi num fluxo interminável — chapinhando, saltitando, grasnando, balindo — emergindo em suas formas bestiais sob o luar espectral numa sarabanda grotesca e maligna de fantasmagórico pesadelo. E alguns deles usavam altas tiaras daquele inominável metal dourado pálido... e alguns trajavam mantos esquisitos... e um deles, o que liderava o grupo, vestia uma capa preta com uma corcova horripilante calças listradas e exibia um chapéu de feltro empoleirado na coisa informe que lhe fazia as vezes de cabeça.

Creio que a cor predominante entre eles era um verde acinzentado, mas tinham os ventres brancos. A maior parte era lisa e lúzida, mas as pregas de suas costas eram cobertas de escamas. Suas formas eram vagamente antropóides, ao passo que suas cabeças eram cabeças de peixe, com olhos enormes saltados que nunca piscavam. Dos lados dos pescoços, projetavam-se guelras vibrantes e suas patas compridas eram palmadas. Andavam saltitando, sem cadência, sobre duas pernas às vezes, sobre quatro outras. Fiquei aliviado, de certa forma, por terem no máximo quatro membros. Suas vozes grasnadas, estridentes, usadas com toda evidência para um discurso articulado, exibiam todos os tons sombrios de expressão que faltavam em suas feições.

Com toda a sua monstruosidade, porém, eles não me pareceram desconhecidos. Sabia

perfeitamente o que deviam ser — pois não tinha fresca a lembrança da tiara maligna de Newsburyport? Eram os ímpios peixes-rãs do abominável desenho — vivos e horripilantes — e, enquanto eu os observava, pude perceber também do que aquele sacerdote corcunda, de tiara, no porão escuro da igreja, me fizera lembrar apavorado. Sua quantidade ia além das conjecturas. Pareceu-me haver uma multidão interminável deles — e minha olhadela instantânea por certo só teria revelado uma fração mínima. Alguns instante depois, tudo se apagou num piedoso desmaio, o primeiro de minha vida.

V

Uma suave chuva diurna tirou-me daquele estupor na escavação da ferrovia coberta de mato e, quando eu cambaleei até a estrada à minha frente, não vi qualquer marca de pegadas na lama fresca. O fedor de peixe também havia desaparecido, os telhados em ruínas e as altas cúpulas de Innsmouth emergiam cinzentos no sudoeste, mas não consegui avistar nenhuma criatura viva em todo aquele pântano ermo e salgado que me rodeava. Meu relógio ainda funcionava, informando que passava do meio-dia.

Minha mente não estava convencida da veracidade do que eu havia passado, mas senti que havia alguma coisa hedionda por trás daquilo tudo. Eu precisava sair daquela macabra Innsmouth, e para isso tratei de experimentar minha combalida e paralisada capacidade de locomoção. Apesar da fraqueza, fome, horror e espanto, achei-me em condições de caminhar alguns momentos depois e saí devagar pela estrada lamacenta para Rowley. Cheguei, antes do anoitecer, no vilarejo onde consegui uma refeição e roupas apresentáveis. Tomei o trem noturno para Arkham e, no dia seguinte, tive uma conversa demorada e franca com as autoridades locais, procedimento que repeti, mais adiante, em Boston. O público já está familiarizado com o resultado principal dessas conversas — e eu gostaria, para o bem da normalidade, que não houvesse mais nada para contar. Talvez seja loucura o que

me está possuindo, mas, talvez, um horror maior — ou um prodígio maior — esteja manifestando-se.

Como bem se pode imaginar, desisti da maioria dos meus planos de viagem anteriores — as diversões paisagísticas, arquitetônicas e antiquadas com que antes me animavam tanto. Também não ousei procurar aquela peça de joalheria estranha que diziam que estava no Museu da Universidade de Miskatonic. Aproveitei, porém, minha estada em Arkham para coletar anotações arqueológicas que desde há muito desejava possuir, dados apressados e muito toscos, é verdade, mas passíveis de um bom aproveitamento mais tarde quando eu tivesse tempo para organizá-los e classificá-los. O curador da sociedade histórica local — o sr. E. Lapham Peabody — teve a gentileza de me ajudar e manifestou um interesse invulgar quando lhe contei que era neto de Eliza Orne, de Arkham, que nascera em 1867 e se casara com James Williamson de Ohio aos dezessete anos.

Ao que parecia, um tio meu havia passado por lá, em pessoa, muitos anos antes, numa busca parecida com a minha, e a família de minha avó era objeto de uma certa curiosidade local. O sr. Peabody me contou que tinha havido muito falatório sobre o casamento de seu pai, Benjamin Orne, pouco depois da guerra civil, pois os antecedentes da noiva eram muito misteriosos. Comentava-se que a noiva era uma órfã dos Marsh de New Hampshire — prima dos Marsh

do Condado de Essex —, mas sua formação havia sido na França e ela conhecia muito pouco sobre a sua família. Um tutor havia depositado fundos num banco de Boston para a sustentação dela e de sua governanta francesa, mas o nome do tutor não era familiar aos moradores de Arkham, e, com o tempo, ele sumiu de vista e a governanta assumiu seu papel por indicação judicial. A francesa — desde há muito falecida, agora — era muito taciturna e havia quem dissesse que ela poderia ter contado mais do que contou.

O mais desconcertante, porém, foi a impossibilidade de alguém localizar os pais legais da moça — Enoch e Lydia (Meserve) Marsh — entre as famílias conhecidas de New Hampshire. Muitos sugeriam que ela era filha de algum Marsh ilustre — ela com certeza tinha os olhos dos Marsh. Boa parte do quebra-cabeças desfez-se depois de sua morte prematura, quando do nascimento de minha avó, sua única filha. Tendo formado algumas impressões desagradáveis associadas ao nome Marsh, não me caíram bem as notícias de que ele pertencia a minha própria árvore genealógica, nem me agradou a sugestão de Peabody de que eu também tinha os olhos dos Marsh. Agradei, contudo, pelos dados que sabia que me seriam valiosos e fiz copiosas anotações e listas de referências em livros referentes à bem documentada família Orne.

Fui diretamente de Boston a minha Toledo natal e mais tarde passei um mês em Maume-

e, recuperando-me das provações. Em setembro, voltei a Oberlin para meu último ano e dali, até junho, me ocupei nos estudos e outras atividades saudáveis — lembrando o terror passado apenas nas visitas ocasionais de autoridades relacionadas com campanha que meus apelos e evidências haviam desencadeado. Em meados de julho — um ano exato depois da experiência de Innsmouth —, passei uma semana com a família de minha falecida mãe em Cleveland, checando alguns de meus novos dados genealógicos com as diversas notas, tradições e peças de herança que haviam por lá e vendo que tipo de mapa de relações em poderia construir.

Essa tarefa não me foi especialmente prazerosa, porque a atmosfera da casa dos Williamson sempre me deprimira. Havia ali um ranço de morbidez e minha mãe nunca me encorajara a visitar seus pais quando eu era criança, embora sempre recebesse bem o pai quando ele vinha a Toledo. Minha avó de Arkham me parecia muito estranha e quase aterrorizante, e não creio que tenha lamentado a sua partida. Eu tinha oito anos, então, e dizia-se que ela vivia delirando de tristeza depois do suicídio do meu tio Douglas, seu primogênito. Ele havia-se matado depois de uma viagem à Nova Inglaterra — a mesma viagem, sem dúvida, que fizera com que fosse lembrado na Sociedade Histórica de Arkham.

Esse tio parecia-se com ela e também nunca me agradara. Alguma coisa na maneira de olhar fixa, sem piscar, dos dois provocava em

mim uma inquietação vaga e indescritível. Minha mãe e o tio Walter não tinham aquela expressão. Eles eram parecidos com seu pai, mesmo que o pobre primo Lawrence — filho de Walter — fosse quase uma duplicata perfeita da avó antes de seu estado mental levá-lo à reclusão permanente num asilo em Canton. Eu não o via há quatro anos, mas meu tio sugeriu, certa vez, que seu estado, tanto físico quanto mental, era péssimo. Esse tormento talvez tivesse sido o principal motivo para a morte de sua mãe dois anos atrás.

Meu avô e seu filho viúvo, Walter, constituíam agora toda a família de Cleveland, mas a lembrança dos velhos tempos pairava pesadamente sobre eles. O lugar ainda me perturbava e tentei fazer minhas investigações o mais depressa possível. Os registros e tradições dos Williamson me foram fornecidos em abundância por meu avô, embora, para o material sobre os Orne, eu tivesse de contar com o tio Walter, que colocou à minha disposição todos os seus arquivos, inclusive anotações, cartas, recortes, lembranças, fotos e miniaturas.

Foi examinando as cartas e fotos do lado Orne que comecei a adquirir um certo terror de meus próprios ancestrais. Como já disse, minha avó e meu tio Douglas sempre me inquietaram. Agora, anos depois de seu desaparecimento, eu olhava seus rostos retratados com um sentimento de repulsa e estranheza muito maior. De início, não consegui compreender a mudança, mas,

aos poucos, uma terrível comparação começou a se infiltrar por meu subconsciente apesar da firme recusa de minha consciência a admitir a menor suspeita daquilo. Era evidente que a expressão típica daqueles rostos sugeria agora algo que não havia sugerido antes, algo que provocaria um pânico absoluto se fosse pensado com liberdade.

Mas o pior choque veio quando meu tio me mostrou as jóias dos Orne que estavam guardadas numa caixa-forte no centro da cidade. Algumas peças eram delicadas e inspiradoras, mas havia uma caixa com velhas peças exóticas que meu tio relutou em me mostrar. Tinham, segundo me disse, um desenho muito grotesco e quase repulsivo e, ao que ele sabia, jamais haviam sido usadas em público, embora minha avó gostasse de admirá-las. Lendas vagas de má sorte as cercavam e a governanta francesa de minha bisavó havia dito que não deviam ser usadas na Nova Inglaterra, embora fosse seguro usá-las na Europa.

Quando meu tio começou a desembulhar lentamente, e aos resmungos, as coisas, ele me recomendou que não ficasse chocado com a estranheza e freqüente repulsa que os desenhos causavam. Artistas e arqueólogos que os viram declararam que seu feitio era de notável e exótico requinte, embora nenhum deles tivesse sido capaz de definir com precisão o material de que eram feitos ou atribuí-los a alguma tradição artística específica. Havia ali dois braceletes, uma tia-

ra e uma espécie de peitoral, este último com figuras em alto relevo de uma extravagância quase insuportável.

Controlei minhas emoções durante essa exposição, mas meu rosto deve ter traído os temores crescentes que me acometiam. Meu tio parecia concentrado e fez uma pausa em sua atividade para estudar meu rosto. Fiz um gesto para ele prosseguir, o que ele fez com renovados sinais de relutância. Ele parecia esperar alguma demonstração quando a primeira peça — a tiara — tornou-se visível, mas duvido que esperasse o que de fato aconteceu. Eu também não o esperava, achando que estava perfeitamente prevenido do que seriam as jóias. O que eu fiz foi desmaiar em silêncio como me acontecera naquela escavação ferroviária coberto de mato um ano antes.

Daquele dia em diante, minha vida tem sido um pesadelo de cismas e apreensões, sem saber o quanto é odiosa verdade e o quanto é loucura. Minha bisavó havia sido uma Marsh de origem desconhecida cujo marido vivera em Arkham; e Zadok não havia dito que a filha de Obed Marsh com uma mãe monstruosa havia-se casado com um homem de Arkham aproveitando-se de um ardil? O que fora mesmo que o velho beerrão havia murmurado sobre os meus olhos parecerem-se com os do capitão Obed? Em Arkham, também, o curador me havia dito que eu tinha os olhos dos Marsh. Seria Obed Marsh o meu próprio tataravô? Quem — ou o

quê — então era minha tataravó? Mas isso tudo poderia ser loucura. Esses ornamentos de ouro esbranquiçado poderiam perfeitamente ter sido comprados de algum marinheiro de Innsmouth pelo pai de minha bisavó, fosse ele quem fosse. E aquele olhar fixo nos rostos de minha avó e meu tio suicida poderia ser uma pura fantasia de minha parte — pura fantasia instigada pelas sombras de Innsmouth que tanto haviam obscurecido minha imaginação. Mas por que meu tio havia-se matado depois de uma busca do passado na Nova Inglaterra?

Durante mais de dois anos, consegui repelir essas reflexões com relativo sucesso. Meu pai conseguiu-me um emprego num escritório de seguros e eu me enterrei o melhor que pude na rotina. No inverno de 1930-31, porém, vieram os sonhos. No início eles eram esparsos e insidiosos, mas, com o passar do tempo, foram aumentando de freqüência e intensidade. Vastidões aquáticas abriam-se diante de mim, e eu parecia errar por titânicos pórticos e labirintos submersos de paredes ciclópicas cobertas de mato na companhia de peixes grotescos. Depois, as outras formas começaram a aparecer, enchendo-me de um horror inominável no momento em que eu acordava. Mas, durante os sonhos, elas não me horrorizam em absoluto — eu era uma delas, usando seus adornos inumanos, percorrendo seus caminhos aquáticos e orando de maneira torpe em seus templos ímpios no fundo do mar.

Havia muito mais do que eu poderia lembrar, mas mesmo o que eu me lembrava a cada manhã teria bastado para me classificar como um louco ou um gênio se eu ousasse algum dia escrever isso tudo. Alguma influência tenebrosa, eu sentia, estava tentando arrastar-me gradualmente para fora do mundo são de uma vida salutar para abismos inomináveis de alienação e trevas, e o processo me consumia. Minha saúde e aparência foram ficando cada vez piores até que fui forçado a desistir do emprego e adotar a vida reclusa e estática de um inválido. Alguma enfermidade nervosa estranha havia-se apossado de mim e tinha momentos em que quase não conseguia fechar os olhos.

Foi então que comecei a estudar o espelho com crescente apreensão. Não é agradável de se ver os lentos estragos da doença, mas em meu caso havia alguma coisa um pouco mais sutil e intrigante por trás. Meu pai parecia notá-lo, também, pois começou a me olhar de maneira curiosa e quase apavorada. O que se estava passando comigo? Estaria ficando parecido com minha avó e meu tio Douglas?

Certa noite, tive um sonho apavorante onde encontrei minha avó no fundo do mar. Ela morava num palácio fosforescente com muitos terraços, jardins com estranhos corais leprosos e grotescas florescências braquiadas, e saudou-me com uma cordialidade que pode ter sido irônica. Ela havia mudado — como os que partem para a água mudam — e contou-me que não havia

morrido. Havia, isso sim, ido a um local de que seu falecido filho fora informado e saltara para um reino cujas maravilhas — destinadas a ele também — ele havia rejeitado com uma pistola fumegante. Esse haveria de ser meu reino também — eu não poderia escapar dele. Eu não morreria jamais e viveria entre os que existiam desde antes do homem andar sobre a Terra.

Encontrei também aquela que fora a sua avó. Por oitenta mil anos, Pth'thya-I'yi vivera em Y'há-nthlei e para ali ela havia voltado depois da morte de Obed Marsh. Y'há-nthlei não fora destruída quando os homens da terra superior atiraram a morte para dentro do mar. Ela fora ferida, mas não destruída. Os Profundos não poderiam ser destruídos jamais, ainda que a magia paleogênica dos esquecidos Antigos pudessem, às vezes, barrá-los. Por enquanto, eles descansariam, mas algum dia, caso se lembrassem, erguer-se-iam de novo para o tributo que o Grande Cthulhu almejava. Seria uma cidade maior que Innsmouth da próxima vez. Eles haviam planejado disseminar-se e haviam criado aquilo que os ajudaria, mas por agora deviam esperar ainda uma vez. Por ter trazido a morte dos homens da terra superior, eu teria de fazer uma penitência, mas ela não seria muito pesada. Este foi o sonho em que eu vi um *shoggoth* pela primeira vez, e a visão me fez despertar num frenesi de gritos. Naquela manhã, o espelho me informou definitivamente que eu havia adquirido *o jeito de Innsmouth*.

Até agora, não me matei como meu tio Douglas. Comprei uma automática e quase dei o passo, mas certos sonhos me detiveram. Os tensos extremos de horror estão diminuindo e eu me sinto curiosamente atraído para as profundezas marítimas desconhecidas em vez de temê-las. Ouço e faço coisas estranhas durante o sono e desperto com uma espécie de exaltação em vez de terror. Não creio que tenha de esperar pela transformação completa como a maioria. Se o fizer, é bem provável que meu pai me interne num asilo como aconteceu com meu pobre priminho. Esplendores fabulosos e inauditos me esperam abaixo, e eu logo os procurarei. *Iä-R'lyeh! Cthulhu fhtagn! Iä Iä!* Não, eu não me matarei, não posso ser levado a me matar!

Vou tramar a fuga de meu primo daquele asilo de Canton e juntos nós iremos para a encantada Innsmouth. Nós nadaremos para aquele recife que se estende sobre o mar e mergulharemos para os abismos negros da ciclópica Y'há-nthlei de muitas colunas. E, naquela morada dos Profundos, viveremos em meio a glórias e prodígios para todo sempre.



www.tocadacoruja.net

Digitalização: YUNA

Revisão: SILINHA

TOCA DIGITAL



...na ficção de Howard Phillips Lovecraft, apenas coisas inverossímeis acontecem, sem nenhuma referência à trivialidade da vida cotidiana. Nada é por acaso, e tudo o que consta nas suas páginas evoca um sentido ominoso — trata-se do Mal, do Pior e do Terrível — confrontando magistralmente o leitor com uma experiência de terror cósmico que perturbará seus sonhos para todo o sempre...

ISBN 857321225-X



9 788573 212259